

ELIZARA CAROLINA MARIN

**O LÚDICO NA VIDA:
COLONAS DE VALE VÊNETO**

Campinas, 1996

"O LÚDICO NA VIDA: COLONAS DE VALE VÊNETO"

Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida por ELIZARA
CAROLINA MARIN e aprovada
pela comissão julgadora em 12
de junho de 1996.



Heloisa Turini Bruhns- Orientadora

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Campinas - SP
1996**



69.550.69

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	T/UNICAMP
	M338L
V.	Es.
TOMBO BC	30333
PROC.	281197
C	☐ D ☒ Y
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	22/05/97
N.º CPD	

CM-00099256-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP

M338L Marin, Elizara Carolina
O lúdico na vida: colonas de Vale Vêneto / Elizara Carolina Marin. -- Campinas, SP : [s. n.], 1996.

Orientador: Heloisa Turini Bruhns
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

I. Lazer. 2. Mulheres. 3. Trabalho. I. Bruhns, Heloisa T. (Heloisa Turini)
II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

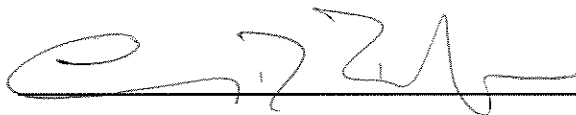
Comissão Julgadora:



Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns



Prof. Dr. Paulo de Salles Oliveira



Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

AGRADECIMENTOS

**Caminhada longa, esta denominada mestrado.
Percorri uma trilha
Unindo lazer, trabalho e vida(s).
Pisei o desconhecido.
Como toda caminhada,
Encontrei encruzilhadas.
Houve imprevistos,
Levei escorregões,
Senti e vi belezas intangíveis.
Aprendi.**

Houve quem me orientou neste percurso.

**Houve quem iniciou comigo os mesmos propósitos,
Partilhamos o belo e o nebuloso.
Cada qual seguiu seu horizonte.**

**Muitos foram os que encontrei pelo caminho.
Trocamos gestos de reciprocidade.
Alguns seguiram comigo,
Companheiros de longas reflexões,
De risos e alentos.**

**Houve a companhia de vozes e vidas,
Sem as quais esse percurso não seria realizado.
Compartilharam de si,
Num ato de confissão.**

**Acompanharam-me novamente
Aqueles que, desde sempre, têm sido companheiros fiéis,
Próximos ou distantes,
Presenças constantes,
Meus pais: Gelindo e Adélia e meus quatorze irmãos.
A eles dedico as reflexões desta caminhada.**

**Agradeço a todos
Pois, de algum modo,
Cada um depositou um pouco de si
E contribuiu para a conclusão deste percurso.**

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA	01
1 - CAPÍTULO I: VALE VÊNETO E AS COLONAS	
1.1 - CAMINHOS DA PESQUISA	07
1.2 - A COLÔNIA E AS COLONAS	14
1.3 - COLONA: TEMPO E ESPAÇO	24
1.3.1- ESPAÇOS DIVIDIDOS E COMPLEMENTARES	26
1.3.2- O TEMPO EM QUE SOPRAM OS VENTOS	29
2 - CAPÍTULO II: COLONAS: TRABALHO E DIVERSÃO	
2.1 - O COTIDIANO	48
2.2 - TRABALHO E VIDA	62
2.3 - VIDA E DIVERSÃO	71
3 - CAPÍTULO III: AS FESTAS E O COTIDIANO	88
3.1- FESTAS FAMILIARES	92
3.2- FESTAS EM COMUNIDADE	94
3.3-FESTAS: DAS MAIS SIGNIFICATIVAS ÀS MENOS SIGNIFICATIVAS	97
3.3.1- FESTA DE CORPUS CRISTI	98
3.3.2- FESTA DA GRUTA	101
3.3.3- FESTIVAL DE INVERNO/SEMANA CULTURAL ITALIANA	104
3.3.4- FESTA DOS EX-ALUNOS E MOTOQUEIROS	108
3.4- FESTAR E TRABALHAR: O ALIMENTO COMO ELEMENTO CONGREGADOR	113
3.4.1- SENTIDOS DO TRABALHO	121
4 - ÚLTIMAS CONVERSAS	129
5 - ANEXOS	
5.1 - MAPA POLÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL	140
5.2 - MAPA DA DIOCESE DE SANTA MARIA	141
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
6.1 - ARTIGOS, TESES E LIVROS	143
6.2 - DOCUMENTOS DIVERSOS	148

RESUMO: Este é um estudo das relações entre trabalho e diversão na vida de mulheres colonas moradoras na comunidade rural de Vale Vêneto, RS. O texto baseia-se no percurso realizado através de entrevistas e observações e trata das imbricações entre trabalho e diversão, tempo e espaço, feminino e masculino, familiar e comunitário, “tradicional” e “moderno”, da constante interação com a natureza e com o sagrado vividas pelas colonas e do significado cultural dessas práticas. Através das formas como se apresenta o lúdico na vida dessas mulheres, o estudo busca apontar que as especificidades não suportam generalizações. É um trabalho voltado para personagens que sofrem várias formas de exclusão. Tema, muitas vezes, relegado pela ciência.

ABSTRACT: This research is about the relations between work and fun in the lives of land worker women in a rural community of Vale Vêneto, RS. The text is based on interviews and observations between work and fun, feminine and masculine, familiar and communitary, “traditional” and “modern”, the frequent interaction with nature and sacred experienced by these women and the cultural meaning of this quotidian. The study tries to support that specific themes do not stand generalizations. It is an academic paper about people that go through many types of exclusion. Subject often relegated by the academy.

NOTA INTRODUTÓRIA

**“Sinto que sou abelha no seu artesanato.
Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
Amo a terra de um místico amor consagrado, num esponsal sublimado,
procriador e fecundo.
Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,
Suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.
Plantei e colhi pelas suas mãos calosas
e tão mal remuneradas.
Participamos receosos do sol e da chuva em desencontro,
nas lavouras carecidas.
Acompanhamos atentos, trovões longínquos e o riscar
de relâmpagos no escuro da noite, irmanados no regozijo
das formações escuras e peçadas no espaço
e o refrigério da chuva nas roças plantadas, nos pastos maduros
e nas cabeceiras das aguadas.
Minha identificação profunda e amorosa
com a terra e com os que nela trabalham (...).”**

**“A gleba me transfigura”.
Cora Coralina**

Este é um estudo das relações entre trabalho e diversão na vida de mulheres colonas¹. Para compreender como as diversões se apresentam no cotidiano de mulheres que vivem no meio rural, entrevistei, convivi e compartilhei da vida de moradoras da Comunidade² Vale Vêneto.

Tanto a escolha do tema, como o local de estudo me instigam e convidam para melhor compreendê-lo. Ambos estão relacionados a minha história de vida. Vale Vêneto é o local de minhas origens e até os dezessete anos foi palco de grandes lições. Depois, em busca de outros aprendizados e possibilidades, parti, e Vale Vêneto tornou-se meu local de estudo. Preferi não separar o estudo de minha vida. Wright Mills, em seu artigo “Do artesanato Intelectual”³, discute sobre método de pesquisa alertando sobre a importância da não separação entre trabalho intelectual e a vida. Para ele, devemos aprender a usar a experiência de nossas vidas no nosso trabalho, continuamente. Minha opção pelo tema está relacionada também a um sentimento de classe. Preferi estudar um espaço social considerado “atrasado”, “coisa do passado”, mas que no Brasil ainda ocupa áreas extensas; muitas vezes relegado pela ciência e pela política. Quis, também, estudar o cotidiano de personagens a qual Michelle Perrot⁴ denomina de “os excluídos da história”. Lancei, portanto, meu olhar a seres que considero sofrerem dupla exclusão: por serem mulheres e mulheres rurais.

¹ Segundo Loraine Slomp GIROM, RS: imigração e colonização, p.64, “estabeleceu-se a denominação de colônia para designar as terras destinadas ao recebimento dos imigrantes europeus, que tinham como objetivo o estabelecimento da pequena e média propriedade no Brasil. É esta a designação dada pela legislação imperial”. Essa denominação é utilizada pelas colonas em estudo ao referirem-se ao local onde moram, bem como autodenominam-se de colonas.

² O uso do termo comunidade não se refere, no caso de Vale Vêneto, a um grupo social com objetivos idênticos, coesão interna e relações homogêneas. Refere-se, sim, a um elemento central na vida destes colonos, apresentando no seu interior interesses diversos, conflitantes e ambíguos. Questão a ser tratada no decorrer dos capítulos.

³ C. WRIGHT MILLS, A imaginação sociológica, p. 211-243.

⁴ Michelle PERROT, Os excluídos da história.

Preferi estudar um local específico pela possibilidade de compreender como se dão as relações entre trabalho e diversão no concreto, no vivido pelas pessoas; pela possibilidade de apreender as múltiplas relações existentes numa dada organização social.

As entrevistas e observações se estenderam pelos meses de julho, agosto, setembro, outubro de 1994 e fevereiro de 1995. Busquei amparo, para efetivação do estudo, além das vozes e vidas das colonas, nos documentos escritos na Paróquia e no Museu de Vale Vêneto, na bibliografia sobre imigração italiana e em autores que discutem sobre a questão da cultura, do trabalho e do lazer. No desenrolar dos capítulos procurei estabelecer um diálogo entre a fala dos sujeitos e a dos autores e vice-versa.

Construí o primeiro capítulo discorrendo sobre o meu percurso pelas residências, pelas estradas, compartilhando dos momentos de festas e preparativos, comungando do cotidiano dos sujeitos do estudo, por meio da formação de um vínculo de amizade. Através de um panorama geral, situo Vale Vêneto no interior do contexto brasileiro, apresento os personagens que o constituem: descendentes de imigrantes italianos que conservam em seu meio tradições dos pais e avós e valores marcadamente tradicionais; e, mais especificamente, apresento as personagens sujeitos deste estudo, através dos espaços que circulam e da concepção de tempo que as guiam. Inseridos no seio da atual sociedade brasileira, esses colonos não assimilaram no seu todo as relações capitalistas. Dividem-se entre os trabalhos da casa e da roça e orientam-se, preponderantemente, pelo tempo da natureza e pelo calendário litúrgico.

No contexto desta lógica e da diversidade de tarefas que está ao encargo das colonas, os dias adquirem feição de “corre-corre” e o trabalho

aparece como a marca em suas vidas. No entanto, um mergulho pelo cotidiano, dialogando com as colonas sobre o trabalho e a diversão, propósito do segundo capítulo, aponta que a diversão não se apresenta dissociada do trabalho, mas presente na lida diária, entre ela, nela e nos momentos que excedem a rotina. Não obstante, trabalho e diversão não são vividos como tempos específicos, mas constituintes de um todo que é a própria vida das colonas.

Por se tratar de um estudo sobre as diversões e pelas celebrações festivas assumirem relevância na comunidade estudada, no terceiro capítulo, caminho na companhia e ao sabor das diversas festas familiares e comunitárias que compõem o calendário religioso e festivo das colonas. A continuidade existente entre o tempo de trabalho e o festivo, entre os trabalhos preparatórios da festa e a diversão, entre o familiar e o comunitário, entre o sagrado e o profano, o convívio (e o conflito) entre o “tradicional e o “moderno” e o reforço e a exceção dos valores sustentados no cotidiano adquirem evidência neste capítulo, o que auxilia na compreensão das relações sociais tecidas pelo grupo estudado.

Como situar o contexto cultural dos sujeitos da pesquisa no interior de estudos sobre o lazer se, em geral, eles se prendem, nas discussões, na dicotomia entre trabalho e lazer? Restringir-se à dicotomia trabalho e lazer não seria fechar os olhos para as outras esferas de vida humana e para outras formas de manifestação social? Salta aos olhos, através deste estudo, que as especificidades não comportam generalizações. Ao generalizar, perdemos o que é identificador. Determinados conceitos não servem para todas as formas de vida. Utilizar conceitos baseados em determinadas relações sociais, adequando-os aos nossos estudos, nem sempre é o melhor procedimento.

Muitas questões se abrem quando estudamos um espaço desconsiderado pelos estudiosos do lazer. Que lazer tem sido pensado? O que os estudos sugerem como lazer e o que a sociedade nos oferece como lazer correspondem ao que realmente desejamos para o nosso lazer? Este estudo e as especificidades apresentadas se abrem como uma forma de repensar o lazer no interior da Educação Física, enquanto campo de conhecimento e área de atuação profissional. A ação de pesquisar exige, antes da utilização mecânica de determinados conceitos, um olhar que leve em conta as especificidades. E a atuação profissional, situada no interior do processo educativo, deveria estar atenta à cultura dos personagens com os quais atua, caminhando de mãos dadas com o vivido por eles.

CAPÍTULO I

VALE VÊNETO E AS MULHERES COLONAS

1.1- CAMINHOS DA PESQUISA

Este estudo possui abordagem qualitativa. Não se prende, portanto, a quantificações e a amostragens probabilísticas. Centrei meus esforços na trama do cotidiano, buscando compreender as mulheres colonas nas suas relações com a terra, com a natureza, com a família, com a vida na comunidade e o significado dessas ações.

Não me preocupei em delimitar idade. Mas é preciso dizer que, na busca de mais elementos e fidelidade ao que é específico do local, minhas atenções voltaram-se para as mulheres que sempre viveram e permaneceram em Vale Vêneto. Como consequência do êxodo rural, a maioria das entrevistadas são idosas.

Para uma compreensão articulada da vida das colonas, houve necessidade de compartilhar seu mundo, observando, registrando a fala e, principalmente, participando do cotidiano delas, através da formação de um vínculo de amizade, pois como diz Ecléa Bosi¹ "...não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto de pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes". Parti do pressuposto de que, somente através da interação com as pesquisadas, compreenderia a complexa trama de que é feito seu cotidiano. Especialmente porque essa trama não se apresenta desnuda, nas aparências. É preciso penetrar, ir ao interior, tocar o detalhe, enxergar o miúdo e querer se entregar. O coração participa do processo de pesquisa.

¹ Ecléa BOSI, Cultura de massa e cultura popular, p.13.

Há necessidade de se estar sensível não somente ao que é dito explicitamente, mas também ao não dito. Os silêncios, as modulações da voz, os movimentos da cabeça e das mãos, as linhas inscritas nas mãos e na face, o jeito de falar, andar e vestir espelham suas vidas². Como poderia compreender a vida que pulsa nas palavras, nos gestos, se estivesse imbuída apenas da busca da racionalidade pregada pela “objetividade científica”³? Essas mulheres confiaram-me suas vidas, conforme ensinou-me Dona Ana: “Isso é uma confissão, filha, eu confiei”. Pesquisei vidas humanas e, nessa relação, encontrei almas que se abriram para uma confissão.

Encontrei nas obras *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi, e *Vidas Compartilhadas*, de Paulo de Salles Oliveira, esteio para uma compreensão da relação entre sujeito e objeto mais comprometida com os pesquisados, com a ciência e com a sociedade de um modo geral. Paulo de S. Oliveira⁴ nos ensina que tanto “pesquisador quanto pesquisados são sujeitos e objetos numa pesquisa. Um se emudece temporariamente para que o outro se exprima ... alternando entre si as condições de criador e de criatura...” criando, desta forma, como aponta o mesmo autor, “relações de interdependência entre sujeito e objeto, quer dizer, a impossibilidade de um existir sem o outro.”

Ao supor-se um estudo do outro, de compreensão de um mundo que não tem sido mais a morada do pesquisador, as atenções redobram-se com o intuito de entrar, participar e ser um aprendiz. Não significa anular, ignorar a situação de pesquisador. Significa reconhecer que deste mundo pouco se sabe e

² Ibid., p. 13 - 23, trata a questão no texto “Sobre a cultura das classes pobres”,

³ Refiro-me ao método objetivo de Emile DURKHEIM (1982) onde o objeto se impõe sobre o sujeito e de Max WEBER (1992), que compreende o conhecimento como uma ordenação racional da realidade empírica.

⁴ Paulo de Salles OLIVEIRA, *Vidas compartilhadas*, p. 58.

que os pesquisados têm a propriedade de poder nos ensinar⁵. Diante disso, o pesquisador não tem como eximir-se, precisa colocar todo seu empenho nesse trabalho de responsabilidade, porque é através dele que os sujeitos pesquisados vão ser conhecidos.

De um lado, o pesquisador necessita da adesão voluntária do pesquisado para o ato de abrir as portas de sua casa e compartilhá-la. De outro, como nos diz Paulo de S. Oliveira, é a possibilidade do pesquisado “encontrar aí um meio através do qual possa se expressar e se reconhecer, ao mesmo tempo”⁶.

É preciso dizer que, como pesquisadora, não me deleguei a pretensa capacidade de compreender os sujeitos do estudo por inteiro, para fazê-los contidos aqui nestas linhas. Primeiro, por estar estudando seres humanos e, portanto, em constante processo; de outro modo estaria mortificando os pesquisados. Segundo, por me enxergar apenas como intérprete e não possuidora da verdade e, conseqüentemente, por não acreditar no conhecimento através de verdades cristalizadas.

As entrevistas foram realizadas nas residências das colonas por opção das mesmas. Os primeiros contatos, na sua maioria, foram mantidos aos sábados à noite, depois da celebração religiosa (momento mais adequado para encontrá-las). No decorrer, marcávamos hora e dia de maior disponibilidade para os próximos encontros, para que a entrevista pudesse transcorrer tranqüilamente, afastando o desconforto do imprevisto, do indesejado. Na maioria das vezes os encontros foram marcados para os dias de semana, pois conforme

⁵ Ecléa BOSI, Cultura de massa e cultura popular, p. 16, escreve que existem muitas fontes através das quais podemos vir a compreender a respeito da cultura das classes pobres e uma delas é através dos intelectuais, mas - reflete a autora- são os depoimentos dos trabalhadores que com mais força de razão podem nos ajudar, “(...)eles alcançaram, através de uma vida intensa das condições de sua classe, uma consciência militante”.

⁶ Paulo de S. OLIVEIRA, Vidas compartilhadas, p. 62.

refletiam: “No final de semana sempre tenho visita”(Dona Vitória). “No sábado não dá, é corrido, a gente tem que adiantá tudo pra domingo não corrê tanto. No domingo entom a gente descansa um pouco”(Dona Joana). Já Dona Ana e Dona Rosália preferiram marcar para o domingo. Esta última salientou que no domingo lhe “sobra um tempinho, senom os dias som curto, quando vê já passô”; Dona Ana explicou que, assim, eu lhe faria companhia.

Não houve necessidade de apresentações, pois todas me conheciam. No primeiro contato procurava, então, explicar os objetivos do estudo de modo a não criar constrangimentos e desconfianças. Procurava, também, responder a algumas perguntas feitas por elas, perguntas que auxiliariam nos esclarecimentos dos objetivos da pesquisa, como exemplo: “Onde tu tá agora”?, “O que tu faz lá longe”?, “Má, como é que tu agüenta ficá longe assim”? No decorrer dos encontros, sempre que necessário, voltava a explicar. Procurei tranquilizá-las no sentido de que suas identidades seriam preservadas com a troca dos nomes por outros, quando da elaboração do texto. Nesses primeiros contatos, nomes me foram indicados, providencialmente, muitos de forma espontânea seguido do comentário - “sabe quem é boa pra conversá”? Dona Joana indicando a sua vizinha, Dona Ana - “aquela Brondani lá perto do cerro seria bom que tu entrevistasse ela...”, comentou Dona Regina.

As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas que necessitou ser reelaborado para melhor ajustar-se às peculiaridades local e aos objetivos do estudo.

As falas foram registradas através do uso do gravador, com o consentimento das pesquisadas, transcritas na íntegra e utilizadas no corpo do texto na forma coloquial. Assim procedi para preservar suas características,

identificadoras de um modo e condição de vida, pois contribuem na tradução da realidade dos sujeitos de estudo.

Raras foram as vezes, quando de minha chegada em suas casas, que as encontrei descansando. Suas mãos estavam ocupadas, desenvolvendo as funções mágicas de transformar a linha em renda, de retirar os resíduos e devolver o brilho às panelas, de debulhar o milho e alimentar a criação, de selecionar os grãos para alimentar os seus...

Nos encontros foram sempre gentis na acolhida. Mostraram desprendimento. O que para mim seria uma doação do seu tempo e da sua boa vontade, pois os trabalhos eram interrompidos e acumulados para horários posteriores. Elas ensinaram-me estarem naqueles momentos aprendendo: “a gente aprende falando assim”... e que aqueles momentos constituíam-se em diversão para elas: “Tu tá aqui é uma diversão pra mim. Além do teu compromisso, pra mim é ótimo.” Colocaram-se disponíveis para quantos retornos eu precisasse.

O exercício de observação se deu a cada encontro, desde o momento da chegada, na hora da entrevista, saboreando o delicioso café, nos convites para conhecer os trabalhos manuais, o jardim, a horta; no seu trabalho... até a despedida. Também se deu nos dias de festa da comunidade, aos sábados na cerimônia religiosa e nas programações decorrentes, nos preparativos das festas, nas procissões até as capelas, nos momentos quando deslocava-me de um ponto a outro, na tentativa de mergulhar na vida dos sujeitos pesquisados. Estas observações não ficaram restritas às mulheres entrevistadas. A dinâmica do local e o como as mulheres participam e atuam foram considerados significativos, na

tentativa de não afastá-las do movimento característico existente nas relações sociais.

Caminhar pelas estradas de Vale Vêneto durante os dias da semana era experiência sempre muito interessante, constituindo uma forma de observação. Os olhos desatentos podem dizer que em Vale Vêneto, impera a monotonia e nada acontece. Basta lançar os olhos a uma residência e ver a horta farta, o fogo do forno de barro ardendo em chamas para o cozimento do pão... Também aos ouvidos desatentos tudo é silêncio. Basta prestar atenção no barulho da enxada carpindo o chão pedregoso, ou na voz comandando o boi para apressar o esforço de puxar o arado, ou no barulho do trator distante arando a terra. Cada um na sua labuta. Sinal de mãos, revela Ecléa Bosi, que “fazem e transformam, penetram a natureza das coisas”⁷. Raras foram as vezes que encontrei pessoas a se deslocarem pelas estradas. Quando não era para atravessar de uma roça a outra para o trabalho, estavam voltando ou indo na casa de vizinhos para devolver, dar, ou buscar algo necessário, ou indo até o Mercado Pivetta para comprar o que lhes fugiu à previsão antecipada. Na maioria das vezes, essas pessoas iam a passos largos na pressa de chegar e concretizar o muito a espera de suas mãos. Mas não seria o acúmulo de tarefas um impedimento para parar pelo menos alguns minutos e papear.

Para compreender a complexidade do cotidiano, a sucessão dos acontecimentos, as falas, é preciso primeiramente *desejar* compreender e, portanto, ir ao seu interior, no miúdo. Resultado, como coloca Ecléa Bosi⁸, “de um

⁷ Ecléa BOSI, O trabalho manual, In: Maria Irene de Q. F. SMRECSANYI (Org.), Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano. Neste texto, a autora, ao tratar sobre o trabalho manual de um modo geral, realça, de um lado, o desprezo dirigido a ele, de outro, a sua importância para a emancipação do indivíduo.

⁸ Ecléa BOSI, Memória e sociedade, p. 38.

amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito”. Em segundo, buscar aprimorar a capacidade de ver e escutar, com vistas a derrubar as vestes da insensibilidade, do imediatismo, do já visto e conhecido e de curar as próprias cegueiras⁹. Não vejo outra forma para este exercício senão através do convívio. Mesmo assim, compartilho com Paulo de S. Oliveira¹⁰, a propósito da variedades de sensações que o convívio humano é capaz de suscitar: “olhos e ouvidos atentos ajudam, e muito, porém os ensinamentos parecem não ter fim. Sempre fica a impressão de que algo - fugaz e impalpável, porém importante - ficou para trás...”

No suceder dos dias passados em Vale Vêneto, das observações e das entrevistas, foram se fortalecendo laços de amizade com as pesquisadas. Com isso, a confiança e a tranquilidade foram crescendo.

Nesta pesquisa, doze mulheres foram entrevistadas. Três delas acima de setenta anos, quatro com mais de cinquenta anos, duas com mais de quarenta e as outras três, entre os trinta e trinta e cinco anos. Destas três, duas são solteiras e, tanto uma quanto a outra, assumem papéis centrais na família: Tereza, devido ao falecimento da mãe, e Antônia, devido ao falecimento do pai. Das casadas, apenas Dona Rosália e Dona Catarina possuem filhos pequenos.

Ouvi suas vozes. E ouvir consistiu inicialmente em ter que aprender a ouvir. A ansiedade de saber e perguntar torna-nos surdos. É um exercício de atenção, dedicação e paciência. As colunas foram estimuladas a falar sobre o seu cotidiano desde o levantar até a hora do repouso. As vozes, em momentos calmas, lentas, em outros, descompassadas, falavam da rotina, trazendo à tona

⁹ Conforme discute Paulo de Salles OLIVEIRA, no estudo *Vidas compartilhadas*.

¹⁰ Ibid., p.69.

saudosismos remissivos, passagens herdadas dos pais e avós. Expressavam o cansaço da labuta, o convívio com a família, as festividades, as horas de descanso, o prazer e o desconforto do trabalho. Enfim, mesclavam tristeza e alegria.

1.2 - A COLÔNIA E AS COLONAS

Para pesquisar um local como Vale Vêneto é preciso reaprender, ou ainda aprender, sobre um modo de vida que obedece a uma lógica peculiar, em termos de ritmo de vida, de concepção de tempo, de necessidades, de valorização, de organização familiar, de produção das condições materiais da existência. Quando ouvimos falar ou lemos sobre esta lógica, geralmente vem associada a tempos primitivos, remotos. Não é o que nos ensina José de Souza Martins, quando, prefaciando a obra *Colonos do Vinho*, diz: “a reprodução ampliada do capital é um processo que na sua complexidade abrange a preservação e, mais recentemente se viu, a criação de relações não capitalistas de produção, especialmente na agropecuária. O tradicionalismo de algumas categorias da sociedade brasileira não seria, por isso, remanescente e anacronismo de uma outra época, incompatível com a racionalidade do capital. Muito ao contrário. Sem ele, provavelmente, a reprodução capitalista entraria em crise. É a mediação e expressão de contradições específicas do processo do capital”¹¹. Subsistem porque desempenham funções para o próprio

¹¹ Citação extraída do prefácio realizado por José de Souza MARTINS na obra de José V. T SANTOS, *Colonos do vinho*, p. XVII.

desenvolvimento do capitalismo¹². Precisamos, portanto, considerar esta forma própria de conduzir a vida inserida no interior da atual sociedade brasileira. Coexistem, neste conjunto social mais amplo, o rural e o urbano com as mais diversas fisionomias, num processo dinâmico de interligações¹³.

Faz-se necessário considerar, também, que o próprio contexto de formação do núcleo colonial de Vale Vêneto está ligado diretamente ao processo de colonização do Governo Imperial do Brasil do século XIX e ao processo de expansão do capitalismo nos países europeus, neste caso, da Itália¹⁴. A crise social, política e econômica pela qual passava a Itália e a conseqüente miséria que assolava este país teve como efeito, entre outros, a migração (compulsória) de um grande contingente populacional e, neste particular, majoritariamente trabalhadores rurais, com objetivo de reduzir as tensões sociais¹⁵. No Brasil a imigração veio, nas palavras de Octávio Ianni¹⁶, “no bojo de transformações estruturais importantes na história do Brasil, isto é, transformação econômica, abolição da escravidão, urbanização, criação do que seria o setor terciário, inícios da industrialização”.

¹² Néstor Garcia CANCLINI, As culturas populares no capitalismo, aponta, de forma esclarecedora, através do estudo do artesão e das festas populares em povoados no México, serem a existência do modo de vida tradicional e a produção artesanal uma necessidade do capitalismo. Segundo o autor, “o avanço do capitalismo nem sempre precisa da eliminação das forças produtivas e culturais que não servem diretamente ao seu desenvolvimento, se estas forças proporcionam coesão a um setor numeroso da população, se ainda satisfazem as suas ou as necessidades de uma reprodução equilibrada dos sistema”, p.71.

¹³ Maria I.P. QUEIRÓS, Do rural e do urbano no Brasil. In: Tamas SZMRECSÁNYI e Oriowaldo QUEDA (Org.), Vida rural e mudança social, p. 160 - 175.

¹⁴ Concordo com Loraine Slomp GIROM, A imigração italiana no Rio Grande do Sul, p.48, quando diz que: “A análise dos fatores determinantes da imigração italiana não pode ser desvinculada da situação mundial do período, que ocasionou no Brasil um ambiente propício às transformações internas.” E não é demais lembrar, como aponta Octávio IANNI, Imigração italiana, p. 12, “que o fenômeno migratório havido do século XIX ao século XX está ligado diretamente à expansão do capitalismo europeu e às transformações das estruturas políticas, econômicas, sociais, vigentes na Europa e no Brasil, herdadas de um período anterior que era, na Europa, feudalismo e, no Brasil, escravidão”.

¹⁵ Octávio IANNI, Imigração italiana, p. 13.

¹⁶ Octávio IANNI, no artigo “Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana”, observa que a terra era um problema crucial na Itália, uma área de conflito. In: Imigração italiana.

No Rio Grande do Sul¹⁷ a colonização italiana teve início em 1875, numa política que visava a formação de núcleos coloniais em regime de pequena propriedade para ampliar o mercado consumidor, diversificar a produção agrícola brasileira e para fornecer produtos de consumo interno. As primeiras Colônias Italianas fundadas no Rio Grande do Sul foram: Conde D'Eu, atual Garibaldi, Dona Isabel, atual Bento Gonçalves, Fundos de Dona Palmeira, atual Caxias do Sul, que se localizam na micro-região da serra, nordeste do estado. E em 1876, no centro do estado, foi fundado o Quarto Núcleo de colonização com o nome de Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, atual Silveira Martins, região onde situa-se Vale Vêneto¹⁸.

É, portanto, na dinâmica do capitalismo em desenvolvimento que italianos iniciam, no Brasil, a formação de núcleos coloniais destinados à produção agrícola em regime de pequena e média propriedade. São os imigrantes do norte da Itália, mais propriamente da região de Vêneto, quem, em terras virgens, abrem estradas, picadas, constróem galpões, capelas, povoam e fundam Vale Vêneto.

Os descendentes dos imigrantes conservam-se nas pequenas propriedades montanhosas e pedregosas¹⁹, através de herança da família ou através da compra das partes de terra dos irmãos. São as mulheres descendentes que permanecem nas terras do Vale Vêneto - já que a migração para os centros

¹⁷ Vários são os autores que tratam da questão da imigração italiana no Rio Grande do Sul, dentre eles destaque: Loraine Slomp GIROM, Silvino SANTIM, Sandra Jatahy PESAVENTO, Luis Alberto DE BONI, Rovilio COSTA.

¹⁸ Dados extraídos da pesquisa realizada por Jérri Roberto MARIN, "Ora et labora": O projeto de restauração católica na ex-colônia de Silveira Martins. Para maiores esclarecimentos acrescento que, atualmente, Vale Vêneto pertence ao município de São João do Polêsine.

¹⁹ As regiões destinadas à colonização eram na sua maioria montanhosas, de mato cerrado, pedregosas e acidentadas e, portanto, rejeitadas pelos criadores de gado, grupo hegemônico à época.

urbanos é uma constante, como veremos no segundo capítulo - os sujeitos do meu estudo. Mulheres que conservam muitos dos costumes e valores dos seus pais e avós italianos, se não no cotidiano, pelo menos mantêm esse legado vivo na memória.

A biografia dessas mulheres está marcada pelo trabalho e pela religiosidade. Através do trabalho buscam a sobrevivência, a auto-realização, o reconhecimento e, na religiosidade, encontram significado e forças para “mandar pra adiante”. Tanto as mais idosas quanto as mais jovens expressaram, na fala, ofertar a labuta, o sacrifício diário, o suor do trabalho a Deus. O bom tempo, o frescor da manhã, a chuva necessária, o nascimento dos animais são para elas benesses divinas.

O trabalho e a religiosidade são a herança recebida de seus pais e avós, católicos fervorosos, originários do país sede da Igreja Católica, onde viviam agrupados no meio rural em torno das capelas. Trouxeram consigo convicções religiosas cristãs e a fé absoluta no trabalho. A fé em Deus e a perseverança no trabalho tornaram-se elementos de superação das condições geográficas, climáticas e materiais desfavoráveis aqui encontradas²⁰. A reconstrução grupal destes colonos aqui no Brasil deu-se em torno da Igreja Católica, tendo a capela como o centro de encontro não só para oração, como também para o jogo, para troca de experiências, para amenizar a solidão e a saudade da terra natal. Jérri Marin²¹ observa, em seu estudo, que “a carência de vida material dos primeiros anos levou o imigrante a reforçar o apego à religiosidade. Através da unidade pela fé, criou-se uma concepção de mundo e

²⁰ Silvino SANTIM, discute esta questão no capítulo, Dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante italiano na ex-colônia de Silveira Martins, A presença italiana no Brasil.

²¹ Jérri R MARIN, “Ora et labora”, p.118.

uma norma de conduta capazes de manter uma identidade social comum, indispensável para se auto-protegerem e para lutarem pela sobrevivência individual e grupal na nova realidade que começava no Brasil distante da pátria de origem”.

As entrevistadas mais idosas, nas suas falas, trazem à tona recordações, misturando o vivido e as histórias ouvidas²² de seus parentes e contadores de “causos” nas noites de filó²³, numa comparação entre o ontem e o hoje, em que é possível perceber a importância assumida pelas capelas como possibilidade de encontro comunitário. As lembranças de Dona Joana (73 anos) ilustram esta questão: “Eu me lembro como se fosse agora. Nós tinha uma capelinha, má eu era pequena. Lá se reunia bastante gente, por que tinha gente nesta linha quando era nova. Então todos os domingos lá saía o terço. Então todo o pessoal, era rapaz, era moça, tudo junto. Aí tinha pra lá da estrada uma cerca com tudo os eucalipto grande e nós lá tudo em fileira conversando até que chegasse a hora do terço, né. Lá se cantava que nem sei e tudo uma alegria. Era uma alegria que nem sei, hoje não tem mais nada, nem mais juventude tem.” A funcionalidade das capelas, espalhadas pelas linhas²⁴, extrapolava o culto religioso e se constituía em núcleo de solidariedade vicinal. Não é demais ouvir o

²² A respeito ouçamos Ecléa BOSI, *Memória e sociedade*, p. 407: “É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossas vidas. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal.”

²³ Encontros realizados nas residências e entre vizinhos, nos períodos de menos trabalho, com objetivo de rezar, cantar, comer, beber, jogar, contar “causos” e dividir as tristezas e saudades da terra natal. Sobre estes encontros voltarei a discutir no segundo e terceiro capítulos, por hora levanto alguns autores que escreveram sobre: José Vicente T. dos SANTOS, Arlindo Itacir BATTISTEL, Rovílio COSTA, Luis A. DE BONI, entre outros.

²⁴ Conforme Loraine GIROM, *Imigração e colonização*, p. 62, “a divisão das terras, em todas as colônias, obedeceu ao sistema de glebas contínuas denominadas de léguas...As léguas eram divididas no sentido longitudinal por estradas denominadas de travessões” ou linhas, onde eram demarcados os lotes de terra.

que escreve Silvino Santim²⁵ a esse respeito: “A Igreja ou a capela eram o centro de atração, seja do trabalho, seja do lazer, pois a vida religiosa confundia-se com o trabalho e com o lazer.”

Essa herança veio acompanhada pelo controle rígido dos padres Palotinos²⁶ “através de um trabalho - explica Jérri Marin²⁷ - capilar, tênue, paciente, repetindo constantemente a doutrina católica e combatendo argumentos contrários... Esse trabalho molecular, imperceptível, intenso, propiciado pelo contato direto e permanente com os leigos, se dava nas missas, catequeses, procissões, vias sacras, festas e associações devocionais”. Segundo o mesmo autor, principalmente à mulher era atribuído o papel de conservar na família a fé católica, especialmente por meio dos ensinamentos e prescrições recebidas mensalmente do pároco nas reuniões das Associações Devocionais - Apostolado da Oração e Filhas de Maria²⁸.

Dona Maria (54 anos), uma das organizadoras, ainda na atualidade, das reuniões do Apostolado da Oração, nos conta que tanto a presença quanto a fidelidade no cumprimento dos ensinamentos recebidos do pároco eram controladas. É ela quem narra: “Um domingo de cada mês tinha missa, comunhão,

²⁵Silvino SANTIN, A imigração esquecida, p.82.

²⁶Segundo Jérri MARIN no estudo “Ora et labora”, as orientações dos Palotinos estavam inseridas no bojo do projeto de Restauração da Igreja Católica no Brasil: “O catolicismo deveria atingir todos os aspectos da vida humana e da sociedade. A educação religiosa recebida na família, na igreja, nas associações religiosas, na imprensa deveria ser completada nas escolas paroquiais submetidas à orientação e fiscalização dos párocos”, p.106. Na diocese de Santa Maria o projeto de restauração católica priorizou as regiões povoadas por imigrantes e descendentes, “por serem portadores de um ‘genuíno espírito cristão’”, p.105.

²⁷ Ibid., p. 149.

²⁸ Segundo o Manual da Pia União Das Filhas de Maria, p.17, “A PIA união das Filhas de Maria é uma associação de donzelas cristãs que se colocam debaixo do estande da Virgem Imaculada e de Santa Inês, virgem e mártir, para melhor e mais facilmente cumprir seus estados”. No Manual Coração de Jesus, p.13, designado aos associados do Apostolado da Oração diz que o elemento essencial “é o oferecimento diário... é habituá-los e exortá-los a oferecer a própria vida em sacrifício a Deus Pai, juntamente com Cristo, e a aspirar todos os dias àquela perfeição Cristã, que fará realmente da vida de cada um uma oblação que não seja indigna de Deus.” Ambos os manuais contêm estatuto concernente às obrigações, conselhos e penas a serem obedecidas.

ofício, livrinho próprio, sabe, das Filhas de Maria. Se rezava e no final o padre diretor dava uma palestra sobre namoro, sobre os mandamentos, sobre o sacramento, como a gente devia se comportar, né. O Pe. Luís Pivetta era muito fino, entom ele proibia pintar os lábios, cortar cabelo. Me lembro tinha gente de cabelo comprido e cortô e ele sabe expulsô, demitiu como. Ele era muito finório. Até quando a gente ia se confessá ele perguntava se a gente ia e se olhava no espelho. Vê só, pra se arrumá! Entom a gente dizia que sim, aí ele perguntava se era só por vaidade ou porque a gente se olhava no espelho. E pintar-se entom era o fim da picada. Ele dizia que quem se pintasse ia ganhar câncer, porque o batom era coisa...Ele queria que imitasse Maria Santíssima ao pé da letra, porque eram Filhas de Maria, né. As filhas não podiam se comportar diferente da mãe. Apesar que teve Filhas de Maria que depois casaram grávida. Apesar de todo esse regime, essa fineza no comportamento tem quem esbarra, né, porque afinal somos seres humanos. Entom esse era o escândalo maior que podia acontecê numa paróquia...No Apostolado também nom podiam se pintar, como deviam, assim, orientá os filho, assim, impecável, aquela coisa toda. A gente orientava até que dava e depois eles se mandavam por conta.” Vigiam o vestuário, o uso de adereços, de pinturas na face e nas unhas, a participação em divertimentos, entre outros, especialmente nas celebrações religiosas, nas reuniões das associações e nos confessionários.

Silvino Santim discute que os imigrantes italianos localizados no Quarto Núcleo Colonial receberam atenção profundamente diferenciada das demais colônias, tanto aos olhos dos intelectuais como dos políticos locais e regionais, acarretando, através do isolamento e do esquecimento, um quadro que denomina de “imigração esquecida”. No bojo de sua obra levanta os possíveis

fatores que seguraram a trajetória de desenvolvimento da região impulsionada nos fins do século XIX, não cabendo aqui detalhá-los. No entanto, queria sublinhar que, se algumas instituições não estenderam seu olhar, “esquecendo-os”, o mesmo não ocorreu com as colonas descendentes. Elas trazem presente no coração, na memória e na vida, os ensinamentos, a cultura de seus pais e avós imigrantes num processo de continuidade tecido no cotidiano. Processo autêntico da cultura do povo, ensina Alfredo Bosi²⁹. Voltando-se para o vivido e o valorizado por elas (os hábitos alimentares, religiosos, as formas de trabalho, o constante rememorar do passado, as festas, as histórias, o artesanato), a designação “imigração esquecida” perde o significado.

Não estou querendo afirmar a permanência desses hábitos e valores intactos no tempo. Convive em suas vidas um movimento de preservação do passado, recusa de novos valores mas, também, de assimilação. Movimento que expressa a própria dinâmica cultural, ou, nas palavras de Eunice Durham, o “processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática”³⁰. Esse movimento é significativo pois, através dele, podemos perceber a colona não como produto da cultura, mas criadora de cultura que, por meio da sua ação e trabalho, recusa, assimila, reproduz e reinterpreta as relações sociais a seu modo, construindo a cultura³¹.

Pode-se dizer que, hoje, a vida social do Vale Vênето gira em torno da Igreja Matriz. Nos entornos encontram-se as escolas, o bar, o mercado, a Casa

²⁹ Alfredo BOSI, Cultura como tradição.

³⁰ Eunice R. DURHAM, Ensaios de opinião 2+2. Ed. Imfibia, p. 34.

³¹ Conclusões baseadas em Alfredo BOSI, Cultura como tradição, em que discute a cultura como um processo de “vida pensada”, como “ação e trabalho”.

Paroquial, o cemitério, os postos de saúde, bancário e telefônico, o Salão Paroquial, a chamada “Sociedade” ou Clube - Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva (SACE), a “praça”, o “Seminário” e onde se formou também um aglomerado de residências, o qual denominam de “centro”, “povo”, ou “povoado”. Ao contrário de antigamente, como contam as mulheres, onde as festas, jogos e encontros davam-se mais nas casas, capelas e entre vizinhos, atualmente o “povoado” concentra a maioria das possibilidades de entretenimento. Trabalho, religiosidade e divertimento confundem-se neste espaço e na vida dessas colonas.

A localidade conta, segundo censo de 1994, com 194 famílias e 727 habitantes, sendo que setenta e cinco por cento das propriedades familiares distribuem-se distantes do “povoado” e relativamente distantes entre si, localizando-se mais próximos ao que denominam de “cerros”. Essa denominação advém da geografia da localidade - um vale rodeado por morros - reveladora da designação Vale Vêneto: o Vale dos imigrantes italianos de Vêneto.

Há diferenças significativas na constituição das propriedades entre as famílias moradoras do “povoado” e dos arredores que, como veremos no decorrer deste trabalho, consubstanciam-se noutras diferenças. As propriedades mais distantes, em geral, contam com o espaço da casa rodeada por gramado, flores e plantas ornamentais. Nas adjacências, o forno de barro, os galpões, o galinheiro, o chiqueiro dos porcos, o tanque, a estrebaria, a horta, o pomar, uma área de cultivo de capim, ou outras espécies de pastagens para as vacas e terneiros, pequenas roças de produtos de subsistência familiar (mandioca, batata-doce, pipoca, amendoim...) e, mais distantes, o mato, os poteiros e as roças de produção comercializável (milho, soja, batata, feijão, uva e, algumas famílias,

porongo). Combinam em suas propriedades criação de animais e produção agrícola.

Diferem das propriedades que constituem o “povoado” por estas serem próximas umas das outras, de tamanho reduzido, onde a lavoura e a criação de gado não assumem tarefas econômicas principais na família. Outras atividades são realizadas, tais como: comércio, trabalhos com a escola, criação de frangos. Aqueles envolvidos também com roças, deslocam-se para trabalhar, pois localizam-se distantes do espaço da casa. No entanto, as flores, o tanque, a estrebaria, o galinheiro, o chiqueiro, a horta, o pomar, apresentam-se também nestas residências.

Representam, na aparência, dois mundos distintos - o do “cerro” e o do “povoado” - tanto relacionado aos trabalhos considerados básicos para a reprodução familiar, quanto ao ritmo de vida. Contudo, comungam crenças, costumes, valores, hábitos de vida, mantendo-se, na essência, integrados. O “povoado” possui função aglutinadora, integradora, congregando os moradores semanalmente, especialmente em torno das atividades religiosas e divertimentos nele concentrados. Basicamente, um centro de referência. Ali estabelecem identidades e fazem acertos de “contas”.

Os ofícios das colonas se distribuem entre esses espaços, atuando predominantemente em algumas esferas, num ritmo subsequente, iniciando desde o acordar até a hora do repouso e alongando-se por dias, semanas, meses e anos. “É uma vida de sacrifício que se leva aqui na colônia, má eu me conformo com as vontade de Deus”, revela Dona Ana (75 anos) e reiteram-na a maioria das colonas. A testa tesa, a fala lenta e reflexiva, que acompanha o discurso sobre a hostilidade da “vida na colônia”, alternada entre a sombra e o sol, a água e a terra, perde

intensidade e abre espaço para o alento e um tom de voz mais ritmado ao falar da alegria de “plantá a semente na terra e completá a obra de Deus”, de sentir o “frescor depois da chuva”, de ir para horta e “enxergá tudo bonito”, de “recordá do tempo antigo”, de “quando tem os netos aqui” e de “fazer crochê”.

1.3- COLONA: TEMPO E ESPAÇO

Estudar as relações de trabalho e diversão no cotidiano de um grupo social específico e deste, em particular, as mulheres, significa aqui, abordar o jogo de relações entre homens e mulheres e o encadeamento dos diversos elementos que compõem o universo simbólico onde se inserem. Não obstante, a forma particular de organizar o trabalho e vivenciar as diversões se constróem embutidas num sistema espacial e temporal que contribuem para especificar, determinar , caracterizar e compor a cultura. São eles que passo a detalhar.

Tempo e espaço são aqui entendidos, conforme aponta Harvey³², como categorias da existência humana. Possuem relações intrínsecas entre si: o espaço é pensado através do tempo e o tempo é pensado através do espaço. Ambas as concepções estão ligadas às condições de existência e desta forma - aponta Harvey³³- “cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço”. Há que se pensar desta forma, na impossibilidade de um sentido único de tempo e espaço.

³² David HARVEY, A condição pós-moderna.

³³ Ibid., p. 189.

São, ao contrário, tão distintos quanto a diversidade cultural e histórica apresentada em cada sociedade ou grupo social.

Mais especificamente, há que se pensar nas concepções de tempo existentes no interior de cada grupo social. Significa dizer existirem diversas temporalidades: de homens, de mulheres, de crianças... O que interessa para este estudo é o tempo pensado e vivido pelas colonas de Vale Vêneto a partir dos espaços onde circulam. As concepções de tempo, espaço e as relações entre os seus, no interior da unidade familiar e social, aqui apresentadas, seguem a ótica das mulheres. O tempo não foi tratado nas entrevistas e observações como algo em si. Mas ele nos foi apresentado através do cotidiano, do vivido e valorizado por elas. É importante ressaltar que as formas como as pessoas se organizam nos espaços influencia na noção de tempo. Se o tempo é uma forma de se pensarem, o espaço também o é. Um exemplo desta constatação é o estudo realizado por Ellen Woortmann³⁴ em comunidades “pesqueiras” do nordeste, em que ela aponta serem distintas, entre homens e mulheres, as maneiras de perceber, medir e ocupar o tempo. Observa a autora que as mulheres medem e referem-se ao tempo por gerações de mulheres, pelo ciclo de sua vida, ciclo do desenvolvimento da família e, de certa forma, do seu próprio corpo, enquanto os homens referem-se ao tempo através dos acontecimentos do mar, espaço de seu trabalho.

Antônio A. Arantes³⁵ também traz contribuições para esta questão, através da pesquisa bibliográfica realizada em Londres sobre o lazer (constatou possuírem, a maior parte dos trabalhos publicados na Inglaterra sobre o tema, uma marca feminina), em que focaliza a sugestão das autoras estudadas de serem

³⁴ Ellen WOORTMANN, Da complementariedade à dependência, Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 18, p.41-60.

³⁵ Antônio A. ARANTES, Horas furtadas, p. 9-21.

distintas as experiências de tempo, entre homens e mulheres. Argumentam que “as mulheres (mesmo as que trabalham fora, em jornadas integrais e regulares) tendem a conceber o tempo (e a usá-lo) de modo mais flexível, fragmentado e descontínuo do que os homens, em consequência de incluírem tipicamente, num só momento, diversas atividades”³⁶.

Há que se perguntar como as mulheres, sujeitos deste estudo, concebem o tempo e organizam-se nos espaços. Abordar essas questões se faz imprescindível neste estudo. Primeiro, por ser o *tempo* uma constante na fala e na vida das colonas. Ele permeia e norteia todas as suas relações com a natureza, com o grupo social e com a sociedade em geral. E, segundo, porque através do tempo e do espaço é possível compreender o vivido pelas colonas e neste, em particular, no que tange ao trabalho e as diversões.

1.3.1 - ESPAÇOS DIVIDIDOS E COMPLEMENTARES

A partir das colocações expostas, apontar os espaços predominantemente femininos no âmbito da colônia no sentido estrito (propriedade familiar) e mais geral (localidade), torna-se necessário. Espaço, aqui compreendido não apenas como ambiente físico mas, também, como linguagem tradutora de conhecimentos apreendidos, culturalmente construídos, articuladores e definidores de relações sociais.

Os diversos espaços componentes da unidade familiar são funcionalmente articulados, segundo uma determinada produção, organização e subdivisão de tarefas pertinentes a cada gênero, constituindo o que Ellen

³⁶ Antonio A. ARANTES, Horas Furtadas, p.11.

Woortmann denomina de “sistema”³⁷. De um modo geral, pode-se compreender a propriedade subdividida em três grandes espaços: a casa, os fundos da casa e a lavoura. Cada um deles carrega consigo domínios e tarefas separando homens de um lado e mulheres e crianças de outro, correspondente à oposição entre casa e roça³⁸- espaços referenciais dos colonos - mas nem sempre rigidamente estabelecida. Oposição que hierarquiza, separa, mas também complementa e unifica, pois todos os trabalhos são pensados e realizados na busca de um objetivo comum: a reprodução familiar³⁹. As separações de espaços e domínios tornam-se mais tênues em casais idosos, ou como no caso de Antônia que, na ausência do pai, provê os trabalhos quer da casa, quer da roça e obtém o auxílio do irmão apenas nos finais de semana e nas férias (meses de dezembro, janeiro, fevereiro).

A casa é percebida como o centro reparador da energia gasta nos ofícios executados fora e dentro dela própria, espaço para o descanso, para o divertimento. A organização do consumo familiar e das atividades domésticas são encargos da mulher (esposa-mãe). No seu interior, a cozinha encontra-se como o espaço mais freqüentado pelos membros da família, com a diferença de que, para as mulheres, o tempo é dedicado aos afazeres a elas concernentes e, para os homens, é o espaço do descanso, do alimento, do chimarrão, da troca de idéias.

³⁷ Ellen WOORTMANN, em O sítio camponês, Anuário Antropológico/81, p.164, aborda o sítio como um “sistema de espaços diversificados, complementares e articulados entre si, sistema esse que se organiza através dos tempos como resposta ao processo histórico de expansão da propriedade pecuarista. Essa organização e essa resposta são informadas por uma lógica, uma estratégia e um saber (...) que possibilitam a reprodução da produção camponesa neste contexto regional.”

³⁸ Klaas WOORTMANN, no estudo “A comida, a família e a construção do gênero feminino” utiliza-se do alimento como linguagem que “fala” sobre o trabalho, sobre a terra, sobre a família camponesa e as hierarquias nela existentes.

³⁹ No tocante a esta questão, Lia F. G. FUKUI, Sertão e bairro rural, p.151, discute que no bairro rural estudado “ambos têm iniciativas em esferas diferentes que vão complementar a interdependência da vida do casal”.

Nela ocorre a organização familiar diária, onde são elaborados e consumidos os alimentos oriundos do quintal e da roça. Assim como a cozinha é identificada como uma esfera fundamentalmente feminina, o espaço da máquina de costura também o é, sendo raramente freqüentado pelo homem. Os outros compartimentos da casa são ocupados tanto pelos homens quanto pelas mulheres para desempenhar as funções concernentes.

O fundo da casa é um espaço intermediário e fundamental à reprodução social. Tanto homens como mulheres trabalham nele, mais ou menos, dependendo da estação do ano, embora também nele encontrem-se ambientes e tarefas predominantes de cada gênero. O tanque, situado geralmente nos fundos da casa, lugar onde lavam as roupas, elaboram o queijo e organizam os vasos de flores, é considerado um espaço de domínio feminino. A horta, o pomar, o galinheiro, a estrebaria, a roça de pasto, os pátios, também o são, porém nestes, em algumas fases do ano, os homens auxiliam. Já os galpões (onde depositam alimentos para os animais, sementes, instrumentos agrícolas, lenha...) e o chiqueiro dos porcos são domínios masculinos e as mulheres, quando necessário, tomam parte dele.

A lavoura, assim como os poteiros e o cuidado do gado de corte são trabalhos do homem. Ele organiza, dirige e a mulher auxilia nas épocas de “arrocho” . São consideradas atividades principais e as outras esferas são consideradas auxiliares na renda e na manutenção da unidade familiar. Através da roça, a família materializa-se enquanto unidade de produção e obtém os meios necessários para se reproduzir⁴⁰.

⁴⁰ Afrânio Raul GARCIA Jr., em Terra de trabalho, referindo-se a produtores periféricos à grande plantação canavieira de Pernambuco, ilustra as diferentes tarefas desenvolvidas segundo o sexo e a idade no interior da pequena propriedade rural.

Estas separações complementares fazem parte dos valores e princípios estruturantes da colônia enquanto propriedade, fazendo-se presente, nos ambientes que excedem a unidade familiar. Valores e princípios construtores de uma ética moral e de conduta pouco verbalizada, mas amplamente vigiada.

Nos meses passados junto à comunidade não vi mulheres nos balcões dos bares, nem as vi na quadra jogando vôlei ou futebol, nem mesmo as vi nas churrasqueiras nos dias de festa a assar a carne e no caixa das bebidas administrando finanças. Mas as vi sob o aro da igreja em grupos, no mercado a fazer compras, nas visitas aos doentes, na cozinha e no balcão dos doces nas festas. Também as vi dirigirem-se à parada do ônibus para levarem o filho ao médico, ao dentista, nas cidades vizinhas e para comprarem produtos necessários à manutenção da casa. Mas não as vi comercializando os sacos de feijão, de milho ou soja. A relação com o mundo exterior, ao nível dos negócios, é atributo masculino, com exceção da comercialização da produção caseira (quitanda de queijo, ovos, verduras, doces...) realizada pela mulher. Ensina-se e aprende-se sobre roça, negócios, jogo e bebida serem coisas de homem.

1.3.2 - O TEMPO EM QUE SOPRAM OS VENTOS

Os ventos, as chuvas, o frio, o calor, a seca, enfim, o tempo da natureza exerce total influência na vida dessas colonas. Sua importância é tão marcante que a primeira atitude, ao levantarem-se, é espiar pela janela ou pela porta, para visualizar como está o tempo. As cores do céu, a direção do vento demonstrada nas ramadas das árvores e o movimento das formigas são termômetros de verificação. O tempo meteorológico é assunto constante nas

conversas entre as pessoas e, de certa forma, molda o dia destas. Começamos por ele...

O dia para elas inicia quando o sol lança seus primeiros raios. Ao clarear, os corpos começam a se movimentar na busca de concretizar o que os espera. No princípio, a oração, o agradecimento por mais um dia, pela possibilidade de trabalhar: “Eu rezo de manhã, antes de levantá eu rezo...” (Tereza, 31 anos). Expressa Dona Ana (75 anos): “Na cama de manhã eu rezo, entom tudo que eu faço eu ofereço a Deus, que também é uma oração. Tudo o que a gente passa, um servicinho de nada, faço isso por amor a Deus, olhá uma planta, uma natureza, tudo por amor a Deus. Isso tudo é uma oração”.

Depois, organizar os gravetos, a palha e a lenha no fogão para acender o fogo. Há os que costumam tomar “mate”(chimarrão) e há os que logo partem para atender o chamado dos animais e iniciar a labuta: “Quando começa clareá o dia nom posso mais dormi. Os bicho começa gritá, chamá, as vaca, os pinto, tudo se acorda”(Dona Ana, 75 anos).

Iniciam-se então as obrigações das colonas, voltadas aos trabalhos da terra, ao cuidado dos animais, da horta, da casa. Envolvem-se, numa relação não restrita aos indivíduos da unidade familiar, também com a natureza e os animais. Assim como a sobrevivência do colono depende da natureza, o milho, para germinar, depende das mãos que aram, lançam e cultivam a semente na terra. Do mesmo modo como utilizam o leite para se alimentarem, as vacas clamam para extraí-lo e receber o pasto no cocho.

É freqüente nos relatos, ao falarem sobre o cotidiano, a exclamação “é sempre assim...”. O ritmo de vida desses colonos está intimamente ligado ao

ritmo da natureza, formando o que Le Goff⁴¹ denomina de “calendário dos trabalhos que - nas suas palavras - parece votado ao tempo cíclico do eterno recomeço”. Cultivam, na sua maioria, espécies agrícolas de ciclos anuais. Conseqüentemente, os ciclos de trabalho sucedem-se anualmente. No movimento das estações do ano definem-se “tempos”, nomeados de “tempo de plantar”, “tempo de colher”, “tempo da capina” e “tempo do frio”. Definem-se, portanto, períodos de muito trabalho (primavera e verão) e períodos onde as águas correm mais mansas, abrandando a labuta, sem cessá-la (outono e inverno), contudo.

Do mesmo modo que no inverno, época considerada pelos colonos mais “folgada”, dedicam-se aos cuidados dos animais, da manutenção das cercas, dos galpões, sendo possível entregarem-se mais ao sono, ao divertimento e à realização das festas comunitárias. Nas épocas de plantio e colheita, o trabalho de sol a sol pode ser uma constante, dedicando-se desta vez à concretização das tarefas impossíveis de serem adiadas - o plantio da semente ante a mudança da lua, a colheita dos grãos ante ao mau tempo. A fala de Dona Rosália (43 anos) é ilustrativa: “Serviço sempre tem, mas mais apertado mesmo é na planta depois na colheita. Na colheita tem que colhê, porque de repente chove, que nem a soja, ela, se chove... ela nom pode pegá muita chuva. Entom tem os dia de tempo bom tem que aproveitá colhê, tem que í deixando as tarefa mais assim de casa, fazê mais o principal pra fazê, aproveitá colhê, e assim a gente vai levando.”

A exclamação “é sempre assim”, vem lado a lado a outra exclamação: “pra nós casera é sempre a mesma coisa”, “é sempre a mesma ladainha”, referindo-se ao eterno refazer diário da lida doméstica em todos os períodos do ano. Embora no inverno dediquem-se mais aos trabalhos da casa,

⁴¹ Jacques LE GOFF, História e memória, p. 519.

estes são considerados mais “penosos”, em função do frio endurecer as articulações, da água enregelar as mãos, da chuva lhes cair sobre os ombros nos horários ligados ao trato dos porcos, das galinhas, da coleta do alimento na horta e ao buscar o pasto, ensacar e transportar até o galpão. O chapéu de palha usado para se protegerem não é suficiente. No frio, relata Dona Joana (73 anos), “tem que saí pra fora, se tivesse que ficá dentro de casa é bom, má a gente nom fica só dentro de casa”.

Para as tarefas da roça o pôr-do-sol, normalmente, indica o término, o recolhimento, com exceção da época de colheita, plantio, mau tempo... Para as tarefas domésticas, indica início do trato dos animais (vacas, porcos, pintos), do preparo da lenha para o fogão, do cuidado dos filhos, do preparo do alimento. “De tarde eu vô na roça e quando a sombra do sol tá mais ou menos naquela altura do cerro lá, eu venho pra casa pra ajeitá a janta, a criaçom, organizá as criança”(Dona Rosália, 43 anos). Portanto, a noção de tempo desses colonos se faz, especialmente, em relação ao movimento do sol e da lua nas estações do ano e às tarefas cotidianas.

O gigantesco sino⁴² da igreja, ecoando todos os dias às doze horas, auxilia como balizador do tempo. Mas é o sol o luminoso mestre que orienta esses colonos para o início e o fim do dia, para o início e término das atividades, apressando ou diminuindo o ritmo na execução, ou até mesmo, em caso de “apuros”, priorizando os mais urgentes. Com base nisso, compreende-se o desagrado expresso nas falas das colonas em relação ao “horário de verão”,

⁴² Silvino SANTIM, A imigração esquecida, p. 08, escreve: “O sino, sem dúvida coloca-se como o grande instrumento da linguagem universal da vida dos imigrantes. Ele sintetiza e expressa a plenitude do acontecer humano, seja em seus valores mundanos e sociais, seja em seus valores espirituais e eternos(...). O mundo cristão que fizera do sino um símbolo litúrgico universal, contribuiu para que o imigrante italiano visse no sino um símbolo de uma língua universal”.

quando solicitadas para falar sobre o seu cotidiano: “Entom agora com essa troca de horário fica pior ainda porque a gente tem que levantá um pouco mais cedo pra vencê os trabalho, e eu tenho quatro criança que estuda. A Fernanda estuda de manhã e os outros de tarde...”(Dona Rosália, 43 anos). “Antes a gente levantava seis horas. Agora, com esse horário, a gente levanta cinco horas, levanta mais cedo pra tirá (leite) de tarde mais cedo... esse horário que muda no verão é muito quente pra í na lavora, pra í trabalhá no sol e, de tardezinha, que é a melhor hora de carpi na lavora, tem que largá pra í atrás das vaca”(Dona Maria, 51anos).

Este horário, como apontam, desconcerta a noção de tempo à qual estão afeitas, influi no ritmo familiar e retira-lhes, em parte, a autonomia na organização do seu tempo.

O dia só encerra às mulheres quando conseguiram, pelo menos em parte, realizar as tarefas pendentes para não as acumularem para o dia seguinte. É o que relata Dona Corália (55 anos): “Eu trabalho até que tenho serviço. Ah! se eu tenho por exemplo que limpá feijom, remendá, costurá, algum trabalho, lavá queijo, aproveito sempre de noite, né. Entom não precisa levantá tom cedo de manhã né”. Quando algo excede ao controle, provoca certo desconforto, como pôde ser percebido na fala de Dona Joana (73 anos). “Amanhã é um outro dia”, comentou ela, referindo-se aos trabalhos adiados em função da visita inesperada de um parente. Bem sabe Dona Joana sobre amanhã conter as tarefas do dia e as pendentes do dia anterior.

A execução das tarefas ao longo do dia conferem um ritmo, podendo ser representado pela uniformidade, variedade, simultaneidade, descontinuidade e pelas “folgas”. A diversidade de tarefas a seu encargo, no cotidiano, empreende um misto entre a uniformidade e a variedade. Por um lado, o ciclo de trabalhos

repete-se através das estações do ano e diariamente também. De outro, há trabalhos que não seguem uma rotina diária, são específicos de alguns dias da semana (limpeza, fazer pão) ou períodos do ano (plantio de hortaliças), podendo sofrer constrangimentos pelas variações imprevisíveis tanto da natureza (chuva, seca, nascimento de animais), como de outros acontecimentos: visitas, falecimentos...

Essa diversidade obriga as colonas a realizarem tarefas simultaneamente. Visível quando expressam "...nom me sobra tempo pra assisti television, entom quando tô ali na cozinha arrumando a janta, as coisa, entom escuto só, porque nom dá pra pará, ali, olhá"; "...entom das vez dexo o pom crescendo e vô atrás das vaca porque já tá na hora de atendê elas"; "eu dexo o doce ali na bera do fogom cozinhando assim devagarinho e vô atendendo as panela de comida".

A imprevisibilidade dos acontecimentos (o chamado dos filhos, do marido, animal que adoece, chuvas ...), embutidos no cotidiano fazem com que nem sempre as tarefas iniciadas cheguem a um final, sendo necessário, muitas vezes, priorizar algumas. Se as concluem, o fazem após a interrupção ou adiando o momento do sono, causando atropelos: "...das vez tem que corrê pega esse, largá aquele, largá aquele otro pra fazê aquele otro"(Dona Rosália, 43 anos); "Ultimamente eu dizia que era uma vida loca, porque a gente nom dava vencimento. A gente tá fazendo um serviço, tem otro esperando, e tem otro lá vendo, mas a gente vai fazendo os mais importante. As vez tem que dexá pra traz, porque nom dá. Nom se consegue vencê. Quando eu tô sozinha, vai ficando, ou vai fazendo mais por cima, faz os que dá menos falta. Se eu deixo de plantá alguma coisa na horta depois quando é hora de comê, faz falta. Entom eu prefiro

cultivá na horta as coisa assim e deixo os pátio mais à vontade”(Antônia, 34 anos). Não há, portanto, uma seqüência de atividades diárias definida, demarcada, nem mesmo um tempo para a execução de cada uma delas, podendo, muitas vezes, serem interrompidas, causando o que denominei de descontinuidade. Assim a rotina não se apresenta de forma rígida: “Tudo depende do tempo que eu tenho. Eu nom tenho uma estabilidade. Se a minha filha está em casa, entom fica mais fácil, porque a nona entom fica com ela, se nom, tem que lavá ropa, que tudo é comigo. Das vez tem bastante ropa, fica mais difícil, né. Nom é uma coisa certa” (Dona Corália, 55 anos).

E, por último, revelam a existência de um momento em meio ao “corre-corre” diário, de descanso, o qual denominam de “folga”, “pedaço” e, nem sempre, destinado ao nada fazer, ao assistir à televisão, dormir, entre outros. Esses momentos de “folgas” variam conforme o período do ano. Na primavera e verão, épocas que se dividem entre a casa e a roça, o descanso se dá após o almoço. Em geral, no horário de “sol quente”, descansam as pernas e cansam as mãos com os trabalhos artesanais: “Agora é brabo, a gente as vez nem sesteia porque eu sô muito de fazê crochê, entom eu tenho uma folguinha, eu tô fazendo crochê. Eu adoro crochê, tricô, bordado à máquina, costurá, aí eu adoro. Aproveito os tempinho, quando tô de folga, logo depois do meio dia, que o sol tá quente e a gente nom tem o que fazê, né. Porque mais tarde a gente vai capiná um poco, vai na horta, vai atrás das vaca, fazê a janta”(Dona Augusta, 49 anos). No inverno há mais “folgas”, embora considerem mais “penoso”. O sol pondo-se mais cedo, torna o dia mais curto e, nele, o descanso resume-se num “pedaço” após o almoço. Em contrapartida, a noite torna-se mais longa e o convívio familiar mais intenso. Estas mulheres, após o término dos trabalhos, enquanto conversam ou

assistem à televisão, aproveitam para aquecerem as mãos através dos trabalhos de agulha. Envolvem-se nas criações em torno dos diversos pontos e cores.

Tomando como exemplo o estudo realizado por Cristina Bruschini⁴³ em São Paulo, sobre o cotidiano de donas de casa urbanas, ficam salientes semelhanças no que concerne à variedade, simultaneidade e interrupção das tarefas no decorrer do dia, mas também diferenças significativas relativas à forma como organizam-se no tempo. Afeitas à lógica linear do tempo, as tarefas domésticas distribuem-se de maneira a atender aos horários estabelecidos da família, apresentando-se de forma mais organizada no decorrer dos períodos do dia, demarcando, de certo modo, tempos de trabalho e descanso. Contrasta com a lógica de execução de tarefas que conduz Dona Ana, por exemplo: “Eu faço a minha lida com gosto, nom tenho hora marcada, ninguém me obriga”.

As colonas são unânimes em considerar o trabalho da roça como um “descanso para a cabeça”, em oposição à repetição e à correria das atividades da casa: “Na roça é um poco mais pesado, mais difícil, mais no calor, no verom, mais frio quando é no inverno. É mais exposto assim às mudanças de temperatura, mas a gente trabalha é aquele serviço. Hoje é aquele, amanhã é otro e assim... nom é como em casa que corre pega esse, larga aquele, larga aquele otro pra fazê aquele otro. Em vez na roça nom, na roça tu vai, sabe que tá fazendo aquele serviço e é aquele. Eu gostaria até mais da roça má nom me adianta gostá mais da roça, porque eu sei que chego em casa meus trabalho de casa eu tenho que fazê. Entom, mais eu sinto, esses dia também eu já tava com a cabeça, assim que eu nom agüentava mais e aí eu fui pra roça, passei a tarde. Cansei... mais cheguei em casa cansada, mas pelo menos me aliviô a cabeça! Porque pelo menos tu tá lá

⁴³ Cristina BRUSCHINI, Mulher, casa e família.

na roça trabalhando, fazendo aquelas lida, tu nom pensa em otras coisa, nom tem a preocupação das tarefas todas que tem que fazê em casa. Se bem que quando a gente chega em casa é mais. É o mesmo serviço em menos espaço de tempo. Das vez a gente chega em casa meio tarde, têm que ajeitá a janta, a criaçom, têm que organizá as criança, tudo assim”(Dona Rosália, 43 anos).

O trabalho da roça possui um ritmo mais contínuo, determinado, seqüencial. Se exige mais esforços físicos, de outro lado, apresenta-se menos desgastante, sendo possível verificar o rendimento no fim do dia e o resultado no desfecho do ciclo. Difere do ritmo das tarefas de manutenção, para as quais há a necessidade de serem desempenhadas sucessiva e repetidamente no dia ou, períodos do dia, na esfera doméstica, sem resultarem em somas visíveis. Os trabalhos domésticos, apontam as colonas, possuem ritmos, funções, momentos e resultados diferentes.

O ritmo de trabalho da roça, aliado à interiorização das tarefas de cada gênero, conferem ao homem maior liberdade e disponibilidade de tempo: “eles quando chega da roça nom fazem mais nada, de domingo estom liberado”. O colono, enquanto pai, tem o controle sobre a roça, dirige o trabalho e, conseqüentemente, o tempo da família⁴⁴. Salaria Dona Augusta que, nos períodos de plantio e colheita, os horários das refeições, do sono, do descanso, necessitam ser reorganizados: “No tempo da lavora é levantá de madrugada pra fazê o almoço e eles levam tudo nas vianda na lavora. De noite quando chegam já é tarde

⁴⁴ Klaas WOORTMANN, “Com parente não se neguceia”, p.56, discute sobre a ética camponesa. Diz o autor: “o controle do tempo, da família, e a existência de um tempo de família autônomo, assim como o controle do processo de trabalho são dimensões básicas da liberdade do pai (...) enquanto pai tem o controle sobre a terra, o trabalho e o tempo”.

e eu tenho que esperá eles. Eu não durmo até que eles não chegam, porque tenho que pôr a janta.”

Não há horários de trabalho definidos, nem mesmo é comum em suas falas mencionarem hora do dia. A passagem do tempo está ligada, na maioria das vezes, a alguma atividade - depois do almoço, depois de tirá leite - assim como a menção dos meses relaciona-se geralmente aos ciclos agrícolas - época da colheita, do plantio, época do frio. Isso se explica por possuírem uma economia familiar regulada, como aponta Thompson⁴⁵, “através da orientação pela tarefa”. Observa o mesmo autor, a propósito do dia de trabalho antes da indústria mecanizada, que as estimativas de duração do trabalho não faziam sentido para os agricultores, nem mesmo a orientação do tempo pelo relógio. E escreve: “um tal desprezo pelo relógio só é possível numa pequena comunidade de camponeses e pescadores, cuja estrutura comercial e administrativa é mínima e na qual as tarefas diárias (...) parecem manifestar-se por si próprias ante os olhos das pessoas, pela simples lógica da necessidade”⁴⁶. A passagem das horas, do tempo no dia, está relacionada à sucessão destas tarefas, como nos mostrou Dona Rosália que, consciente das várias atividades que a aguardam em casa e do tempo ocupado na elaboração delas, organiza-se atenta à altura do sol. A fala de Dona Corália (55 anos) também confirma essas asserções: “As tarefa pra mim não têm hora, eu vô fazendo até que consigo fazê”.

Os trabalhos da terra praticamente independem do tempo cronometrado. A natureza tem um tempo próprio e este tempo é mais significativo para o colono.

⁴⁵ Edward P. THOMPSON, O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz (Org.). Trabalho, educação e prática social, p. 49.

⁴⁶ Ibid., p.47.

Diferente dos trabalhadores da indústria que obedecem o tempo ditado pelo mercado e o tempo sincronizado da máquina, esses colonos, por serem donos da terra, possuem maior autonomia para dirigirem o processo de trabalho e organizarem-se no tempo. O operário, ao contrário do camponês que tem todo o tempo em suas mãos - narra Simone Weil - “não sabe o que produz, logo não tem o sentimento de ter produzido, mas de ter-se esgotado no vazio. Gasta na fábrica, às vezes, até o limite extremo, o que tem de melhor de si, suas faculdades de pensar, de sentir, de se mexer; gasta-as, pois está vazio quando sai; e no entanto não põs nada de si próprio no seu trabalho, nem pensamento, nem sentimento, nem mesmo, senão em mínima medida, movimentos determinados por ele, ordenados por ele tendo em vista um fim determinado. Sua própria vida sai dele sem deixar marca nenhuma em seu redor”⁴⁷. Esse tempo de servidão à máquina e de exílio só pode ser comprado.

Difere, também, do modo de viver e conceber o tempo dos agricultores japoneses estudados por Thais Echeverria que, ao trabalharem em sintonia com o mercado, obedecem a uma periodicidade mais próxima do ritmo dos mercados, se comparado aos tempos naturais das espécies produzidas⁴⁸.

As mulheres, sujeitos deste estudo, apontam para uma outra percepção de tempo. A diversidade de tarefas a concretizar nos diversos espaços exige deslocamentos freqüentes de um lado a outro: do tanque para a máquina de costura, dali para a cozinha, de lá para o chiqueiro dos porcos, daí para o galpão para afiar a foice, depois dirigirem-se para o pasto para cortá-lo... e, assim, para elas, os dias rapidamente passam: “o tempo é curto”, “o dia quando tu vê já

⁴⁷ Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão, p. 137.

⁴⁸ Thais Martins ECHEVERRIA, Caipiras e samurais modernos: um estudo sobre pequenos proprietários rurais na micro bacia do Rio Cachoeira.

passô”, “os dia passa depressa”... Estes exemplos apontam para a diferença a que alude Thompson entre “passar o tempo” e “gastar o tempo”⁴⁹. Para elas não há demarcação entre trabalho e vida. Nesse sentido, o tempo passa. O mesmo não ocorre com o operário, nos apontou Simone Weil. Na sociedade capitalista, reafirma Thompson, “todo tempo tem de ser consumido, comprado, posto em uso; é ofensivo das classes trabalhadoras permitir-lhes simplesmente ‘passar o tempo’”⁵⁰ - continua o autor - “as sociedades industriais dos vários tipos estão marcadas pela economia do trabalho e por uma demarcação muito clara entre ‘trabalho’ e ‘vida particular’ ”⁵¹.

Mas é preciso salientar a existência, no interior da própria comunidade, de formas diferenciadas de vivência do tempo. Para as famílias que moram no “povoado” e dedicam-se a outras atividades em detrimento da lavoura, o tempo apresenta-se mais estruturado e definido pelo relógio. Estão mais sujeitos à lógica urbana do tempo linear. Dona Regina, por exemplo, ao trabalhar como merendeira na escola, cumpre, diariamente, oito horas de trabalho. No cotidiano, as diferenças entre as estações do ano não são tão marcadas, considerando o período do verão mais “folgado”.

Mesmo para as famílias, cuja produção principal advém do trabalho da roça, os trabalhos domésticos estão mais sujeitos ao controle do tempo do relógio. O tempo linear do mercado permeia as suas vidas, influenciando na organização, sem, contudo, determiná-la. A escola têm horário para iniciar e encerrar suas atividades, o ônibus com destino às cidades vizinhas tem horário

⁴⁹ Edward P. THOMPSON, O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial, In: SILVA, Tomaz, (Org.). Trabalho, educação e prática social, p. 44-91.

⁵⁰ Ibid., p. 77.

⁵¹ Ibid., p. 80.

para passar, o mercado e o posto bancário têm horário para abrir e fechar e há os que clamam pelo alimento. A mulher provê estes horários. Ela organiza o seu tempo e articula o seu dia em torno das necessidades da família e das exigências oriundas da roça - espaço onde se realiza o trabalho, pois as outras esferas são complementares.

No debruçar-se cotidiano sobre as tarefas sem fim, em que uma chama a outra, os membros da família estabelecem diferentes espécies de cooperação nas épocas do ano . Nas épocas de plantio e colheita, mulheres e crianças auxiliam nos trabalhos da roça, assim como nos períodos mais “folgados” os homens assumem o cuidado dos animais, exceto o tirar o leite: “Tem a época do ano que tem que plantá soja, arroz, milho pro gasto, amendoim, mandioca. A gente planta. Entom é brabo, má depois entom folga, até entom os home come em casa. Nom precisa se envolvê em mandá comida pra lavora, eles ficam aqui. Entom no período de inverno que é mais folgado eles fazem mais cerca, cuidam do gado, tratam o bicharedo, entom pra mim é mais folgado”(Dona Augusta, 49 anos).

A organização familiar do quanto produzir se dá através do número de pessoas que a compõem. Cada braço é considerado individualmente, porém compondo um todo: a unidade familiar. O tempo, portanto, apresenta-se mais coletivo que individual. Expõe Dona Corália (55 anos): “A gente nunca chega a um final como se diz, né. Porque, quanto mais tempo tú tem, mais tú planta, né. Entom, a gente vai levando conforme as força da gente, as condições das pessoas. Só que as forças que diminuem. O Gelindo (marido) não tem mais aquela resistência e o Evandro (filho) também, quando ele tava aí, de tarde ele ajudava. Agora ele tá na faculdade, entom, ele vem de sexta de noite. O sábado ele pega

pra lavrá, ele faz essas coisa, lidá com os boi, que o Gelindo nom lida, e segunda, até o meio-dia. Entom, diminui, porque primeiro ele tava aí, né. Entom imagina né, era bem diferente, era outra coisa. E o Gelindo deu de adoece, ele nom faz mais o que ele fazia, nom tem mais aquela resistência. Agora, de meio dia, ele faz um bom sesteio, fazê o que? E eu faço o que eu posso, né. Vô levando, aquilo que eu posso fazê eu faço, fim de dia fazê o que?”

A vida comunitária como extensão da vida familiar acompanha a sincronização da lógica da natureza. O horário da celebração religiosa, no sábado à noite e no domingo pela manhã, é antecipado ou retraído no inverno e verão, na dependência do nascer e pôr-do-sol, possibilitando tempo aos colonos para realizarem suas tarefas e, assim, poderem dirigir-se à Igreja. A própria disponibilidade para participarem das atividades religiosas e sociais é dependente da jornada de trabalho, como nos mostra Dona Augusta: “Essa época (agosto) a gente levanta até mais tarde. A gente levanta, acende o fogo, dá comida pras galinha, tira leite, depois limpa a casa, faz o almoço e a tarde entom é mais folgado. Agora no tempo da lavora (...), não tem sábado, eles chegam da lavora bem em cima da missa, que só jantam, tomam um banho e já vom pra missa... muitas vezes nem vom na missa quando estão apertado. Quando o tempo encomoda nom tem sábado, nem domingo pra eles. Nesses dias apertado até que eu, até que podia í na missa, mas as vez não tem motorista, aí eu fico em casa também, no domingo também.”

O tempo possui, também, caráter sagrado. Voltados ao calendário litúrgico, cada mês é dedicado a um santo e em cada domingo acertam as

“contas” com os mandamentos de Deus⁵². Mas nem sempre há possibilidade de reservar ao descanso o dia “santificado”, dependendo muito, como já mencionei, do período do ano e se o “tempo ajuda”. Trabalhar no domingo é entendido como atitude ambiciosa, incrédula e, deste modo, tanto os sacerdotes como os próprios colonos exercem certa vigilância para preservarem o descanso: “No domingo se faz uma comida diferente. Aqui no *centro*, sabe, já *fora* nom respeita mais o domingo. Por causa da missa no sábado de noite. Vom à missa, depois vom na Sociedade e ficam alí, e depois, no domingo, trabalham o dia intero. É com boi, é com trator, plantam, colhem, nom respeitam mais o domingo. O domingo é dia do Senhor, dia de descanso. Antigamente nom tinha missa de sábado. Faziam missa no domingo. No sábado preparavam, colhiam toda comida dos animais, faziam tudo pra se prepará para o domingo, dia do Senhor. Até uma máquina diz que precisa descansá um dia por semana e a pessoa humana, nem aquilo! Vem o castigo depois”(Dona Vitória, 54 anos). Dona Ana (75 anos) também realça: “Tu sabe que Deus disse que é pra descansá, é pra Deus, nom é mais pra nós. Por isso que eu detesto quem trabalha no domingo. Fomos criados assim. Eu também já trabalhei também de domingo, mas era por grande necessidade. Lavei roupa, fiz pom, tudo pra abreviá, pra no dia seguinte í na roça. Mas eu nom acho vantagem e nom me sentia bem. Por que é proibido pela nossa lei católica, mas era por grande necessidade, mas agora nom... a lei de Deus é essa e temos que cumpri-la, e eu faço de bom gosto”. Segundo os valores local, preservar o domingo é um preceito dirigido muito mais aos trabalhos da roça e, portanto, aos moradores dos arredores do “povoado”, do que aos trabalhos do comércio. Abrir as portas do

⁵² Ver Cândido P. Ferreira CAMARGO, In:SZMRECSÁNYI,T. , QUEDA,O. (Org.). Vida rural e mudança social, p.177-189.

bar e do mercado, por exemplo, não são vistos com maus olhos, significam, antes, formas facilitadoras da vida dos colonos, isentando-os de realizarem compras durante os dias da semana - dias de trabalho.

O sino é o grande anunciador do alimento sobre a mesa, da parada necessária devido ao esforço da lida. Seu dobre forte e insistente ecoa no coração de todos os moradores, unindo até os mais distantes na lembrança de ser também hora de oração e agradecimento. Repica todo sábado à noite, convidando para a celebração eucarística e preparando o espírito para o “dia santificado”, para o dia “devoto a Deus”, o domingo. Nos dias de festa seu dobre se intensifica. O sino também anuncia outros ciclos temporais: o ciclo das festas, do rito aos mortos, das celebrações religiosas.

Embora considerem que a vida se repete a cada ano, convivem com um calendário diverso e articulado, baseado numa sintonia entre os tempos-movimentos de suas práticas e os tempos-movimentos da natureza. Como apontaram Dona Vitória e Dona Ana, nem sempre esta sintonia se faz sentir, criando em algumas épocas do ano certa tensão entre as atividades religiosas e festivas e as atividades agrícolas, sendo priorizada, muitas vezes, a última. O cronograma, a seguir, das principais atividades desenvolvidas na unidade familiar e comunitária ilustra os diversos calendários:

		CRONOGRAMA DOS CALENDÁRIOS													
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT		
Variações da Natureza		CALOR				FRIO			GEADAS			MEIA ESTAÇÃO			
Trabalhos agro-pastoris		Tempo de Plantio		Tempo da capina			Tempo de colheita			Dedicado aos cuidados dos animais e cercas					
Trabalhos domésticos		Capina do pomar		Nascimento de bezerras e aumento da produção de leite			Maior dedicação à costura e confecção de artesanatos				Plantio de hortaliças				
FESTAS	+ significativas				Gruta					Corpus Christi	Fest. de Inver.				
	- significativas										Ex-alunos		Moto-queiros		
Outros acontecimentos festivos		Rito aos mortos	Seman. de adoraç. e Natal	Mês de Santa Inês	Mês de Nossa Sen. de Lourdes	Mês de São Patrício	Dom. de Ramos	Pásc.	Dia das Mães	Mês de Imacul. Coraç.d e Jesus	Mês de Nossa Sen. do Carmo	Dia dos pais		Dia do Idoso	
Celebração eucarística		Todos os sábados, domingos e primeira quarta-feira do mês													

É saliente na fala dessas colonas a menção, por vezes repetida, ao valor atribuído ao tempo que escoar no agir humano: “eu nunca fico sem fazer nada”, “sempre tem o que fazer”, “eu nunca paro”, “a gente tá sempre correndo”, “eu não me sinto bem se não tô fazendo alguma coisa”, “se eu não tenho o que fazer, faço o meu crochê”... O tempo é visto como possibilidade para concretizar algo para si mesma, para a família e para a comunidade. O tempo aparece como sinônimo de trabalho e o trabalho é a própria vida das colonas. Nele encontram realização. Se lazer é um tempo liberado das obrigações profissionais, familiares e sociais, como sugere Dumazedier⁵³, o que resta para estas colonas que nem mesmo aos domingos estão livres das tarefas a elas concernentes? Não há como compreender a vida dessas colonas sem pensar na fadiga do trabalho, na religiosidade e na satisfação advinda deles, formando um todo. Constituem a própria essência de suas vidas... está inscrito na sua cultura. Convém nos

⁵³ Jofre DUMAZEDIER, Lazer e cultura popular.

perguntarmos por que resistem à fragmentação do tempo, do trabalho e da vida? Porque, de certo modo - nos auxilia Thompson⁵⁴ na resposta - a orientação pela tarefa “trata-se de uma coisa mais humanamente compreensível que o tempo medido pelo relógio. O agricultor ou o trabalhador parecem atender a uma necessidade concreta”, não existindo “grande conflito entre trabalhar e ‘passar o tempo’ ”.

⁵⁴ Edward P. THOMPSON, O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz, (Org.). Trabalho, educação e prática social, p. 48.

CAPÍTULO II

COLONAS : TRABALHO E DIVERSÃO

MINHA MÃE COZINHAVA EXATAMENTE:

ARROZ, FEIJÃO-ROXINHO, MOLHO DE BATATINHAS.

MAS CANTAVA. "

**"Poesia Reunida"
Adélia Prado**

2.1- O COTIDIANO

Pôde-se perceber que a forma como as colonas concebem o tempo e a importância atribuída a ele marcam as relações sociais, a organização cotidiana, o trabalho e as diversões. Ao trabalharem com a terra e viverem em consonância com o tempo da natureza, dividem-se, em sua maioria, entre as tarefas que o plantar e o colher exigem, aliado, à lida doméstica. Nesse capítulo, a discussão caminha em torno da organização do cotidiano das colonas no âmbito do trabalho e da diversão.

A expressão “sempre têm o que fazer”, unânime entre as colonas pesquisadas, foi corroborada por mim nas observações. É surpreendente a diversidade de tarefas que a colona precisa concretizar no interior da unidade familiar. “Serviço sempre tem”, bastando olhar para o lado para visualizar não apenas um, mas uma seqüência deles. É preciso não se render ao tanto por fazer e manter-se firme e confiante para poder “vencer”: “Se a gente tá bem disposta até que é gostoso, né, de fazê. A gente consegue vencê o trabalho a gente se sente mais realizada, pior a gente nom vencê, a gente no fim acaba ficando nervosa. O serviço toma conta da gente em vez da gente tomá conta do trabalho. O trabalho tomá conta da gente é o pior no caso”(Dona Maria, 51anos).

Contudo, há que se considerar certas diferenças na faina diária entre as mulheres que moram no “povoado” e as que moram distantes. Para essas últimas, divididas entre a roça e a casa, a labuta se inicia cedo. Para elas é um tanto difícil detalhar todas as atividades realizadas, por não existir uma regularidade diária e haver uma série de pequenos detalhes a serem providenciados que, somados, resultam num “corre-corre”. Nas falas aparecem

aquelas atividades marcadas pela concretização diária: tirar leite, arrumar a casa, fazer comida, lavar roupa, cuidar da horta, dos animais, do pomar, dos arredores da casa e auxiliar na roça: “A gente assim não tem lavora grande e pra defendê das despesa do dia-a-dia a gente se mantém com um pouco de leite no momento. A primeira coisa que a gente faz quando se levanta é ir atrás das vaca, tirá leite, ajeitá o leite, depois tomá café, depois a gente organiza um pouco a cozinha, depois faz mais uns trabalho na horta, depois ropa, depois o almoço e tem mais os trabalho da cozinha de novo pra dexá a cozinha em ordem. Um poquinho só, porque eu nom sô muito de fazê muita ordem, mas o principal. Depois se quizé sesteá um pouco sesteia, senom vai fazendo mais trabalhos, se precisa ajudá um pouco na lavora, se nom vai na horta ou cuida das galinha, tem sempre o que fazê. Organizá ao redor de casa, fazê um pouco de limpeza, precisa né, pra não dexá muito atirado e *mais outras coisinha*. Ropa, coisa assim, que a gente qué costurá pro gasto e consertá. Entom quando vê o dia passa assim, depois de tarde tem que í atrás das vaca de novo, dos ternero e tirá leite de novo, porque se separa o ternero das vaca, entom se tira leite de manhã e de tardezinha, né. Depois ele (marido) vai trabalhá na lavora. E eu capino ao redor de casa, nas lavora perto de casa, alí na horta. Fico mais nos trabalho por aí, né. Nos arvoredos tem que tá limpando, né, prá segurá limpo, cada dois meses tem que tá limpando, porque vem tudo de novo. E depois disso tem a janta, né e fico na cozinha ajeitando alguma coisa. A gente pensa quando se aposentá, de largá os trabalho mais pesado. Assim porque a gente tem que tá todo dia aí, nom tem folga, nom tem feriado, nom tem domingo, nom tem nada. A gente quase nom tem folga. A gente

pensa em se mantê com a aposentadoria, alguma coisa e deu...”(Dona Maria, 51 anos)¹.

No decorrer dos encontros, através das falas e do que meus próprios olhos puderam presenciar, nessas “outras coisinhas” explicitada pela Dona Maria, estava incluído colher os ovos, alimentar os porcos, colher pasto para os animais, limpar a estrebaria, cortar lenha, passar a roupa a ferro, varrer os “pátios”, fazer pão, queijo, colher os frutos e elaborar doces, fazer as saídas necessárias à cidade, ao povoado, na casa de um vizinho, tocar fora a galinha que invadiu a horta, afiar a foice, o facão, a enxada que perdeu o fio pelo uso, regar as plantas castigadas pela seca, acolher a visita, atender ao chamado do marido, correr atrás da vaca, do boi ou do terneiro que fugiu, ou invadiu a lavoura e, até mesmo, enfeitar a casa com uma flor do jardim... e é tamanha a satisfação de poder plantar, transplantar flores e se dedicar ao jardim.

Certamente não se resume só nisso. Quero enfatizar a seqüência contínua de tarefas a concretizar, presentes no cotidiano destas mulheres. Basicamente, esta rotina de tarefas apresenta-se, para a maioria dessas mulheres, com algumas diferenças relacionadas ao número de forças físicas existentes na família, ou dependentes destas. Menciono, como exemplos: Dona Rosália, possui quatro filhos dependentes dos seus cuidados, Dona Corália precisa cuidar da “nona” e, Antônia, não tendo mais a presença do pai na família, desdobra-se entre a casa, a lavoura e as aulas ministradas aos alunos da pré-escola em Vale Vêneto.

¹ É importante observar que as entrevistas e observações foram realizadas em dois períodos diferentes: nos meses de julho, agosto, setembro e outubro de 1994 - período, portanto, de inverno e primavera onde estavam iniciando a preparação das terras para o plantio - e no mês de fevereiro de 1995 - período da capina.

Raras são as vezes, indicam as colonas, que os homens realizam tarefas compreendidas como femininas. Auxiliar nos trabalhos da lavoura não as exime dos trabalhos da casa e nem mesmo conduz o homem a retribuir o auxílio. A interiorização de que são elas quem devem executar as tarefas domésticas é tensionada por certos desconfortos, sendo, às vezes, como aponta Dona Rosália, verbalizados e discutidos entre o casal. “As vez eles poderiam ajudá a gente”, afirma ela. Vem embutida na fala dessas mulheres, de um lado, a reivindicação por maior valorização, de outro, a sujeição ao seu papel de mulher e mãe.

A obstinação pelo cumprimento dos trabalhos, pelo cuidado da casa, enfim, pelo cumprimento dos estereótipos fundados na mulher-mãe-trabalhadeira, fortemente introjetados na formação das colonas desde a mais tenra idade, influencia nas atitudes ao se privarem, muitas vezes, de visitar ou de dormir à tarde para desempenharem tais funções.

Dona Ana (75 anos) compara sua vida com um calvário necessário de ser suportado: “eu propriamente eu fui criada assim, já nom é mais por interesse, graças a Deus eu já tô aposentada, e tô me sentindo muito bem, muito bem... má as vez é demais porque tenho três home dentro de casa, meu marido, meu filho e meu irmão. E nom vai pensá que com três home em casa seja fácil... eu sozinha. Me traz sujera dentro de casa e fora um, entra otro, fora otro, entra otro, têm mais ropa e tudo. Má eu mando pra diante, eu mando pra diante, ih... tudo eu ofereço a Deus, tô sempre tom contente, tom feliz. Ih! a minha filha queria que eu fosse de todo custo com ela, pra lá, má eu nom vô. Aqui tô me sentindo bem, as vez me sinto meio desgostosa porque me vejo solita”. Carregam consigo a interiorização do que a elas é destinado e se resignam apoiadas em sua fé. Concretizam tarefas nem sempre consideradas agradáveis, como por exemplo,

cuidar da “sujeira” de três homens, demonstrado por Dona Ana. Nem sempre os afazeres do quintal são os que acarretam mais sacrifícios, mas os advindos dos homens da casa. Os desconfortos apresentados no cotidiano podem fazê-las transgredir a resignação, como me foi mostrado em fevereiro, quando ao retornar à pesquisa de campo, fiquei sabendo haver aceito o convite para passar aquele mês com sua filha. Na casa ficaram apenas os três homens.

Se por um lado percebem o cotidiano árduo, contínuo, impositivo, de outro, também o percebem como prazeroso. Ao lado da aceitação, a recusa, ao lado da tristeza, a alegria. Nas agruras da vida encontram sentidos e alegrias para continuar. Na rigidez imposta e na que se lhes impõem, a possibilidade de subverter. Entre o conformismo e a resistência, as colonas constroem a sua cultura. Está presente no universo e no discurso dessas mulheres a ambigüidade própria da cultura popular de que nos fala Marilena Chauí². Ambigüidade, esclarece a autora, “é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura, percepção e cultura sendo, elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou de partes separáveis, mas de dimensões simultâneas que, como dizia ainda Merleau-Ponty, somente serão alcançadas por uma racionalidade alargada, para além do intelectualismo e do empirismo.”

Não seria o excesso de trabalho o que as impediriam de dedicarem-se às atividades consideradas prazerosas como costurar, bordar, fazer tricô, crochê, pão, bolacha, “schmiers”, cuca, cuidar das flores.... São aproveitados os domingos, os períodos prescritos como de descanso, os horários de sol quente, dias de chuva e de frio e à noite: “De tarde, depois de limpá a cozinha, enquanto o sol tá muito quente, nom têm o que fazê, entom a gente faz crochê. A gente nom

² Marilena CHAUI, Conformismo e resistência, p.123.

fica assim, parada, sem fazê nada nom, eu nom consigo. Eu sempre preciso fazê um trabalhinho ou é costurá, ou é bordá, ou é crochê, ou fazê uma bolacha”(Dona Augusta, 49 anos). Apresentam-se, também, como formas de complementar a renda familiar, de terem um dinheiro para si e de resistirem à assimilação total do mercado: “O tricô, o crochê eu gosto muito de fazê, e é mais barato tu te fazê do que tá comprando, né”. Esta situação difere das famílias de pequenos produtores rurais de Cruzeiro do Sul - RS, estudadas por Brumer e Freire, onde as mulheres realizam estas atividades “apenas de forma ocasional, quando a atividade agrícola é menos intensa(...)”³. Não se trata, também, das mesmas razões que regem a elaboração do artesanato feminino na região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul, o qual, segundo as autoras, é de ordem econômica, associada a funções ornamentais⁴.

Nos dias chuvosos, enquanto os homens ficam pelos galpões, arrumando, limpando, debulhando milho, cuidando dos animais, as mulheres dedicam-se a arrumar a casa, as roupas. Como coloca Dona Ana (75 anos), são os dias “mais sagrado pra remendá, passá ferro e costurá”. As tarefas adiadas nos dias de sol, priorizando outras, têm possibilidade de serem concretizadas nos dias de chuva. Tereza (31 anos) aponta ficar, nestes dias, “limpando a casa e fazendo alguma coisa, crochê, tricô, bordá, alguma coisa assim. Aproveito o tempo, né. Se tem alguma coisa pra consertá, alguma coisa assim, aí adianta pra quando o tempo tá bom, né. Aí, quando o tempo tá bom, vô pra lavora, né”.

³ Anita BRUMER, Nádia M. S. FREIRE, O trabalho da mulher na pequena produção agrícola, Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, p.319

⁴ Cleodes RIBEIRO, Maria TONIAZZO, O artesanato feminino na região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul, In: Imigração Italiana, p.233-240.

Para as colonas moradoras no “povoado” e dedicadas à casa e arredores, horta e animais, ou além disso possuidoras de outra atividade - caso da Dona Regina, merendeira da escola - o cotidiano também constitui-se numa seqüência contínua de tarefas. Há muito mais disposição para visitar, cuidar dos netos (caso de Dona Vitória), trabalhar nos preparativos das festas e, também, maior assiduidade nas atividades e acontecimentos da comunidade. “A gente participa da missa todos os sábados e depois vai na sociedade jogá baralho”(Dona Regina, 52 anos).

Tanto as moradoras do “povoado”, quanto as dos arredores, consideram o sábado o dia de mais trabalho, pois, além de encerrarem os trabalhos mais cedo e prepararem-se para a celebração religiosa, encaminham a maioria das tarefas do domingo, para, nele, poderem descansar e preservar o mandamento de Deus: “O sábado tem mais trabalho, tem mais a limpeza, essas coisa, né. Eu costumo as vez organizá mais, as vez nem faço tanto, né. É um dia que tem mais trabalho, acho eu, né. Se qué organizá um poco mais, pra nom te mais correria tanto no domingo, né. Apesar que as vez termina trabalhando no domingo também, né. A gente, sábado de noite, a gente gosta de saí, entom a gente tem que apurá pra deixá as coisa feita mais cedo” (Dona Maria, 51 anos).

A vida cotidiana, marcada pelo trabalho e por relações predominantemente no âmbito familiar, é quebrada através dos encontros semanais, a partir da celebração eucarística no sábado à noite e domingo de manhã e em torno dos jogos e divertimentos na “Sociedade” (clubes locais). No sábado, a participação é maior. No horário da celebração religiosa, o bar e o mercado fecham suas portas. No clube, não há movimentação. Poucas pessoas permanecem, após o toque do sino, do lado de fora da Igreja. Dessas atitudes,

ouve-se das mulheres exclamações de incompreensão. Como exemplo: “essa juventude ficam por aí, nom querem mais sabê de rezá”. Durante a celebração, procuram preservar os bancos da direita, às mulheres, e os da esquerda, aos homens, unindo-se através da atenção voltada ao sacerdote e das vozes, quando respondem e cantam em coro. Nem sempre é possível seguir a risca esse preceito. Pude presenciar, numa das missas das quais participei, rostos entreolharem-se de forma dissimulada, ao verem uma das fiéis entrar na Igreja acompanhada por um cachorro que, certamente, por teimosia, não quis ficar em casa. Mas o riso não pôde ser contido, distraindo os mais próximos, quando, do doce sono sob o banco, o cachorro acordou emitindo um grunhido.

Após a celebração há os que logo partem para suas residências, outros, em grupos, ficam conversando e a maioria dirige-se à “Sociedade” para organizar-se nos jogos de baralho, ping-pong e bocha. Nos sábados em que ocorrem torneios de futebol ou bocha, voltam-se para apreciar os jogos, protelando o baralho e as outras atividades para após o término da partida. Interessante foi observar as mulheres, em torno da quadra de futebol, que mesmo com a bola rolando, continuavam a conversar entre si. A atenção voltava-se mais para o jogo, no momento do gol, da falta cometida e (ou) cobrada e da queda de um dos jogadores. Nesses momentos, vibravam, davam palpites e se compadeciam.

Esses encontros semanais apresentam-se como uma forma de fortalecimento das relações grupais e de controle social. São momentos onde trocam informações, vêem , ouvem, aprendem coisas diferentes e interam-se sobre os acontecimentos da comunidade. As fronteiras são alargadas ainda mais nos dias de festa.

No final de semana, e nos lembra Dona Neusa, “que é o domingo”, apontam haver mais possibilidade para descansar, assistir à televisão, namorar, visitar ou estar na companhia da visita dos filhos, embora, principalmente na parte da manhã e no final da tarde, necessitem cuidar dos afazeres a elas inerentes. Poucas mulheres dirigem-se ao povoado nos domingos. Em geral, um pequeno grupo que joga baralho juntamente com os homens. A maioria das colonas permanece em suas residências.

Se, por um lado, as colonas possuem um cotidiano de muito trabalho e muitas vezes “sem domingo”, de outro, nele também encontram satisfação. Isso foi possível identificar no decorrer dos encontros e das observações, quando falavam-me das alegrias vividas no dia-a-dia. Fazer um trabalho, ver a natureza, sentir a brisa, ouvir um canto, plantar flores, fazer crochê, ofertar e permutar seus produtos, receber e retribuir visitas, apresentam-se como formas de diversão. Transcrevo, aqui, partes da fala de cada uma delas, ilustrando:

Orgulhosa, Dona Joana (73 anos), no primeiro encontro, conduziu-me à sua horta, mostrando-me os canteiros, cada espécie de flor, e oferecendo-me verduras. Esse fato seguiu-se no segundo encontro, quando da minha chegada, pude acompanhá-la na coleta de mudas de flores e laranjas às visitas que se despediam. É ela quem nos fala: “As visita que vem me traz alegria, sim. E sabe que é minha alegria também, quando eu vô na horta e enxergo tudo bonito. A minha alegria é isso. Vê só! Má, as flores, eu acho que nasci no meio das flor. Bom, mês de maio, eu nasci no mês de maio, mês das rosera”. Dona Joana não só recebe visitas...“eu vô nessas vizinha aqui, quando eu sei que uma tá sozinha eu vô lá cada dois, três dia. Eu vô lá vê como ela tá, se tá bem. Otro dia eu agarrei, dei comida pros pinto, e me fui. Quando eu cheguei lá, tudo quieto, nom tinha

ninguém em casa. Entom, tenho costume de quando nom tem ninguém em casa, eu escrevo o meu nome lá no chom, e elas sabe que eu fui. Quando eu terminei de escrevê, vi que ela estava na horta. Entom fiquei lá um pedaço”.

Ao perguntar à Dona Catarina (31 anos) o que lhes proporcionava alegria no seu cotidiano, respondeu-me: “Má, até os trabalho. Gosto de fazê limpeza, gosto de virá, mexê, daqui a poco coloco uma coisa pra um lado, otro pra otro. Gosto de vê tudo ajeitado, limpinho. As criança diverte muito também, a família, enfim, né. Falou-nos, também, do quanto aprecia o ar da manhã e ver o amanhecer enquanto tira leite.

Dona Ana (75 anos), nos três encontros que tivemos, ressaltava, em meio ao desalento por sentir-se sozinha, o seu gosto pela natureza e pela “liberdade” existente na colônia em comparação ao meio urbano: “É meu prazer ver minha criaçãonzinha. Eu me lembro que eu ajudava meus avós a criar os pintos. E quando a gente é criada assim, de lá nom sai. É meu prazer acompanhá, cuidá. E quando morre um pinto eu sinto. Tanto que a gente cuida pra ver essa natureza bonita e me morre!”... “Eu gosto de fazê minhas caminhada lá nos potrero, eu olho as planta, eu olho o mato, tudo, que coisa linda que Deus me deu. Eu aprecio muito, muito as flores, coisa que a gente como se alegra. E quando vô na cidade é a mesma coisa de vê uma flor murcha”... Para ela nada é melhor do que, depois de um dia de chuva, sair de casa e “ver os verdejo, senti o frescor”... “A natureza é linda, eu gosto muito, muito. Eu digo assim: uma casa que nom tem pomar, ou pelo menos umas planta, umas flores, nom tem alegria. Inclusive uma casa sem criança é uma casa sem flor. Quando os meus netos vem aqui, parece que a gente se sente mais nova”.

Antônia (34 anos) falou-me da dificuldade de prover sozinha todos os trabalhos, tendo a ajuda do irmão somente aos sábados, domingos e nos meses de férias e combinar com as aulas na escola. “Eu sô pau pra toda obra, a gente têm que fazê tudo - dizia-me ela - fim de ano é uma locura, báh! Esse ano entom, foi muito puxado e início de ano. Até durante o ano é bom, afinal eu me realizo, gosto muito de trabalhá com as criança, eu adoro. Sinto tanta falta nas férias que Deus o livre. Gosto também de trabalhá na horta. Essas coisa assim eu adoro. Adoro fazê pom. Eu cheguei até comprá um forno. Má eu comprei mais pra fazê pra nós, nom quero nem sabê de fazê pra fora, má eu adoro. O dia que chove eu adoro fazê pom, bolacha...”

Dona Vitória (54 anos) conta com entusiasmo sobre a colaboração que presta à paróquia, organizando e escrevendo em atas os acontecimentos. Falou-me que os encontros de oração nas famílias e nas capelas se constituíam em momentos de alegria, mas “quando a gente se encontra com os filhos, com os netos aí a alegria redobra, quando as pessoas visitam a gente. A gente nom passa um dia que nom venha gente aqui”... No segundo encontro, enquanto conversávamos, suas mãos iam tecendo uma delicada renda, que fez questão de mostrar... “Tu sabe que eu gosto de fazê crochê, báh! Fazê docinhos também, eu me divirto fazê doces. Pena nom podê comê, se nom engorda muito!”

Dona Corália (55 anos), embora more distante do “povoado”, duas vezes por semana, sai à noite, a pé e sozinha, para participar das aulas de ginástica e, também, quando há, dos ensaios do coral de músicas italianas. Passei uma tarde em sua residência e, ao chegar, após o almoço, enquanto fazia a limpeza, o queijo, conversava com as pessoas que ali estavam e, quando ouvia algo que lhe despertava interesse na televisão, parava para olhar. Falou-me da

satisfação que lhe causa o nascimento de animais e levou-me para ver a “ninhada de porcos”, recentemente nascida. Sienta que, não tão freqüente como antigamente, ainda realizam serões: “a gente às vezes sai fazê um serom, ou vem aqui faz um serom. As vez, a gente joga baralho aqui com o Gino, se enterte. Eu gosto de jogá com ele”.

Para Dona Maria (51 anos), prazeroso é “organizá em roda de casa, as coisa, o espaço , né. Essas coisa assim, ajeitá fora de casa assim, é uma coisa que eu gosto. Por exemplo quando a gente veio aqui, tinha um barranquinho, nós pedimo pra patola e tirô, ajeitemo o gramado, plantemo umas arvorezinha, ajeitá, né”.

Dona Rosália (43 anos), na sua lida, anda sempre “apurada”, não dispensando seus trabalhos para sair e divertir-se. É dela o depoimento: “Eu me sinto realizada, eu me sinto feliz, quando eu consigo fazê meus trabalho”. Mas não dispensa os momentos do chimarrão, a possibilidade de ouvir rádio e assistir à televisão.

Dona Augusta (49 anos), em sua fala, expressava a alegria de ser responsável pela elaboração dos pães nas festas. Falava com alegria também das rodas de chimarrão, nos finais de tarde, e de baralho, à noite, nas épocas de menos trabalho. No seus depoimentos, reitera diversas vezes: “eu nunca paro, e sê eu nom tenho o que fazê, eu tô no crochê”.

Envolvida nos trabalhos do “colégio”, da casa e com a elaboração de doces para vender, Dona Regina (52 anos) também incumbe-se das liturgias nas celebrações religiosas. Nossos encontros davam-se sempre após os trabalhos da escola e em dias livres das encomendas de doces. Esta tarefa lhe ocupa tempo e dedicação, mas é elaborada com gosto. Durante esses afazeres tem o rádio e a

música como companhia durante o dia inteiro. Ela nos fala: “domingo quase prefiro ficá em casa, porque a gente sai todo dia por causa do serviço e, dificilmente, alguma coisa, por exemplo, me atrai pra saí de casa. Aí vêm as visitas e a gente se reúne aqui. E sobra um tempinho a gente joga canastra. Aliás, aquilo não é tempinho, é bastante, porque qualquer tempinho a gente já tá jogando uma canastra. Enquanto elas ficam aí, alguns amigos e as minhas irmãs, quando elas ficam até o dia seguinte, aí a gente vai até noite adentro”.

Tereza (31 anos), por não ter mais a presença da mãe, necessita assumir a casa e auxiliar o pai na roça. O pai, diz ela, “gosta de turma pra fazê rendê o serviço, entom me toca í, eu gosto de í porque aquilo descansa a cabeça, má se desse, eu gostaria de ficá só limpando, só limpá a casa assim, má que bom que eu acho aquilo”. Dedica-se, sempre quando lhe resta algum tempinho, ao bordado: “Má que coisa que eu gosto daquilo”.

Dona Amália (77 anos) encontra-se entre as colonas mais idosas de Vale Vêneto e, das entrevistadas, a mais idosa. Devido às saborosas cucas e doces elaboradas nas festas e casamentos, denominaram-na “cuqueira” de Vale Vêneto. Toda a sua fala está praticamente voltada para o tempo e o trabalho dedicado aos preparativos dessas festas. Com sentimento, expõe que após ter dedicado mais de quarenta anos de auxílio, fazia dois anos que não lhe chamavam para trabalhar na elaboração dos doces: “Eu sempre fui de boa vontade, até eu senti que nom me chamaram mais, má, agora que é tudo mais cômodo, me deixaram pra trás, agora e se fá ele, ‘gueto visto que brave’. Eu gostaria de i, má, agora eu nom faço como elas, porque som ligeras, som novas, nom é? Má, eu gostaria de alguma vez de ajudá, má nom me chamaram mais. Ih! má, dexe que vom as mais nova, que aprende mais elas, né. Elas gostam. Eu também gostava,

má... eu fiquei sentida que nom me chamaram mais, má, fazê o quê? ”. Expressava encontrar alegria quando recebe visita de parentes. Então, diz ela, “a gente conversa e conta do tempo passado, entom fico contente, quando vai embora fico triste. E agora faz tempo, tá demorando pra vir. Só me alembro da vó... ah... me alembro sempre da vó, nom posso me esquecê que a gente conversava, contava dos causo. Agora nom gosta, é bobage contá do tempo antigo. Má é que eu nom sei de otras cosa. Entom nós gostava das festa pra cá, das festa pra lá. Eu gosto de recordá, má”. As palavras de Dona Amélia vinham carregadas de nostalgia e tristeza pela incompreensão da família, pelo descaso às suas histórias, ao seu saber. Busca alento reportando-se ao passado e recordando. Encontra-se nessa voz o banimento e a discriminação sofridos pelos idosos para o que chama a atenção Ecléa Bosi⁵.

Desses exemplos nos fica a idéia de que, no fazer constante, apesar da sobrecarga, encontram satisfação, formando um cotidiano possível de experimentar alegrias. Por possuírem a terra, e ela sendo a própria morada, espaço do trabalho e da família, nele podem organizar, arrumar, construir, destruir, sonhar, desejar, decidir e administrar o tempo, proporcionando-lhes sensação de liberdade, de serem donas do próprio tempo, embora sujeitas ao tempo do marido, da família.

Valorizam a não sujeição ao cumprimento de horários, a vida familiar, o dar e receber visitas, o contato com a natureza, a abundância de alimentos, a vida em comunidade, o saber fazer. Para elas, trabalho, natureza e vida, ao contrário de antagônicos, compõem um diálogo de união.

⁵ Ecléa BOSI, Memória e sociedade.

2.2. TRABALHO E VIDA

O trabalho é a condição de sobrevivência dessas famílias. Através dele, plantam e colhem o próprio alimento. O trabalho, explica José V. T. dos Santos⁶, “é o meio de ganhar a vida através da troca do produto da própria atividade”. Na combinação entre os integrantes da família, desenvolvem os trabalhos de sol-a-sol, dia após dia, ano após ano e colhem os tesouros advindos da terra, frutos dos seus esforços. Mas, mais que um veio econômico, adverte Klaas Woortmann, o trabalho constitui uma categoria cultural do universo camponês, assim como a terra, a família, entre outros, interligados entre si: “o significado da terra é o significado do trabalho e o trabalho é o significado da família, como o é, igualmente, a terra enquanto patrimônio. Mais que um objeto de trabalho a terra é o espaço da família”⁷. O trabalho constitui-se também, para esses colonos, um critério valorativo das pessoas.

O trabalho foi a marca da educação e da socialização das colonas pesquisadas desde as idosas até as mais jovens. Marca extensiva a outras colônias italianas, conforme verifiquei no estudo realizado por Guacira Louro na Comunidade de Santa Tereza⁸. E, segundo Mário Gardelin, para o imigrante italiano o trabalho era “o único meio de realização”, a preguiça, “a mãe de todos os vícios”⁹.

Trabalhar é visto como natural, como o cantar (em especial músicas religiosas e italianas) e o rezar durante os afazeres no decorrer do dia. Bem me

⁶ José Vicente T. SANTOS, *Colonos do vinho*, p.140.

⁷ Klaas WOORTMANN, “Com parente não se neguceia”, p. 54.

⁸ Guacira Lopes LOURO, *Lembranças de velhas colonas italianas: trabalho, família e educação*. Revista Educação e Realidade.

⁹ Mário GARDELIN, *Imigração italiana no Rio Grande do Sul*, p.88.

recordo, quando menina, ia buscar pasto para as vacas junto com minha mãe e, no caminho, ela cantava. Muitas vezes, quando parava, seus lábios começavam a articular, num murmúrio, sucessivas ave-marias. Registro nessas linhas uma das canções que cantava repetidamente:

Mãezinha do céu
Eu não sei rezar
Só sei dizer
Quero lhe amar
Azul é teu manto
Branco é teu véu
Mãezinha eu quero
Te ver lá no céu

Cantar, explica Dona Ana, é uma forma de dar vasão às alegrias e tristezas, é uma forma de oração: “minha mãe e meu pai me ensinô que quem reza, reza uma vez, quem canta, reza duas vez. Ih! a gente renova esses canto velho e esses novo também. E eu me sinto tom bem. Quanto mais abro a güela mais parece que Deus está me ouvindo”.

As mãos fortes, nodosas, a pele dura, as veias saltadas e as cicatrizes formam o mapa de uma vida de trabalho. Mãos que, se não estão revolvendo a terra ou amassando pão, estão fazendo rendas. Mãos, explica Picucha Terra Fagundes na obra de Érico Veríssimo¹⁰, que não sabem ficar sossegadas. Mexem, arrumam, cavoucam, transportam e transformam, desempenhando diversas funções e, sabiamente nos lembra Alfredo Bosi¹¹, o quanto são diversíssimas as funções desempenhadas pelas mãos.

No descanso, trabalham. No trabalho, se cansam e descansam. Acompanha-as o sentimento de que sempre há algo por fazer ou de que um

¹⁰ Érico VERÍSSIMO, O tempo e o vento, p.310-315.

¹¹ Alfredo BOSI, O ser e o tempo da poesia, p.53-57.

esforço a mais pode ser feito¹². Iara Callegaro¹³, ao estudar o trabalho familiar de agricultores de Três Barras, RS, conclui haver sobreposição do trabalho empreendido na elaboração das mais diversas tarefas, à medida que adquirem caráter de distração, de diversão, chegando a ocultar a extensão da jornada de trabalho.

Essas colônias orgulham-se do queijo, do doce, do bordado, do crochê, da horta farta, do pão saboroso, da costura, do frescor do mato, dos animais sadios, da arvoredo limpo, do jardim e dos grãos colhidos. Com gosto mostram-nos ou nos oferecem os frutos do seu trabalho. Diversas vezes saí das suas residências presenteada por esses frutos. Suas produções são manifestações de si mesmas: idealizam, elaboram, vêem e experimentam o resultado de sua atividade. Não existe separação entre o saber e o fazer. Empenham-se para executarem tudo primorosamente, pois tudo é feito e pensado para si, para a sua família e, no caso das festas, também para a comunidade¹⁴. Através do fazer um queijo, um doce e um pão saboroso, no ter a mesa, a horta e o pomar abundantes, entre muitas outras coisas, se conhecem e são reconhecidas¹⁵.

Desconhecem a fragmentação que Simone Weil, através de palavras fortes e pungentes advindas da própria experiência no trabalho de fábrica, nos

¹² Sentimento e estímulo faltam aos operários das fábricas, discute Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão.

¹³ Iara do Carmo CALLEGARO, Estratégias de sobrevivência familiar em pequenas propriedades rurais.

¹⁴ José Vicente T. dos SANTOS, Colonos do vinho, p.34, escreve: “Não se realiza a separação do trabalho da pessoa do trabalhador nem a consequente conversão da força de trabalho em mercadoria. Cada pessoa da família camponesa desempenha um trabalho útil e concreto, segundo o momento e a necessidade. Desse modo, estrutura-se no interior da família uma divisão técnica do trabalho, articulada pelo processo de cooperação, resultando numa jornada de trabalho combinada dos vários membros da família”.

¹⁵ Silvino SANTIM, A imigração esquecida, p.64, lembra que para esses colonos o trabalho também é uma forma de “avaliação das pessoas”.

ensina¹⁶, essência da escravidão. Executar sucessivos e repetidos gestos, numa cadência frenética, pregado num ponto do espaço, impedidos de cantar e de sonhar é a servidão a que estão submetidos os operários curvados sobre a fria ferragem. Deles são roubados as habilidades, a inteligência, a dignidade e o auto-respeito, confessa a autora, em carta a uma amiga. Explica ela: “Dois fatores condicionam esta escravidão: a rapidez e as ordens. A rapidez: para alcançá-la, é preciso repetir movimento atrás de movimento, numa cadência que, por ser mais rápida do que o pensamento, impede o livre curso da reflexão e até o devaneio. Chegando-se à frente da máquina, é preciso matar a alma, oito horas por dia, pensamentos, sentimentos, tudo. Quer se esteja irritado, triste ou desgostoso, é preciso engolir, recalcar tudo no íntimo, irritação, tristeza ou desgosto: diminuiriam a cadência. E até a alegria. As ordens: desde o momento em que se bate o cartão na saída, elas podem ser dadas, a qualquer momento, de qualquer teor. E é preciso sempre calar e obedecer. A ordem pode ser difícil ou perigosa de se executar, ou até mesmo inexecutável; ou então, dois chefes dando ordens contraditórias; não faz mal: calar-se e dobrar-se”¹⁷. Também Ecléa Bosi ¹⁸ nos fala, sobre o sofrimento silencioso e a infelicidade muda de operárias da cidade de São Paulo.

As colunas participam, através do aguçamento de todos os sentidos, da sinfonia da natureza¹⁹: os olhos atentos observam e acompanham a semente nascer e germinar, o movimento da lua, das nuvens; o canto dos pássaros, o coaxar do sapo, o latido do cachorro, são constantes fontes de informações

¹⁶ Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão.

¹⁷ Ibid., p. 65

¹⁸ Ecléa BOSI, Cultura de massa e cultura popular.

¹⁹ Murray R. SCHAFER, “O mundo dos sons”, adverte para as sensíveis mudanças da civilização tecnológica na paisagem sonora.

orientadoras; o olfato apurado lembra o ponto de cozimento do doce, a chegada da chuva; as mãos e os pés tocam, amassam, apertam, sentem e elaboram. Observam e admiram-se com o belo existente na natureza e com a obra das mãos, que nela agem e transformam. O trabalho, discute Marx, faz parte da essência humana; é uma manifestação de sua personalidade, assim como a sua relação com a natureza, ou seja, “a natureza é seu corpo com o qual ele deve manter uma conexão constante para não morrer. Afirmar que a vida física e intelectual do homem está indissolivelmente ligada à natureza não significa outra coisa senão que a natureza é indissolivelmente ligada a ela mesma, de vez que o homem é uma parte da natureza”²⁰. Faz parte da essência humana a alegria e o prazer advindos do fazer, nos lembra Marx. Alienar o trabalhador do processo e do produto de sua atividade é torná-lo estranho a si mesmo e à natureza; é mortificá-lo. Com base nisso há que se pensar: A redução das horas de trabalho, como sugerem alguns autores, devolveria a alegria e a dignidade humana extorquidas nele? Ainda assim o caráter exploratório e desumanizador do trabalho não estaria sendo preservado? A arte, a alegria e o saber destituídos no trabalho podem ser compensados no lazer?

Marx e Simone Weil nos lembram o quanto é humano associar o pensamento à ação - alimento condutor de satisfação e alegria. Bom seria, enuncia Simone através da sua experiência, se o operário pudesse “depositar a alma, à entrada, no cartão de ponto e retomá-la intacta à saída! Mas é o contrário que se dá! Ela vai com a gente para a fábrica, onde sofre; de noite este esgotamento como que anulou, e as horas de lazer são inúteis”²¹. Qual lazer

²⁰ Karl MARX, Economia política e filosofia, p.328.

²¹ Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão, p. 134.

poderia restituir o que as pessoas perdem de si no trabalho? A autora segue seu pensamento nos advertindo contra os sistemas de reformas ou de transformação social anunciadores da diminuição da duração do trabalho. Se o trabalho não se oferecer enquanto ação / reflexão, inúteis continuarão sendo as horas de não-trabalho: “ninguém aceitaria ser escravo por duas horas; a escravidão, para ser aceita, deve durar por dia o bastante para quebrar alguma coisa dentro do homem”²².

O ritmo com que as colonas executam as tarefas obedece, juntamente com a necessidade do próprio trabalho, os corpos, as forças, o cansaço e a idade: “a gente faz o que pode”, “eu nom sô mais tom ligera”, “eu sô meia lerda, nom tenho aquela presteza”, “a gente nom faz mais como fazia uma vez”.

O que ocorre quando as forças lhes abandonam? A força, a atividade física, a exposição à umidade e à ardência do sol são uma constante em suas vidas. Adoecer, significa não poder desempenhar as funções que a vida lhes ensinou. Significa impossibilidade de trabalhar e, conseqüentemente, redução dos braços que trabalham. Aponta Dona Vitória: “trabalho é saúde e uma benção de Deus que a gente pode trabalhá. Porque pensa quem visita os doentes, que vê aquelas criaturas querendo trabalhá e nom podê. Eu vejo como uma graça de podê trabalhá”.

Nesta comunidade as famílias unem-se nos momentos de doença e morte. A solidariedade manifesta-se através de orações e preces nas celebrações religiosas, de visitas e, quando necessário, através de auxílio nos trabalhos. Especialmente as mulheres deslocam-se para visitar os doentes. As famílias

²² Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão, p. 140.

esforçam-se também, para se fazerem presentes nas cerimônias fúnebres através de, pelo menos, um representante, desde a casa onde se encontra o ente que partiu, até a solenidade final acompanhada pela balada nostálgica do sino. Balada que une os presentes aos não presentes, para o momento derradeiro da despedida.

Não somente os casos de doença e morte propiciam redução das forças no interior da família. A migração²³ é uma constante na comunidade de Vale Vêneto, especialmente por parte dos jovens e, em maior número, por parte do sexo feminino. As famílias, na sua maioria numerosas, reduziram-se somente ao casal e mais um ou dois filhos. As casas, outrora cheias, apertadas e barulhentas, atualmente amplas, vazias e silenciosas. A ausência dos filhos foi substituída pelas fotos expostas na cozinha ou na sala, na busca de sedimentar, de assegurar presente o sabor do passado.

Essas colonas transmitem, na face e na fala, a tristeza de ver desagregada a família e de estarem sós. “Entre as famílias mais pobres - escreve Ecléa Bosi²⁴- a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças.” A quem ensinar o aprendido? Elas observam a fragmentação da

²³ A migração em Vale Vêneto iniciou-se nos primórdios deste século. Muitos são os fatores levantados por autores que estudaram as regiões de imigração italiana. Destaco: propriedades reduzidas, portanto inviáveis de serem divididas; impossibilidade financeira para adquirir outras terras; uma estratégia de reprodução familiar frente às pressões do capital; intensa campanha de migração desenvolvida pelos palotinos para novas colônias; a importância que os colonos de Vale Vêneto imputaram aos estudos nas escolas religiosas dos Padres Palotinos e das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria e, mais recentemente, a proximidade com a Universidade Federal de Santa Maria, facilitando os estudos dos filhos. Klass WOORTMANN, “Cum parente não se neguceia”, p.72, referindo-se às colônias do Rio Grande do Sul, aponta a existência de um processo de rompimento dos valores tradicionais, no que tange a reprodução do patrimônio e da estrutura camponesa: “introduzem-se, no universo da colônia e da família, os projetos individuais dos filhos, em oposição ao projeto coletivo da família, pedra de toque da organização social”, podendo se tornar - alerta o autor - uma fonte de crise do campesinato.

²⁴ Ecléa BOSI, *Memória e sociedade*, p. 443.

sua cultura. Percebem a impossibilidade de sobrevivência do ser colono e de suas raízes. Feito semente lançada em solo inadequado ao cultivo, o colono vê-se impossibilitado de fazer germinar o conhecimento latente aprendido no decorrer de sua vida - seu maior legado - por não ter quem o acompanhe.

A frase “o que será de nossa juventude”, diversas vezes repetida por Dona Ana, em forma de lamento, tem significado. Eles vêm desagregar a tradição... “nossa juventude não reza mais, não vão mais a missa. Eu me criei com seis anos cantando Salve Rainha, ladainha e tudo, e sabe, com aquele velhinho que vinha aqui rezá o terço. Os meus filhos quase nada, e os meus netos menos ainda...Eu nom acho futuro nisso, porque eu descobri pela minha idade, como nós fomos criado, como criei meus filho, nessa mudança da nossa Igreja, mudança de política, mudança de tudo, eu nom acho futuro bom, que esperança! Eu acharia bem melhor voltar atrás, as nossas boas leituras, freqüentar a missa, freqüentar a nossa Igreja. Tanta santidade eu também nom gosto, mas a tradição, conservá-la. Porque a igreja católica é um bom freio e é uma coisa que nos alivia muito e nos ajuda muito”.

São, em especial, as mulheres mais idosas que em suas falas expõem, com freqüência, inconformação às mudanças sociais, embora salientem também a comodidade de “agora”: “Esse mundo moderno é tudo contra a nossa criação ”; “Agora tá tudo mudado, tem todas essas máquina, nós tinha que capiná, plantá, assim, nom era tanta esganaçom como agora, má é que agora precisa mais de dinheiro, por que se nom sem dinheiro nom se faz nada, né. Entom precisa trabalhá mais. Má antigamente, oh!, se trabalhava só pra vivê. É diferente, má eu preferia voltá o tempo antigo”. Expõem Dona Ana e Dona Amália em meio ao desalento. O regime da mercadoria e a mediação do dinheiro nas relações

tende a destruir costumes e valores caros e estimados, herdados e tecidos no cotidiano. Tanto incorporam as mudanças, quanto repudiam. O apego dos camponeses à tradição - enuncia Klaas Woortmann - “pode ser o meio de sobreviver à grande transformação: manter-se como produtor familiar em meio ao processo mais geral de proletarização ou de empobrecimento. A tradição, então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro”²⁵.

Essas famílias, na sua história, foram e estão sendo submetidas a sucessivos golpes que dilaceram as suas raízes. A origem remonta ao desenraizamento da pátria mãe e no Brasil, nas Colônias, embora se apeguem, agarram-se para suas raízes não serem novamente partidas, a língua foi reprimida²⁶, a família sendo dilapidada. Conforme Simone Weil²⁷, “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente.”

“Às vezes me sinto solita”, confessa Dona Ana. Falta-lhe, às vezes, com quem interagir. Alguém com quem possa discutir o aprendido, ingrediente para a renovação recíproca.

²⁵ Klaas WOORTMANN, “Com parente não se negueia”, p. 11.

²⁶ Segundo Joel Orlando MARIN, O integralismo na Ex-colônia Italiana de Silveira Martins - RS, uma das sanções sofridas pelos colonos na década de 30, durante o estado Novo, foi a proibição do dialeto Vêneto.

²⁷ Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão, p. 347.

Por outro lado, transmitem também a alegria de ver os seus filhos “estudados” levando uma vida diferente das suas. Felicidade é sentida quando os filhos retornam nos finais de semana, nos feriados ou nas férias. Nesses momentos retomam e fortalecem o sentimento de mulher e mãe, acolhendo os seus com esmero e empenhando-se para ter todo o necessário na sua chegada, mostrando sua alegria e competência.

2.3. VIDA E DIVERSÃO

A diversão na vida das colonas pesquisadas aparece associada muito mais ao âmbito familiar. Colocam com certo desalento que na comunidade há poucas possibilidades de divertimento específicos para a mulher: “Ah! se a gente sai, no caso, a não ser que a gente se encontre em grupos pra conversá. O único que eu participo assim, agora, é o jogo de cartas, canastra, trêssete, cinquinho, no caso. Quando eu vô, né, quando nom vô...”(Dona Maria, 51 anos). A fala de Dona Joana também ilustra: “Acho que nom tem nada, porque o quê? A missa e pra casa e tá. Fica lá um pedaço, é que a gente vai sempre de noite, né, depois vem pra casa. Fica fora lá um pouco depois vem embora, né”.

Das possibilidades existentes citam a missa, conversas entre amigas após a celebração, assistir aos jogos de futebol e bocha quando há torneios, jogo de baralho, aulas de ginástica, festas, trabalhos de preparação das festas, bailes, balneário. Porém, nem sempre participam. Para quem mora distante, caminhar vinte, trinta minutos nas pedras e, às vezes, à noite, torna-se custoso ou inexecutável: “Eu gosto de saí, de í na missa. A gente foi criado como de tê costume de í na missa, né. A gente teria que í na missa. Até deixei de í porque é longe de í a

pé. Mas eu gosto barbaridade de í sábado à noite. Gosto de conversá, sentá na praça com as criança, de ouvi uma coisa diferente. Gosto de olhá jogo de bocha, de futebol”(Dona Catarina). Também o cansaço da labuta impossibilita participarem, explica Dona Rosália: “As vez a gente tira, que nem onte de noite a gente foi a missa, e tira umas hora diferente, e só, quando dá, nem sempre dá. As vez a gente chega em casa cansada e prepara a gurizada, e precisa de uma coisa, e precisa de otra, e quantas vez a gente planejava e hoje vamo na missa, e chegava em casa e nom tinha mais ânimo de saí e í pra missa, nom”.

A celebração religiosa apresenta-se na fala das mais idosas como uma forma de entretenimento. Rezar, cantar, conversar e encontrar as pessoas no final das orações. A religiosidade para essas colonas, contrariando o apontado por muitos estudos, não significa imposição, castração, antes fermento que alenta e impulsiona.

As mulheres moradoras do “povoado”, observei, e a fala de Dona Vitória e Dona Regina o confirmam, usufruem mais as diversões existentes na comunidade. São elas quem, majoritariamente, participam das aulas de ginástica, principiada recentemente.

Experiência inusitada poderem brincar com o corpo, movimentarem-se no ritmo da música, expressarem sentimentos... possibilidades que o trabalho diário nem sempre permite. Esta alegria move Dona Corália (55 anos) a descer o “cerro” duas vezes por semana, à noite, sozinha e a pé, para compartilhar este momento de encontro e de benefício à saúde, conforme expressa. Talvez encontrem aí não apenas um momento de reunião, mas também um momento de dedicação para si: “a gente dá tanta risada que a gente se sente feliz, porque é pelo menos uma hora que a gente esquece tudo o resto”. Como o sagrado

acompanha todas as suas manifestações, a oração se faz presente no encerramento de cada aula.

Curioso foi ouvir os comentários, permeados pelo riso, feito por algumas mulheres, na oportunidade dos preparativos da festa da Gruta, a respeito da ginástica. Colocavam que a descontração, a brincadeira, a música e a dança vividos naqueles momentos, se faziam sentir também em outros. Confidencia uma delas: “agora eu danço, má vô no banheiro dançá, se nom vom achá que tô variando”.

A reclamação de falta de companhia abrange todas as falas. Muitas aspirações não são concretizadas por não terem quem possa acompanhá-las, por exemplo, para visitar entes distantes, para participar da ginástica, para ir a uma festa da paróquia vizinha ou na “Sociedade”. Os encontros entre amigas são ocasionais e casuais. E nem sempre sair na companhia do marido torna-se uma experiência agradável, mostra Dona Ana: “Eu nem vô junto com ele, porque ele se perde no jogo, nas conversa, se lembra de vir embora tarde da noite, eu nesta hora já tô dormindo”.

O jogo de baralho, aos sábados à noite e aos domingos à tarde, envolve os colonos horas a fio, especialmente o cinquilho e o trêssete, seguindo a tradição de seus pais e avós, onde, entre vizinhos, aos domingos e também nas noites de “filó”, jogavam, na companhia do vinho e da cantoria. As mulheres também jogavam entre si, mas, especialmente, sentavam-se próximas e punham-se a elaborar tranças de palhas para chapéus e confeccionar artesanatos. Posteriormente, a “Sociedade”²⁸ passou a ser o ponto para o encontro e para os

²⁸ A fundação da “Sociedade” - Sociedade Agrícola Cultural e Esportiva (SACE) - foi realizada em julho de 1965.

jogos. Considerado um espaço masculino, não se admitia mulheres associadas. A própria presença feminina no interior do clube era motivo de comentários e difamação. Ficavam, após a celebração religiosa, sentadas, conversando em grupos afins, nos bancos dispostos ao lado de fora, até o momento de serem chamadas pelos maridos, pelos pais, ou pelos irmãos, para irem embora.

Dona Amália (75 anos) revela ter aprendido a jogar baralho através das travessuras de menina: “Uma vez se jogava muito baralho e gostava também. Má aprendi jogá com os otros. Muito curiosa e sempre vinham jogá os namorado das minhas irmã, que eu era a mais nova. Curiosa de olhá e escutá e, afinal, fui aprendendo. Alguma coisa que nom sabia pedia a eles pra me explicá, me dizê, fui aprendendo. Oh, má naquele tempo nom tinha sociedade e se até, eu acho, uma pessoa ia, ficava mal falada se fosse aquele tempo no povo. No, nom tinha sociedade e mesmo...eh! ...só nos vizinho assim”.

A participação das mulheres no interior do clube não é de longa data, principalmente para jogar. Conforme o depoimento de Dona Augusta, jogar baralho no clube surgiu como forma de superar a angústia sentida ao ficarem horas intermináveis, anos após anos, esperando o marido entretido no jogo, até o momento de recolherem-se. Poucas mulheres jogam baralho (vítimas, às vezes, de comentários). Aquelas que romperam as barreiras morais e culturais, que as impediam de sentar-se nas mesas de jogos, concorrem a rodadas, muitas vezes, com os homens. É certo que, nesse particular, devem existir aí escolhas, preferências, pois, quando perguntei à Dona Augusta se elas jogavam só entre mulheres, respondeu-me: “No começo nós jogava só com mulheres, depois falta um pra jogá chamam a gente. Nom tem essa história, nom, tem que sê só home. Nom as mulher joga junto. Eles gostam de jogá com a gente. Agora tem uns que

sim que nom gostam, gostam mais de jogá entre eles. Mas a maioria nom, a maioria chegam ali, falta um, convida a gente sem problema”. As que incorporaram o jogo no seu cotidiano apresentam menos insatisfações referentes às oportunidades de lazer, considerando-o uma forma de entretenimento, momentos de alegria: “eu gosto daquilo, enterte, sei lá, a gente se distrai, acho aquilo diferente, uma coisa que a gente gosta, aquilo é uma alegria, né” (Dona Maria).

Nem sempre as rodadas de cartas envolvem apostas em quantias de dinheiro. Convidada por uma das mulheres para ser companheira no jogo de canastra (cinquilha e trêssete logo avisei não lembrar mais), mostraram-me que mais vale é jogar... O jogo não obedecia muito às regras, na soma de pontos e, no final, não houve nenhuma ênfase a ganhadores ou perdedores.

A regularidade para o jogar serve mais para os homens, não tanto às mulheres. Nem todos os sábados e domingos podem deslocar-se até o “povoado” para jogar baralho: “Eu nom jogo sempre, sempre, sabe. O Gelindo (marido), por exemplo, todos os dias sesteia, má de domingo nom sesteia, se manda lá pro jogo. Eu vô mais tarde por que tem que ajuntá ovo e tenho que tomá o chá da tarde, porque tenho comprimido pra tomá. Entom, fico mais tempo em casa e depois vô... se nom tem visita, porque muitas vez tem visita né, ai nom dá pra saí, má se nom, conforme ali se arruma um joguinho, o importante é jogá!”. A divisão do trabalho limita mais as possibilidades de divertimento da mulher do que as do homem - mostra Dona Corália - à medida que as tarefas domésticas necessitam serem realizadas também no domingo.

Das mulheres entrevistadas, nenhuma jogou ou joga futebol, voleibol e bocha na “Sociedade”, afirmando preferência pelo papel de

espectadoras. Todavia cheguei a presenciar jogos no clube onde mulheres (jovens) estavam na cancha de bocha, mas esclareço, de imediato, que a regra estabelecida era mulher jogar com mulher.

Na esfera da diversão, reproduzem-se as desigualdades que afetam a mulher. O clube é um espaço masculino, assim como os jogos são associados às práticas masculinas e, conseqüentemente, sair de casa para jogar também o é. “As mulheres têm lugar para elas, ligados a suas tarefas e a suas funções”, comenta Michelle Perrot²⁹ no estudo realizado sobre as mulheres da cidade de Paris no horizonte do século XX, o qual cabe para nosso estudo. Definições de espaços e funções expressam desigualdades afetando as mulheres de um modo geral, rurais ou urbanas, brasileiras ou inglesas (cada qual contendo suas especificidades). O estudo bibliográfico realizado por Antônio Arantes, em Londres, sobre o lazer, confirma essas asserções. É ele quem diz, apoiado no que demonstram os autores: “para a mulher, participar da esfera do lazer (em especial no esporte e em atividades que implicam o uso de espaços e equipamentos públicos) significa freqüentemente desafiar expectativas de comportamento (e de desempenho) que são fortemente referidas a definições estereotipadas de masculinidade”³⁰.

Os divertimentos concorrem com os “compromissos” do ser mulher, mãe e sentinela da família. As atribuições de gênero, permeadas na nossa cultura e fortemente introjetadas na vida dessas colonas, definem ações, demarcam preferências. A casa, a cozinha, a igreja, as capelas, o mercado, conduzindo aos chás, ao tricô, ao crochê, à comida, aos doces, à missa, às compras... focalizam a

²⁹ Michelle PERROT, “De Marianne a lulu: as imagens da mulher”, In: BERNUZZI, Denise (Org.). Políticas do corpo, p.167.

³⁰ Antônio A. ARANTES, Horas furtadas, p.12.

vida das colonas e, portanto, focalizam a interiorização das funções e a sua reprodução³¹. Inédito foi presenciar a reunião de quase todas as mulheres de Vale Vêneto (homens, poucos, apenas aqueles que trouxeram de carro suas mulheres), no chá comemorativo do dia do idoso, mesmo realizado em dia de semana. Conforme indicam, basta ter motivo concreto e organizado segundo seus princípios para aderirem. Assim também ocorreu nas apresentações musicais da “Semana do estudante”, realizada pelas escolas, e nos anos 90 e 91 (relato das colonas) nos encontros do dia Internacional da Mulher³².

Destinar tempo para divertir-se significa subtrair tempo de dedicação à família, significa fechar as portas da casa, significa, noutras palavras, uma forma de “abandono”. O depoimento de Dona Ana (75 anos) é significativo: “Eu tive bastante sentimento de me ver em casa nesses anos que tinham muito esporte, passavam camionada que iam pros jogos e eu sempre em casa, sempre segurando a família. Entom, meu prazer era esse, de assegurar a família e os interesses econômicos. Porque se todo mundo se solta, quem é que cuida da casa? E essa vizinha é a mesma coisa que eu, ela nom sai de casa, nom sai. E nesses dia eu comecei a dizê: também esses homens que estom sempre no Caravel³³, nom chega domingo tem que sê sexta-feira também. Mas começô quase me contrariá...depois eu vi minha vizinha também. O marido dela nom falha nos esporte, entom eu disse tudo bem. Só que das vez faz falta em casa, porque

³¹ Michelle PERROT. De Maricanne a lulu: as imagens da mulher. In: BERNUZZI, Denise, (Org.). Políticas do corpo, p. 163-182.

³² Encontros organizados por um dos padres da paróquia, na tentativa de levantar discussões e reflexões sobre suas condições de vida. Palestrantes *do* sexo feminino também foram convidadas para responder perguntas e inquietações específicas de mulher. Mencionam sentir falta desses encontros. Com a saída do padre da paróquia não houve continuidade.

³³ Segundo Silvino SANTIM, A imigração esquecida, a construção deste Clube (Sociedade Agrícola Esportiva Caravel), se deu em função de atritos e desentendimentos entre famílias que disputavam o local para a construção da igreja matriz, pois a afluência freqüente de fiéis garantiria o desenvolvimento do comércio. Ainda hoje os atritos se fazem sentir.

escapa uma rês, acontece alguma coisa de mal, onde a gente vai recorrê? Inclusive quando tinha criança pequena das vez adoecia criança, me via feia, o temporal que vinha, onde eu ia recorrê? Isso tem um pouco de sentimento porquê é uma espécie de abandono, né... tem as vaca, tem os pinto, porco pra lidá e a gente nom se sente bem í assim fora. É uma obrigação da gente com esses serviço. Má eu tô acostumada.” O descontentamento de Dona Ana em relação às atitudes do marido coexiste com a interiorização da dominação e com a auto-realização através do outro.

O sentimento intenso de dedicação à família e aos trabalhos alcança desde as colonas idosas até as mais jovens. Ressalto, porém, o jugo à figura do pai e o temor a sua vigilância, vivido pelas mulheres solteiras. Ficou sensivelmente visível na fala e nos encontros com Tereza e, também, no contato com uma jovem que me disse, em meio ao desconforto, não poder contribuir com o estudo pois “o pai nom gosta de vê ninguém parado”. No convívio com os pesquisados, foram diversas as circunstâncias desafiadoras, mas confesso ter sido este acontecimento, além de inesperado, um dos causadores de muita emoção, cujas palavras utilizadas pela moça não esqueci.

Desejos e aspirações existem, nos deixou claro a Tereza, mas nem sempre possíveis de serem concretizados, porque “o pai nom dexe”. Move-se na esperança de que o casamento e o marido possam dar asas aos sonhos e anseios: “Aqui em casa fui criada que só mulher tinha que trabalhá, trabalhá. O pai gosta de mandá a gente trabalhá e, se nom faz, ele fica brabo, né. A gente tem que í, má nom que a gente gostaria. O costume dele foi desde novo e, a mãe, em vez de tirá, nom tirô e agora ele continua. Às vez a Adélia (vizinha) me diz que tem que saí de casa, se distraí um pouco, nom ficá em casa sempre obedecendo, ficá lá

escutando. Má, eu nom tenho corage de saí, dexá lá abandonado... Parece que é um abandono, quanto ruim que seja, eu agüento. Eu nom consigo saí... Má eu gostaria de saí, passeá, num lugar longe assim. Saí com uma turma de amigo, assim, saí, né. Mas a gente nom pode saí. Tu vai saí quinze dias, o pai nom dexe, Deus o livre! Quantas vez eu queria saí, conhecê cidade, assim, pra longe, né, ele nunca dexô. Por isso que eu quero saí de casa, saí fora. Quando eu casá eu acho que vô saí. Ele (noivo) disse pra mim que vai me levá pros lugares. Que nem um dia ele foi pro Rio, que coisa linda, vai viajá longe assim, que coisa boa que é”.

A vida dessas colonas está pontilhada por uma educação privilegiando o trabalho em detrimento do jogo, do divertimento, do descanso. Os próprios padres, apoiados no lema Beneditino “ORA ET LABORA”, orientavam os leigos para ocuparem o tempo exclusivamente com a oração e o trabalho³⁴. Esses eram os critérios valorativos das pessoas. A diversão era entendida como desvirtuadora dos valores cristãos, provocadora de desordem e perdição. Todas as forma de diversão eram condenadas, os jogos de cartas, de bocha, as carreiras de cavalo e, em especial, os bailes. Esses, eram denominados - escreve Buzanelo³⁵ - de “caverna do diabo”, “fogueira de obscenidade”, “celebrações de festas demoníacas”, entre outros...

A mulher devia ser o exemplo desses preceitos no âmbito familiar. Verifiquei, através das atas das reuniões do Apostolado da Oração e das Filhas de Maria, a acentuada ênfase nas condenações aos divertimentos: “(...)as mulheres se apliquem com maior empenho aos cuidados da vida doméstica. Volte a mulher ao lar. Seja o anjo da casa e com ela voltará a família desmantelada a Deus Nosso

³⁴ Discussão levantada por Jérri Roberto MARIN, no estudo “Ora et labora”.

³⁵ Pio BUZANELO, História de nossa gente, p.156.

Senhor”³⁶... “Disse-nos (...) que devemos deixar as coisas que são mais gostosas, portanto, fazer mortificações, dominar seu próprio corpo deixando os divertimentos e fazer muitas orações”³⁷.

Apesar dos conselhos, das condenações e das vigilâncias e de serem as festas religiosas uma das únicas formas de diversão estimuladas pelos padres, apontam as colunas mais idosas, que o jogo de cartas, de bocha, os bailes, os “brinquedinhos” persistiram. Comentários tecidos por Dona Ana (73 anos) confirmam: “Antigamente, era contra os baile, barbaridade. Pe. João Buzanelo chegô batê em cima do pulpito. Má também tinha gente que ia lá levá tudo pra ele, que nom gostava de baile de certo. Má a gente ia igual. E agora os padre dança nom é.”

São raras as festas e bailes onde dançam; quando ocorre, relatam como algo inusitado, marcante. Dona Rosália e Dona Maria colocam como uma frustração não saberem dançar e Dona Catarina e Tereza precisam reprimir o desejo de dançar, pois seus companheiros não as acompanham nos poucos bailes realizados no Salão Paroquial³⁸ e no Clube Caravel³⁹. Em geral são os mais jovens e as pessoas “de fora” quem, em pares ou em grupos, balançam, remexem e deslocam seus corpos no ritmo da música.

A situação que se apresenta, portanto, não é a pouca possibilidade de divertimento e nem os tipos de divertimentos existentes na comunidade, pois, no decorrer das conversas, enumeravam e confirmavam a variedade de

³⁶ Ata 79 das Reuniões do Apostolado da Oração, de 01.04.1938.

³⁷ Ata 228 das Reuniões das Filhas de Maria, de 5. 03. 1950

³⁸ Espaço congregador da maioria das festas, sob os cuidados da Igreja, e onde são realizados os bailes ou “reunião dançante” durante ou no final de festas como: São João, Festival de Inverno, Semana do estudante.

³⁹ Clube distante do “povoado” onde ainda realizam bailes, pois na “Sociedade” (SACE) não promovem mais.

possibilidades. Também não significa possuírem como referencial a diversidade de lazer existente no meio urbano. Mas difícil é falar sobre divertimentos, para quem a educação o nega. Torna-se difícil assumir desejos e vontades no interior de uma educação dirigida à vida doméstica. Apesar de existirem, podem ser reprimidos pelos valores estabelecidos, interiorizados e sustentados. Difícil, ainda, é sair de casa, deixar a lida para usufruir dos entretenimentos existentes. Falta-lhes, nas palavras de Dona Maria, o “hábito” de sair. Ao perguntar à Tereza porque não ia à “Sociedade” aos domingos respondeu-me: “A gente vai lá se encontra sozinha e ainda periga sai mal falada, que tá querendo se assanhá. Se fosse todo mundo que ia, mas umas vom otras nom vom, fazê o quê? É por isso que ninguém vai, só quando tem jogo, alguma coisa assim”.

Quando explicitam sobre as poucas possibilidades de divertimentos, evocam a condição de excluídas, condição nada mais do que fruto de relações sociais.

Nessas falas, muitas são as palavras de conformação - “eu tô acostumada”, “tem que suportá”, “me conformo”, “tem que fazê” - poucas de revolta, inexistindo as de renúncia. Cozinhar, tricotar, capinar, rezar, visitar, festar... carregam consigo significados transcendendo o simples fazer. São atividades que a vida, desde a infância, encarregou-se de ensinar - lições adquiridas e aprendidas, experienciando no fazer, ou, no dizer de Herbert Read⁴⁰, numa “educação nas coisas”. Com elas se identificam, através delas se expressam e nelas se reconhecem. Celebram a comunhão com o criar, contemplar, sentir, cantar, penitenciar, exprimindo o sagrado nas coisas

⁴⁰ Herbert READ, A redenção do robô, p. 48-61.

realizadas... Elas nos ensinam que o divino não se manifesta separado do humano.

Pôde-se perceber que os divertimentos na vida dessa colonas se deram e se dão muito mais na própria residência, ou na de vizinhos, em meio aos trabalhos (e neles), do que propriamente fora do âmbito doméstico. A casa e arredores são os espaços nos quais, desde a infância, corre a seiva da vida, estabelecendo com eles intimidades e afeto. Desde a mais tenra idade, confundem-se ali o trabalho e a diversão. Os rios, as encostas dos matos, a carreta de boi, o declive dos morros, os galpões, o tronco e a sombra das árvores foram espaços a meio caminho entre a brincadeira e o aprendizado do trabalho⁴¹, conforme o depoimento de Dona Joana: “Desde pequena fui criada ajudando o pai e a mãe. Ia na roça com eles sentada em cima da carreta de boi. Má lá eu não agüentava tanto entom, quando me cansava, ia no rio, subia nas laranjeira prá comê laranja, brincava com as boneca do milho”. Traduz uma lógica de continuidade entre o fazer e a vida - e entre todas as fases da vida. Traduz uma educação através da ação (ou uma “educação nas coisas”).

Fiel e constante à casa e à família, encontram neles também alegrias: na companhia do rádio, sintonizado na emissora local⁴², no contato com a natureza, na confecção de artesanatos, na visita dos filhos, no contato com os netos e sobrinhos. Cabe atenção especial o sentido de festa que carrega a elaboração de alimentos como: cucas, bolachas, doces, entre outros. O ritual para elaborá-los e comê-los simbolizam uma exceção da rotina, isto é, exceção com o

⁴¹ Carlos Rodrigues BRANDÃO, em O trabalho de saber, ao estudar as relações entre educação escolar e a cultura camponesa, aponta para a importância da educação das crianças, iniciada desde cedo, a meio caminho entre o trabalho e a brincadeira.

⁴² Utilizado por todas as famílias, acompanham as notícias locais e regionais, as missas e as músicas.

que é comido e preparado todos os dias, ou ainda, com a obrigação. Simbolizam a celebração de um momento especial em família e em comunidade⁴³. E, em torno da elaboração do alimento, iniciam as festas para essas colonas nas datas festivas, como veremos no capítulo seguinte.

O encontro com os netos é contado pelas colonas com entusiasmo. A testa tesa e o semblante de sofrimento se abre para dar luz ao sorriso e à leveza: "... se tu qué me vê contente é quando vem as criança", diz Dona Ana. "A gente fica olhando, eles fazem cada uma que a gente se mata rindo", relata Dona Vitória. A alegria de encontrar e cuidar dos netos é compartilhada pelos avós estudados por Paulo de S. Oliveira. Explica ele: "...olhar os netos é tarefa que comporta um horizonte promissor: o reecontro de um sentido para a própria existência. E aqui vale dizer, existe aí - ao menos latente - a oportunidade de transformar a opacidade do presente e a incerteza do futuro num arco-íris vibrante e colorido, pontuado por um entusiasmo bem profundo, que parte das coisas mais singelas ". Numa pergunta o mesmo autor nos faz refletir... "Como é possível que seres tão pequeninos e frágeis tenham tanta força para espantar o desalento?"⁴⁴

Antônia, aos domingos, encontra possibilidade de tirar a veste rígida do trabalho e entrar na aventura de ser ao mesmo tempo narradora e personagem nas histórias contadas aos seus sobrinhos: "é tia daqui, é tia dali, me pegam pra contar história, eles adoram...e pedem pra contar essa, aquela, aquela outra, e te pulam em cima, e é aquela alegria".

⁴³ Segundo discute Klaas WOORTMANN, em A comida, a família e a construção do gênero feminino, hábitos e classificações alimentares em determinados grupos sociais identificam e marcam, entre outras coisas, o tempo - um tempo de fartura e um tempo de recessão, um tempo de trabalho e um tempo de festa.

⁴⁴ Paulo de S. OLIVEIRA, Vidas compartilhadas, p. 9.

Também Dona Catarina e Dona Rosália fazem menção às alegrias proporcionadas pelos seus filhos pequenos, embora nem sempre possam destinar toda atenção que lhes é solicitada e que desejariam oferecer. Na relação com eles, limpando a sujeira, ou chutando a bola colocada nos seus pés, encontram alento para “tocá pra frente”.

É bem verdade ser a maior parte do tempo dedicado ao trabalho, mas é preciso dizer que a existência da divisão entre trabalho e diversão, nitidamente presente no cotidiano da maioria das pessoas, parece não estar tão demarcada na vida dessas mulheres. Talvez porque o trabalho não seja um tempo que compõe o dia, nem somente um meio de sobrevivência. Ou, talvez, porque o *fazer* tenha sido sua escola e nele tenha aprendido a arte e a poesia do *saber fazer*, que clama Herbert Read⁴⁵. Ou, ainda, porque não só o produto possui significado, mas também o processo. Enfim, talvez porque o trabalho não é um outro, fora delas, que não compreendem. E, finalmente, porque nele celebram a criação, a contemplação, a oração, a expressão de si mesmas.

Quando o trabalho é esvaziado de sentido e diversão, busca-se no seu oposto (tempo de não-trabalho) o encontro com o divertimento. Expressão, satisfação, felicidade, autonomia, são sentimentos motores da trajetória de um percurso pelas atividades oferecidas pela indústria do consumo. No entanto, argumenta Bruno Bettelheim, a propósito dos perigos que ameaçam a autonomia na nossa sociedade, “uma vida bastante variada poderá ainda parecer estéril se as atividades e experiências não tiverem o toque da preferência pessoal, não brotarem de um estilo de vida individual e significativo(...). As atividades assumidas por estarem à mão ou ‘estarem na moda’ transformam-se numa

⁴⁵ Herbert READ, A redenção do robô.

coleção heterogênea de experiências. Como não têm características intrínsecas comuns, dificilmente poderão acrescentar-se, nem formar um campo integral que seja mais do que a soma de suas partes. Uma vida assim torna-se, portanto, fragmentada, e é experimentada como ‘vazia’, mesmo que sua falta de significado seja disfarçada por uma atividade febril”⁴⁶.

Sob esta perspectiva uma coisa é perceber o lazer, a diversão, o lúdico no interior da cultura, como elementos essenciais e constitutivos. Outra, é confundi-los como sendo a própria cultura. O prisma do mercado, segundo as reflexões desenvolvidas por Marilena Chauí, “reduz a cultura à condição de lazer / diversão e espetáculo”⁴⁷. Ao reduzi-la ao consumo, ao espetáculo, a algo a ser adquirido, reduz, do mesmo modo, o lazer a um tempo para o usufruto e aquisição desses bens e serviços oferecidos pelo mercado. Participar e fazer uso desses bens significa ter acesso à cultura, em outras palavras, significa ter cultura. Significa, além disso, participar da esfera do lazer e da vida social.

Pensar o lazer como bens a serem adquiridos é uma idéia que nos barbariza, pois arrebatada para além de nós, para o exterior - no consumo - o encontro com a arte, com o lúdico, com a diversão, com dimensões que deveriam estar presentes em tudo o que fazemos.

Para as colônias o ambiente de trabalho sendo “a morada da vida”⁴⁸, abre possibilidade para momentos de “folga”, para atividades prazerosas, para visitar, jogar, participar da roda de chimarrão, dormir depois do almoço, ler, cantar, conversar, caminhar pelos “pátios” ao entardecer e depois da chuva, plantar flores, oferecer e permutar frutos, ouvir rádio, assistir à televisão.

⁴⁶ Bruno BETTELHEIM, O coração informado, p. 76.

⁴⁷ Marilena CHAUÍ, Cultuar ou cultivar, p.52.

⁴⁸ Segundo a obra de Beatriz HERÉDIA, A morada da vida.

As diversões, portanto, não aparecem como um “outro” na vida - como sugere Henri Lefebvre⁴⁹ - ou um tempo liberado das diversas obrigações - como acena Joffre Dumazedier . Inexistem tempos definidos para o trabalho e para a diversão. Não há possibilidade de separá-lo aqui do trabalho, nem mesmo das atividades familiares, religiosas e comunitárias, pois estas esferas articulam-se entre si e compõem um todo constituindo a própria vida das colonas. Com vistas nestes autores, não existe lazer neste contexto específico?

Segundo as vozes e vidas das colonas, como pensar o trabalho e a diversão desvinculados das demais esferas da vida? Para elas há continuidade entre o trabalho e a vida, entre a festa e a existência diária, entre os domingos e os dias que seguem, entre o sagrado e o profano, entre o familiar e o comunitário. Não obstante, a dicotomia entre trabalho e lazer apresentada por muitos autores como núcleo explicativo parece não ser o caminho mais correto. O trabalho, enquanto necessidade humana, faz parte da vida assim como a alegria e a satisfação advindas dele. Compartmentalizar trabalho e lazer como dois mundos distintos não seria fragmentar o tempo, o homem, a cultura, o todo? “A verdadeira solução é combinar liberdade e trabalho, e isso pode ser feito apenas se transformarmos trabalho em diversão e diversão em trabalho”⁵⁰, enuncia Herbert Read.

Acostumados a pensar o lazer enquanto tempo passado na companhia de coisas, concluímos falsamente que as populações rurais não possuem diversões, ou que possuem menos variações. Adentrando no cotidiano das colonas de Vale Vêneto percebemos não haver necessidade de equipamentos

⁴⁹ Henri LEFEBVRE, Critique de la vie quotidienne.

⁵⁰ Herbert READ, A redenção do robô, p. 54.

sofisticados para haver diversão. Ela pode se apresentar nos trabalhos de agulha, como nos mostrou Dona Augusta, nos cuidados com as flores, como acentuou Dona Joana, na alegria da visita e nas recordações do passado, como apontou Dona Amália, nos trabalhos preparativos das festas, como nos contou Dona Vitória...

Portanto, se embuídos por valores culturais urbanos, ou por uma determinada concepção de lazer, poderíamos denominar as diversões vividas neste contexto rural de pobres, atrasadas, pouco elaboradas ou, ainda, poderíamos dizer que lazer não existe ali⁵¹. Basta entrar em suas vidas para perceber que a forma particular e autêntica de divertirem-se refletem valores e modos de pensar densos de significação. Também, cristalizar-se-á a percepção de que a monotonia é, de certo modo, aparente, como apontei no primeiro capítulo, pois veremos a correria cotidiana e a constante descontinuidade na rotina marcada pelo calendário festivo e religioso. Vamos, então, às festas.

⁵¹ José G. MAGNANI, Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade, p. 13, contribui significativamente para esta questão quando discute as formas e o significado das diversões existentes num bairro operário de São Paulo. Explica o autor ter sido apenas através do convívio e aos poucos que passou a aprender “a dar o devido valor a acontecimentos aparentemente corriqueiros, como aniversários e casamentos, a identificar a rede de relações mobilizada num torneio de futebol de várzea, a ver com outros olhos o entusiasmo de uma excursão de farofeiros(...)”

CAPÍTULO III

AS FESTAS E O COTIDIANO

**“MANHAR E BÊVER, CANTAR E RIDER, OH! QUE BEL VIVER IN SOCIETÁ”
(Comer e beber, cantar e rir, Oh! que bom viver em comunidade)
Provérbio**

No decorrer de cada ano, em meio ao “corre-corre” diário de trabalho, há no calendário destes colonos uma constante descontinuidade no seu cotidiano marcada pelo ciclo de festividades comunitárias e familiares. Neste capítulo, a discussão caminha de mãos dadas com essas festas, situando-as como formas de diversão autênticas tanto no que tange ao trabalho de elaboração quanto na data festiva. O limiar entre a inovação e a tradição também recebe atenção neste capítulo.

O calendário das festas acompanha o tempo cíclico da natureza e, ao homenagearem e rememorarem personagens ou acontecimentos, a cada ano, quebram a repetição da rotina. A festa lembra que é tempo de se permitir sair dos padrões vividos e reconhecidos como regulares e carrega consigo a possibilidade, ainda que por tempo determinado, de dar vazão a sentimentos, sensações e ações constrangidos no cotidiano. “Ela toma a seu cargo os mesmos sujeitos e objetos, quase a mesma estrutura do correr da vida e os transfigura. A festa se apossa da rotina e não rompe mas excede sua lógica, e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão”¹. Em algumas datas transporta os sujeitos para um outro ambiente que não o doméstico e conclama-os para que suspendam o trabalho produtivo.

A festa, lembra Rovilio da Costa, “é uma liturgia que se fez presente em toda a vida italiana. Por índole pessoal e por necessidade de superarem a solidão, os colonos italianos criaram uma tradição de encontros noturnos chamados ‘filós’, de visitas domingueiras, de encontros familiares festivos... Os ‘comes e bebes’ e o canto eram o ponto alto desses encontros (...)”².

¹ Carlos Rodrigues BRANDÃO, A cultura na rua, p. 09.

² Rovilio COSTA, Imigração italiana: estudos, p. 207.

Conservam, através das festas, elementos que os identificam enquanto grupo e com os quais se identificam no cotidiano. A sociedade rural, através da realização das suas festas a cada ano, elucida Carlos Rodrigues Brandão, mais do que conserva e coloca em exposição a sua “cultura tradicional”, “é a si própria, seus valores, seus preceitos e sua história que ela revê, rememora e conserva”³. A festa, portanto, não rompe com o cotidiano⁴.

Apresenta-se como um espelho da própria organização social e dos modos de ser de quem as realiza. Uma forma de exposição do “nós local” que, a um tempo, reforça as normas e valores que os orientam e incorpora outros novos. A festa traduz modos de ser e de viver. Expressa a identidade de um grupo, fala sobre suas crenças e valores, sobre o presente e o passado. Nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão⁵, “a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem”. Constitui-se uma manifestação social, aponta Heloisa Bruhns⁶, “envolvendo uma dramatização, dialogando com outras esferas e representações da vida social”.

Significa um tempo de renovação da fé, de agradecimentos e pedidos de graças celestiais, mas significa, também, oportunidade de distração, de descontração, de alargar as fronteiras do cotidiano, de fortalecer os laços de amizade, vizinhança e parentesco⁷. Um tempo propício para o surgimento de fatos novos, onde o cômico manifesta-se de forma mais presente e o trabalho (coletivo) adquire caráter de festa.

³ Carlos Rodrigues BRANDÃO, Cavalcadas de Pirenópolis, p.22.

⁴ Néstor García CANCLINI, As culturas populares no capitalismo, estudando festas populares no México, escreve haver uma profunda continuidade entre as festas e a ordem habitual.

⁵ Carlos R. BRANDÃO, A cultura na rua, p. 08.

⁶ Heloisa Turini BRUHNS, O corpo joga, trabalha, dança e festeja, p.136.

⁷ Estas questões me remetem ao estudo de Regina de Paula Santos PRADO, Todo ano tem: a festa na sociedade camponesa.

A influência religiosa profunda evidencia-se também nas festas, as quais se constituem numa forma de diversão, de inter-relação social mas também de expressão religiosa. Familiares ou comunitárias, possuem, em sua maioria, caráter religioso-católico⁸ diferindo, pois, das cidades, nas quais as datas cívicas, históricas e profanas povoam quase todo o calendário⁹.

As festas são momentos culminantes da vida da Comunidade. A socialização entre famílias, que no decorrer das semanas acontecem fundamentalmente aos sábados, em torno da celebração religiosa, nos dias de festa é intensificada e alargada. Encontra-se aí um tempo e espaço privilegiados para compreendermos as relações sociais vividas na comunidade¹⁰ e o sentimento de comunidade que os acompanha.

Especialmente as festas consideradas mais significativas envolvem praticamente toda a população do local, se não nos trabalhos, para festejar em tributo aos seus santos, aos seus antepassados, à sua história. Envolvem também as localidades rurais vizinhas e, nos últimos anos, a população urbana, em especial a de Santa Maria.

Nas comemorações familiares, é entre a cozinha (amplas em sua maioria) e a sala que ocorrem os festejos, transferidos, quando desejados, para os fundos da casa, entre as árvores ou próximos à churrasqueira. O Salão Paroquial congrega a maioria das atividades festivas comunitárias. Naquelas

⁸ É importante lembrar a contribuição do estudo “Ora et labora”, de Jérri MARIN sobre o projeto de restauração católica no Rio Grande do Sul a partir do caso da Ex-Colônia Silveira Martins, quando expõe que uma das formas de cooperação do clero com o governo, durante a primeira Guerra Mundial, se deu fazendo coincidir o calendário religioso com as principais datas nacionais.

⁹ Carlos Rodrigues BRANDÃO, A cultura na rua, p. 07-25, no capítulo denominado Anúncio, discute esta questão.

¹⁰ O estudo de José Guilherme C. MAGNANI, Festa no pedaço, traz contribuições significativas nesse sentido.

desenvolvidas no decorrer do dia, os participantes deslocam-se entre ele, a Igreja Matriz, a “Sociedade”, o bar, as praças e ruas:

Cemitério	Igreja Matriz		R U A	Praça	
Seminário	Praça			Casa Paroquial	“Sociedade”
R		U		Praça	
Residências		Mercado		Salão Paroquial	
		Bar		Gin. Esp.	

3.1- FESTAS FAMILIARES

Em cada família, somadas às festas do calendário litúrgico e oficial, há um calendário festivo particular relacionado aos seus membros. Datas como casamentos, bodas de casamento dos “nonos”, crisma, primeira comunhão, batizado, dia das mães e dos pais, páscoa, natal, são festejadas, sendo marcadoras de enorme importância na biografia familiar. Momentos dos quais toda a família participa ou esforça-se para participar e, como marcos, concentram a história de suas vidas. A casa renova os ares, as pessoas de uma nova energia, o cotidiano de um outro ritmo. Os espaços povoam-se de lembranças, despertam e reforçam os valores ali enraizados e oferecem, na doce língua natal, o confortável sentimento de continuidade.

Casamentos e bodas de casamentos são festas familiares às quais a comunidade também é convidada a participar e testemunhar, se não todas as famílias, pelo menos aquelas que com mais frequência trocam gestos de reciprocidade. Caracterizam-se pela abundância de comida e bebida, exigindo de

quem os prepara (especialmente das mulheres) muito mais trabalho, porém apresentam-se como momentos fortes e significativos. Poderia dizer serem estes acontecimentos os que introduzem uma exceção mais nítida no cotidiano, do que propriamente as festas comunitárias. Nelas associam a “biografia individual ao ritmo e ao sentido da vida comunitária”¹¹.

Datas tradicionais como natal, páscoa, vêm acompanhadas de rituais preparatórios vividos comunitariamente. Na páscoa, procuram respeitar os quarenta dias de quaresma, consagrados à penitência, à abstinência e a jejuns. Nos clubes não se faz festas, nem bailes. Sobem em via sacra ao calvário todas as sextas-feiras e aos domingos às vinte horas, meditando e orando em cada estação. Esse ritual se encerra ao entardecer da sexta-feira santa. O domingo de ramos inicia-se com procissão, e os fiéis, carregando palmas, dirigem-se ao calvário. No sábado, às vinte e duas horas, celebram a liturgia de morte e renascimento de Cristo para, no domingo, festejarem em família. Reuniões que, antes de serem acompanhadas por música, são regadas com comidas, doces e bebidas diferenciadas dos dias ditos “comuns”. A celebração do natal vem acompanhada da realização de novenas, entre vizinhos da mesma “linha”, preparando o espírito para o nascimento de Cristo, marcado pela “missa do galo” no dia vinte e quatro. Nessas datas, as crianças recebem mimos não oferecidos no decorrer dos dias do ano.

Comemorações, em sua maioria, situadas entre o familiar e o comunitário. Em algumas comemorações, a preparação inicia-se entre os membros da comunidade, terminando com festejos entre familiares. E outras, como casamentos e bodas de casamentos, iniciam-se na residência, mas a

¹¹ Carlos Rodrigues BRANDÃO, A cultura na rua, p.08.

comunidade é convidada a participar. Datas de cunho mais individual, como aniversários, não recebem muita importância.

Os encontros festivos entre as famílias, denominados de “filós”, freqüentemente realizados pelos imigrantes, atualmente não ocorrem mais. A fala de Dona Amália (77 anos) aponta para o sabor do convívio entre os vizinhos, os quais, nas suas palavras, “era como uma família só”. Nostalgicamente referiu-se ao término das noites e noites em que se reuniam para rezar, contar e ouvir histórias, “causos” e “frótoles” (em sua maioria, acontecimentos vividos pelos seus pais, avós e parentes): “Os vizinho se reunia e tinha uma velha, a sogra do Bepi, báh, ela abria uma boca assim, de tanto que ela gostava de contá causo, e depois dava aquelas risada, a velha Mariana. Contava um, depois parava aquele contava otro, e ‘te alembra daquele?’, ‘daquele otro?’ e ia assim...” As suas palavras e expressões fluíam com sentimento e envolvimento. Enquanto contava parecia reviver as cenas, as histórias, as pessoas, reconstruir o “filó”. No final da fala, o lamento: “Era bonito! Oh agora... nom se vai mais fazê filó nos vizinho. Bom, agora tem o rádio né, aquele tempo nom tinha. Era só conversa de um e de otro, tudo era diferente. Ah! como um vez nó, nó, pode tê rádio quanto querem, mas as anedotas, causos que os velhos contavam, iiihhh. Eu acho que tinha mais devoçom do que pelo padre na Igreja de agora. Escutavam tudo quieto e depois dava aquela risada.”

3.2- FESTAS EM COMUNIDADE

Assim denomino os encontros realizados pela comunidade para os seus moradores. Encontram-se aqui o chá dos idosos, a Semana do Estudante e a

Festa de São João. Nessa última, acendiam a fogueira de São João e dançavam no Salão Paroquial, acontecimentos esporádicos, ocorrendo atualmente somente quando os professores e alunos da escola preocupam-se em organizar e animar.

Comemorado no dia do idoso, o Chá se realiza na parte da tarde no Salão Paroquial e cada participante contribui com a comida. Participei deste encontro¹² e impressionei-me com a presença de quase todos os casais idosos, ou melhor, das mulheres, pois enquanto elas conversavam entre si, comiam e bebiam, os maridos sentaram-se em grupos mais distantes, ou aproveitaram para resolver outras questões.

Na Semana do Estudante (promoção das escolas), os alunos apresentam à comunidade seus aprendizados e talentos. Abrangem recitais de poesias, cantos, apresentações de danças, teatros, jograis, entre outros, durante os dias da semana. Para o sábado à noite, após a missa, foi reservado o concurso de melhor cantor. Após julgado os vencedores e a eles dirigidas as medalhas, seguiu-se um arrastar de cadeiras preparando a pista para a dança, animada pelo conjunto que anteriormente acompanhara os candidatos no concurso. No domingo à tarde, a Semana do Estudante encerrou-se na praça com um Show de cantores¹³, privilegiando, em seu repertório, músicas italianas.

Nos dias da semana presenciavam as festividades, em sua maioria, moradores do “povoado” e das proximidades. No sábado e domingo, as festividades congregavam a maioria dos moradores. No domingo, sentados em cadeiras, bancos ou no gramado, comovente era vê-los ali reunidos, dos mais jovens aos mais idosos, participando e aplaudindo. O corpo numa atitude de

¹² No ano de 1994.

¹³ Conhecidos e queridos pelos moradores por terem estudado nas escolas da Comunidade, serem filhos de imigrantes italianos e já terem animado outras festas.

transgressão à rigidez, balançava, se não no seu todo, ora os pés, ora as mãos, ora a cabeça, insistindo em acompanhar o ritmo. Muitas vezes cantavam juntos. Se o pôr-do-sol indica a hora de dirigirem-se à casa e à lida, neste dia preferiram protelá-los. Poucos foram os que dali saíram antes do Show encerrar.

Por outro lado, se no sábado a maioria dos moradores vibrava, aplaudia e palpitava entre si quando filhos, parentes ou amigos cantavam, essa mesma participação não ocorreu no momento da dança. Dançavam casais de jovens e, entre eles, um ou dois de idosos. As mulheres, sentadas ao redor da pista, entre si conversavam, comentavam, observavam. Os homens, mais distantes, próximos da porta e do balcão de bebidas, sentados ou em pé, conversavam, gesticulavam, riam e bebiam.

Apresentam-se nesses momentos de festa, ainda com mais nitidez, os padrões de comportamentos diferenciados entre homens e mulheres. Aos homens, é permitido sair só, ficarem próximos à porta em lugares públicos e neles beber, fumar, gesticular, falar e rir alto, porém as mulheres devem sair acompanhadas e aos olhos de todos acomodarem-se distantes da copa, mais ao centro ou ao fundo do ambiente, numa conduta de recato e pudor. Seus gestos são mais comedidos, seus olhares mais baixos, as conversas mais sérias. Na casa e no “povoado”, no trabalho e na festa, a conduta de separação entre os sexos é sustentada, no que tange a espaços e ocupações¹⁴. O ritual festivo excede o cotidiano, defendendo e reforçando as relações vividas nele¹⁵.

A vigilância à conservação desses preceitos é exercida tanto pelos homens como pelas mulheres, em especial, idosas e casadas, as quais gozam de

¹⁴ Lia Freitas Garcia FUKUI, levanta uma discussão densa no que se refere às relações entre marido e mulher no trabalho e na festa, nas relações intra e inter-familiares, nas especificidades do seu estudo.

¹⁵ Carlos Rodrigues BRANDÃO, Cavalhadas de Pirenópolis.

mais autonomia, quando comparadas às solteiras. As jovens do local, em especial aquelas atualmente moradoras nas cidades, assumem atitudes e práticas diferenciadas e, de certo modo, transgridem regras, causando comentários e constrangimentos.

3.3 - FESTAS: DAS MAIS SIGNIFICATIVAS ÀS MENOS SIGNIFICATIVAS

Ao longo do ciclo do ano na comunidade são realizadas atualmente cinco festas: duas relacionadas a santos - Festa de Corpus Christi, Festa da Gruta - duas consideradas “inventadas pelo Padre Giovani” - Festa dos Ex-alunos e Festa dos Motoqueiros - e o Festival de Inverno. Os primeiros acontecimentos festivos podem ser considerados como aqueles promovidos pelas pessoas do local, em especial, para elas próprias (denomino Festas *de Vale Vêneto*); os dois seguintes são promovidos pelas pessoas do local para pessoas de fora; e o Festival de Inverno (FIUSM), promovido por pessoas e instituições de fora, especialmente para pessoas de fora - concomitante a este ocorre a Semana Cultural Italiana integrando as pessoas do local (esses três últimos atribuo como Festa *em Vale Vêneto*, *pois poderiam ser realizadas em outros locais*). Acontecimentos marcadores de uma tradição relacionada, menos em torno do ritual da dança, mais em torno do canto, da comida e da bebida.

À exceção da Festa da Gruta, realizada no mês de fevereiro, as datas festivas concentram-se entre os meses de junho a outubro, período onde os trabalhos agrícolas são menos intensos, havendo mais possibilidades de festar,

estabelecendo-se um movimento dialético entre o tempo de trabalho e o tempo de festa¹⁶.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
	Gruta				Corpus Christi	Festival de Inverno		Ex-alunos	Moto-queiros		

Seguirei a rota apontada pelas colonas com relação à importância atribuída às festas. Consideram como festas mais importantes as de santo (Corpus Christi e Gruta) e o Festival de Inverno. As Festas dos Ex-alunos e dos Motoqueiros são mencionadas como secundárias, sem muito “valor” e “significado”.

3.3.1- FESTA DE CORPUS CHRISTI

A festa de Corpus Christi é a do padroeiro da paróquia. É uma “festa de fé”, dizem as colonas, uma “festa cristã”. Através dela rememoram acontecimentos que se oferecem como uma mensagem, ou como escreve Carlos Brandão, “uma pedagogia social necessária e oportuna”¹⁷ - é o que revela a voz de Dona Ana: “Eu me criei com a festa de Corpo de Deus e depois que eu comecei a criar esses dois filhos, pra ensinar pra eles como nós fomos criados, nós saía de manhã, com os dois e a pé, ia na missa, almoçava lá e quando era umas duas horas da tarde voltava pra casa, pra poder encaminhá-los dentro da nossa sociedade” Dona Ana (75 anos).

¹⁶ Ver Jacques LE GOFF em História e memória, quando discute o calendário na relação com os trabalhos e a festa.

¹⁷ Carlos Rodrigues BRANDÃO, Cavalhadas de Pirenópolis, p.22.

Recebe importância também porque, através delas, preservam e dão continuidade ao vivido e valorizado pelos antepassados: “ela é muito importante assim por devoção também aos antepassados que se dedicaram a construir esta paróquia e tudo, que deram nome. Sendo católico acho que a gente tem que conservar essa devoção dessas outras pessoas que já tiveram, né, conservar a fé” (Dona Maria, 51 anos).

Menos que antigamente, estas festas são anunciadas de manhã, pelo tanger dos sinos e pelos tiros de “canhão”¹⁸ para lembrar e convidar os moradores de Vale Vêneto e localidades vizinhas. Os tiros também acompanham o desenrolar de todo o ritual festivo, alegrando os familiarizados e assustando os desprevenidos.

As dez horas reúnem-se os participantes para a celebração religiosa, animada pelo coro local, para posteriormente suceder o ritual próprio das festas italianas da região, o almoço servido no Salão Paroquial, regado a vinho, geralmente de algum produtor da localidade. Primeiro a obrigação, melhor dizendo, a oração, depois a diversão¹⁹.

À tarde seguem-se cantorias, conversas entre os mais velhos ainda nas mesas do almoço e o vagar constante dos participantes num entra e sai do “Salão”, pelas praças, museu, Igreja, barracas de vendas, na busca de novidades e aventuras. De outro modo, sentam-se nos muros, nos gramados, nas escadarias, nas laterais dos carros de acordo com o desejo de ver ou conquistar. Para os moradores, a energia que pulsa e rege não é a mesma dos demais

¹⁸ Instrumento utilizado na Itália para anunciar festas, mortes... e trazido pelos imigrantes. Possui formato de um cone, com o ápice voltado para baixo. Nessa esfera é preparado uma solução à base de carbureto e ao ser ateado fogo nesta solução provoca som estridente.

¹⁹ Segundo provérbio utilizado pelos colonos: “Primeiro a obrigação, depois a diversão”.

encontros. As roupas mais coloridas, os ornamentos, o sapato nos pés indicam uma preparação, um cuidado e um zelo diferentes do rotineiro. Uma inspiração que a própria festa enseja.

Na festa permeia a sensação do inusitado, de novas possibilidades e novos encontros. Abre-se uma porta para as paqueras, namoros, pedidos de casamento, não somente entre moças e moços do local, mas, também, das localidades vizinhas. A descontração gerada pelo ambiente festivo propicia aventurar-se, mesmo se a investida não resultar no desejado e esperado.

Pessoas do local misturam-se, entrando em contato com as oriundas de outras localidades, rurais ou urbanas, que de carro ou a pé aí compartilham, dentre as diferentes intenções que as trouxeram, a de festar.

Apesar dos esforços da Igreja em estimular a fé, em reacender a prática da virtude através da promoção das festas religiosas e de condenar o aspecto festivo e profano que as revestiam²⁰ e revestem, para os devotos, a festa nada mais é do que a sucessão entre a oração e a diversão²¹. Parte da festa é rezar, outra parte é ver, comer, comprar etc. Sucedem-se, misturam-se e complementam-se.

Para a maioria dos moradores não há possibilidades de almoçarem no “Salão” nos dias de festas, todavia com chuva ou não, nesta e na Festa da Gruta esforçam-se para pelo menos participarem da missa. Muitos são os que assistem à missa, almoçam em casa e retornam à tarde para festar. Especialmente os mais jovens vêm apenas à tarde.

²⁰ Segundo Jérri Roberto MARIN, no estudo “Ora et labora”, p.141, realizado sobre a região da ex-colônia Silveira Martins, “o aspecto festivo e profano de que eram revestidas as festas religiosas dos imigrantes foi combatido pelos agentes romanizadores, pois as ‘convertiam em atrativo ao pecado’ ”.

²¹ Diz Carlos Rodrigues BRANDÃO, A cultura na rua, p.13, “(...) a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão”.

A venda dos doces, diferenciando-se dos procedimentos de antigamente, acontece desde o início do dia, sem interrupção, mesmo no horário da celebração religiosa. Permanecem abertas tanto a venda dos doces, como a de bebida durante toda a tarde, fechando quando os últimos participantes vão embora ou quando acabam os estoques.

A ausência das barraquinhas de jogos de argola, de lata, de tômbola, da banda de música local (contadas com entusiasmo pelas colonas, pois definiam-se como espaços e momentos viabilizadores de singelas declarações e encontros entre moços e moças) e a presença de barracas de camelô, da música de vitrola, apontam para a “fronteira entre os limites das tradições populares e dos gestos populares, antigos, e os de situação mais inovadoras de circulação de bens, serviços e prazeres da festa”²². As festas não somente reproduzem valores e identidades, mas incorporam e recriam outros.

No entardecer, a festa já tem um tom de despedida. Os visitantes retornam e as mulheres moradoras, de modo geral, antes de seus maridos, dirigem-se a casa para atender suas obrigações.

3.3.2- FESTA DA GRUTA

A Festa da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, realizada sempre no segundo domingo de fevereiro é a festa das promessas, pedidos de graças e agradecimentos pelo recebido. Segundo Padre Clementino Marcuzzo²³, a idéia da construção desta Gruta surgiu, em 1941, através do Padre Antônio Marin e sendo

²² Carlos Rodrigues BRANDÃO, A cultura na rua, p.12.

²³ Clementino MARCUZZO, Cinquentenário da Gruta de Vale Vêneto 1942 - 1992.

amplamente encampada pelas famílias da comunidade, através da doação do seu trabalho, em meio ao horror das chuvas torrenciais e desmoronamentos acometidos à população de Vale Vêneto, que destruiu casas e plantações. A proteção a danos maiores foi atribuída a graças alcançadas por concessão de Nossa Senhora de Lourdes e a ela consagraram a Gruta. O local fica no meio de um “cerro”, a um quilômetro e meio de subida através da estrada que liga Vale Vêneto ao município de Silveira Martins. Ali escolheram por possuir uma nascente d’água e situar-se próximo às pedras que, por “milagre”, não rolaram, mas ainda sujeitas de lá descerem e destruírem parte do Vale. Um local peculiarmente sagrado, demarcando a passagem da catástrofe ao milagre. Contém água sagrada e curadora jorrando incansavelmente; um frescor natural que acaricia e revigora; um silêncio acalentador, propício para uma conversa, dos que ali chegam em confissão de fé, com Nossa Senhora de Lourdes. Para Dona Corália (55 anos), “é uma devoção que a gente tem contra as enchente, contra os desabamentos e avalanche. Eu tenho muita fé, muita devoção pra Nossa senhora de Lourdes. Meu Deus ela me ajudô muito. A gente faz pedido e a gente se sente bem, se conforta sabe, com a esperança né, aquela confiança”.

No dia da festa sobem os padres seguidos pelos fiéis, após o toque do sino, rezando, cantando e silenciando para, ao chegarem à gruta, iniciarem a missa. Reúnem-se ali devotos dos mais diversos lugares. Um pouco mais abaixo, entre as árvores, há os “galpões” onde colocam a venda os doces, pães e cucas e onde agitam-se em torno de vinte pessoas a preparar as bebidas, as mesas, o som e os alimentos a serem servidos no almoço... Depois da celebração, os que aí ficam buscam reservar um local para almoçar nas mesas ou um espaço entre as árvores onde possam estender toalhas, encontrar pedras, ou ainda, armar

cadeiras para sentarem-se e compartilharem da festa, se não de todos alimentos servidos ali, pelo menos de alguns (risoto, churrasco...). À tarde as pessoas, sozinhas ou em grupos, passeiam, bebem, conversam, comem, compram e encontram parentes há tempos distantes. Para os que de manhã não puderam presenciar a missa por estarem na correria da arrumação dos preparativos do almoço, ou por chegarem para a festa somente à tarde, há uma segunda missa às três horas da tarde e há a continuação da venda das velas (bentas). Para meu pai, um dos encarregados há anos pela venda das velas, muitas foram as vezes que retornou para casa ao escurecer, ainda sem almoço, tamanha a demanda dos pedidos. Consequia almoçar quando alguém lhe substituíria ou terminava o estoque das velas.

Não é somente no dia da festa que há peregrinações. De carro ou a pé, raro é chegar até lá e permanecer sozinho. São sacrifícios feitos por quem aí chega para pedir graças e pagar promessas²⁴: “A gente indo lá parece que a gente ganha uma proteção” diz Dona Regina (52 anos). Semanalmente, Dona Vitória, seu marido e mais algumas vizinhas dirigiam-se para lá, às seis horas da manhã, para rezar o terço, fazer limpeza e renovar as flores dos vasos. Em outubro cheguei a acompanhá-las. No meu retorno em fevereiro, não realizavam mais este ritual, pois pessoas alheias à comunidade ocupavam e disputavam os espaços dos galpões através de violências e até mesmo morte.

Na Gruta e em Nossa Senhora de Lourdes buscam refúgios para problemas de saúde na família, bênçãos protetoras aos animais e colheitas,

²⁴ Carlos Rodrigues BRANDÃO, A cultura na rua, p.36, discute que a sacralização de locais específicos da cultura caracteriza o catolicismo popular, diferenciando-se das religiões afro-brasileiras que sacralizam lugares genéricos da natureza e dos protestantes, espíritas, entre outros, que “qualquer lugar se presta ao culto, porque ele é a comunidade de fiéis”.

proteção contra chuvas tempestivas e pedem chuvas (em procissão) nos períodos de seca. Buscam, através de pedidos de graças e milagres, o restabelecimento da ordem e o controle sobre os imprevistos da natureza. Pedidos que não podem ser considerados apenas como alienação, explica Marilena Chauí, porque imbuídos “por perfeito conhecimento de causa e por reconhecimento da impotência presente (...)”²⁵. Aspectos caracterizadores das práticas religiosas rurais e expressando, no dizer de Cândido Camargo, “o nível tecnológico rudimentar, a dependência da natureza e a correlata sacralidade da cultura, manifestada em termos da tradição católica”²⁶.

3.3.3- FESTIVAL DE INVERNO / SEMANA CULTURAL ITALIANA

O Festival de Inverno (FIUSM) ²⁷ é promovido desde 1986 pelo Departamento de música da Universidade Federal de Santa Maria, com apoio da prefeitura local (São João do Polêsine). Surgiu a partir de um projeto de pesquisa de duas professoras (Alzira Severo e Maria Del Carmem) sobre a preservação da memória musical italiana em Vale Vêneto²⁸. É um evento eminentemente “cultural”, destinado, preponderantemente, a estudantes de música de todo país. Reúne oficinas, ensaios e criações pela manhã e à tarde, concertos, recitais e palestras à noite. Paralelamente ao Festival de Inverno ocorre, à noite, a Semana Cultural Italiana com jogos típicos (Campeonato de “mora”, “tressete”...)

²⁵ Marilena CHAUI, Cultura e democracia, p.76.

²⁶ Cândido Procópio Ferreira de CAMARGO, Família e religião na sociedade rural em mundança. In: SZMRECSANYI, T., QUEDA, O. (Org.). Vida rural e mudança social, p.188.

²⁷ As observações e dados utilizados e levados em consideração relacionam-se à programação do IX Festival de Inverno - julho/agosto de 1994.

²⁸ Dados extraídos do Jornal Especial do IX Festival de Inverno e da IX Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.

apresentações de peça de teatro e grupos de danças folclóricas, locais, regionais e internacionais. Possuem como fins apresentar tradições, integrar cultura erudita e italiana , os “de fora” e os “do lugar” . São oito dias em que o assunto principal é música e tradições italianas para quem participa das oficinas ou programações abertas. Vinte dias para as pessoas da comunidade trabalhando atrás dos painéis, mesas e fogões a preparar os alimentos (oito preparatórios, oito de execução, quatro finais para a limpeza). Meses para quem organiza.

Constitui-se num acontecimento programado, controlado e realizado pelos “de fora”, assim como também se articula com a comunidade, pois não descarta os costumes locais, insere-se, une-se e excede-o. Isso pode ser exemplificado através da utilização do ritual das festas locais para abrir o Festival. Iniciado, com celebração religiosa, no horário habitual, animado (e nisso excede) pela Orquestra e Coro da Universidade Federal de Santa Maria. No próprio transcorrer do acontecimento festivo, há programações incluindo desde concertos ao ar livre (eles) até feira de produtos coloniais (“nós local”)²⁹.

Da segunda ao sábado há recitais de professores e alunos às dezoito horas; às dezenove horas, jantar italiano e, às vinte horas, início da programação ligada à Semana Cultural. Em duas, dentre as seis noites, os personagens-atores foram os moradores da comunidade (Noite do “Filó” e o Campeonato de “tressete”). No domingo de encerramento, um novo ritual festivo com missa pela manhã, após almoço e, à tarde, apresentação dos corais da região italiana.

São oito dias de preparação de doces, cucas, pães e almoço para o dia da abertura em quantidades redobradas, se comparada às outras festas. Seis dias (segunda a sábado) preparando desde o café da manhã até o jantar e,

²⁹ Artesanatos (crochê, tricô, bordados), açúcar mascavo, queijos, ovos, salame, entre outros.

concomitantemente, elaborando doces para abastecer a venda local e para a festa de encerramento. Das mulheres envolvidas nos trabalhos durante os oito dias do Festival ouvem-se lamentos por não poderem participar: “São dias felizes, só que a gente quase nem vê, pra nós mulheres é cansativo”, exclama Dona Augusta; “Nós trabalhamos muito, quase nom dá pra gente usufrui daquelas belezas que acontece durante a semana”, relata Dona Regina; “Foi uma semana ótima, bonita, tava quente, nom choveu, era tudo lindo mesmo, só que pra mim era trabalho, porque era cuca, cuca e cuca. Era gente que vinha, tudo divertido, jogava de tudo, entom claro a gente fica, né... apesar que eu poco enxerguei, tava sempre lá dentro, eu nom podia assisti no Salom o festival deles. Algum pedaço só. Eu gostaria de ter assistido mais, má, fazê o quê, se nom deu. To contente assim”, conforma-se Dona Joana.

Nas outras festas, a preparação e o dia festivo não afetam tanto a rotina, porém, neste acontecimento, para algumas mulheres, muitos são os dias e noites passados no “Salão”, às vezes chegando em casa apenas para dormir. É preciso esclarecer, sobre esses dias longe de casa não chegarem a constituir um “abandono”, pois são destinados ao trabalho, à Igreja, ao desenvolvimento da comunidade e, portanto, consentido e estimulado.

As mulheres que destinaram apenas alguns dos seus dias (em geral intercalados) aos trabalhos no “Salão”, esforçaram-se para organizar os afazeres da casa viabilizando a participação nas programações noturnas (também da abertura e encerramento). Apresento alguns depoimentos: “Tem programações que te deixam emocionada, sempre tem coisas novas. A gente passa umas horas diferente, modifica um pouco a rotina da gente do dia-a-dia”, aponta Dona Rosália. “Essa festa e as programaçom tu te diverte, tem ânimo, tu assiste coisa bonita”,

conta-nos Tereza. Vale Vêneto se reveste de músicas que “fazem a gente reviver”, declara Dona Catarina.

Nesses oito dias, os sons dos diversos instrumentos, aqui e acolá, sintonizam e misturam-se com os do Vale. É sentar-se nas escadarias da Igreja Matriz e ouvir o som do piano saindo do seu interior, produzido pelas mãos que tocam e amaciam as teclas em confissão, o som do violino partindo da sombra dos coqueiros ao lado do “Seminário” e o som dos acordes do violão partindo de dentro do “Seminário”, impulsionado por sua força.

As composições eruditas e os cantos líricos unem-se aos sons dos ventos, às vozes e ouvidos do povo: “Na Semana Cultural eu vi um home cantá, má eu nunca tinha visto coisa mais linda na minha vida. Ele tava lá em baixo das árvore e eu me parei pra ouvi. Quando ele terminô me vim embora. Voltei pra casa feliz que nem sei”. A cultura denominada erudita toca e alimenta o coração também daqueles com mãos rudes e calejadas, alerta Dona Ana (75 anos).

Restrita era a participação dos moradores do local nos recitais realizados às dezoito horas nos dias de semana e no sábado às quinze horas. Desses , majoritariamente mulheres, em especial as residentes no “povoado”³⁰. Intensa era nos domingos (abertura e encerramento) e nos dias de semana, à noite.

Se pensarmos que nessas programações os moradores de Vale Vêneto, somados aos muitos visitantes, não fazem pressão para abrir as portas e iniciar a apresentação, ou se pensarmos que não há empurra-empurra no

³⁰ Este fato sugere algumas questões: não participaram por falta de interesse? Identificam-se mais com a programação da Semana Cultural Italiana que se inicia às oito horas? ou são impossibilitados de participar em função do horário (cedo demais para estarem liberados da lida)? Supondo positiva a última interrogação, ao ordenarem a programação dessa forma, estariam subestimando a capacidade dos colonos de apreciar a cultura erudita?

momento de entrar, é um engano, tamanho o desejo e ansiedade dos participantes para se acomodarem e apreciarem os espetáculos. Pude presenciar, no dia da apresentação dos Grupos Folclóricos de Danças Internacionais, realizado no ginásio de esportes da “Sociedade”, que, fechadas as portas para ensaios, as apresentações iniciaram com atraso, suficiente para os mais próximos da porta de entrada começarem a exclamar “tá na hora”.

Ainda que o Festival de Inverno, mais que a Semana Cultural Italiana, não seja um acontecimento tradutor de um “nós local”, nem mesmo destinado ao “nós local”, possui importância e significados à medida que, como expõem as colonas, “trazem coisas boas pra Vale Vêneto”, “são dias felizes” e “atrai muito turismo”. O “nós local” torna-se palco de “uma semana de cultura” e ator, ao expor sua própria cultura. Dona Corália enfatiza: “é uma festa grande, atrai muito turismo. Nós dependemo dessas festa, senom Vale Vêneto se acaba. Nós temos que trabalhá pra conservá, pra mantê, né”.

3.3.4- FESTAS DOS EX-ALUNOS E DOS MOTOQUEIROS

Às Festas dos Ex-alunos e dos Motoqueiros, as colonas atribuem pouca importância, sendo aquelas, como argumenta Dona Augusta (49 anos), que “não tem muito sentido pra nós, poderiam caí, ou pelo menos juntá as duas”. São poucas as pessoas da comunidade participantes destas festas, como apontam, tanto no que tange ao envolvimento nos preparativos como no dia festejado.

São Festas de introdução recente, realizadas para os “de fora” e, portanto, sem significados para quem as produz: “O Padre Giovani inventô essas festa ali e nós temo que fazê, nom é? Temo que agüentá”, explica Dona Tânia. O

significado encontra-se menos ao nível de crenças do que no econômico. O profano se sobrepõe ao religioso e o material ao subjetivo. Não carregam na sua essência homenagens a personagens, símbolos ou acontecimentos pelos quais se identificam em sua rotina. Nem mesmo carregam consigo o peso da tradição ou, em outras palavras, não possuem uma memória. Conforme escreve Alfredo Bosi³¹ “a memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto de cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e feito através da História”. Nas festas do padroeiro e da Gruta eles a promovem, nela se espelham e se constroem, são, enfim, atores-produtores e, por isso, cheias de sentido.

Antigamente, nos conta Dona Vitória (54 anos), realizavam apenas festas de santos: “Era dia santo de guarda, não se podia trabalhá e tinha que respeitá, ir à missa, comungá e se confessá, como um domingo, podia caí em qualquer dia da semana. Má depois o governo aboliu, porque era muito desperdício de tempo pros funcionários”. Se, no passado, conforme escreve Rovílio da Costa e Arlindo Batistel, as festas dos colonos imigrantes “eram encontros fraternos onde o importante era a pessoa, a conversa, o canto, a gratuidade e a coparticipação”³², ou, voltando à narrativa de Dona Vitória, “era mais pro povo, tinha mais fé, mais oração”, aproximadamente há uns dez anos atrás, continua ela, “entrô o Padre Giovanni Sarttori fazendo propaganda pra Santa Maria, entom a gente agora faz mais essas festas pro pessoal da cidade”.

Se as festas antigamente eram simplesmente vividas em comunidade e realizadas para a comunidade, sem fins lucrativos, atualmente passou a ser

³¹ Alfredo BOSI, Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd et. al., Cultura brasileira tradição/contradição, p. 53.

³² Rovílio da COSTA e Arlindo BATISTEL, Assim vivem os italianos, p.626.

comercializada. Converteram-se em festas para os outros. Os colonos, de certo modo, de atores passaram a ser espectadores.

Inovações desse porte e sentido não partiriam dos colonos. Como argumenta Eric R. Wolf³³, referindo-se aos camponeses de um modo geral, existe uma lacuna separando-os de adotarem conceitos e rituais de uma elite religiosa inovadora. Eles costumam reter suas normas tradicionais de manifestação. Ainda que estimulados a incorporarem, através destas festas, uma nova dimensão, qual seja, a do desenvolvimento de Vale Vêneto abrindo as portas para tornar-se um “centro turístico”, elas não possuem no seu interior a força própria das práticas populares. Talvez porque a cultura, antes de ser algo imposto, que se adquire, se compra ou se consome, é vida pensada, é fruto de um trabalho, é um processo contínuo. Significa dizer que a “cultura popular não é fetichista, ela não lida com coisas, mas com significados, e os significados estão dentro do espírito”³⁴.

Se, de um lado, conformam-se e resignam-se em fazê-la, de outro, resistem através da não participação efetiva e da discussão inclusiva sobre a possibilidade de serem festejadas em apenas um domingo. O sentido de retorno da festa (a certeza e o desejo da volta no seu tempo), derivado da concepção cíclica de existência, naturalmente experienciado por essas colonas nas duas festas de santos, nestas não o é, pois não carregam consigo a conotação de continuidade, de permanência, ou o pacífico sentimento do retorno no seu tempo certo.

Mas, saliento, se para Tereza (31 anos) melhor é ficar em casa, ao ver e sentir medo e horror das “coisas” feitas pelos motoqueiros com suas motos,

³³ Eric R. WOLF, Sociedades camponesas.

³⁴ Alfredo BOSI, Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd et. al., Cultura brasileira tradição/contradição, p. 47.

para Dona Ana (75 anos) é motivo de emoção vê-los chegar em passeata: “Quando nós nom tinha camioneta pra ir à missa eu ia lá em cima do cerro pra poder ver aquela fila de motoquero que vinha vindo lá embaixo. Mas eu tinha loucuras pra ver isso, inclusive o Claudio (filho) participô, ele tinha moto, e andô com a bandeira na frente. Mas eu senti aquele ano de nom poder ter ido. Má sabe quando a gente som pobre, nom se tinha conduçom e a pé eu nom me sentia com coragem de ir, entom fui me mete lá em cima pra olhá de longe. Que beleza! Otro ano eu fui e agora se Deus quiser eu vô de novo, porque agora temo camioneta. Se vai de manhã, se volta pra casa e se almoça e de tarde se volta”.

Os visitantes, ao buscarem nas festas de Vale Vêneto oração, diversão e o diferente, tornam-se para os colonos um atrativo, um espetáculo, algo excepcional.

Especificamente, as Festas de Corpus Christi e Gruta traduzem suas vidas e a história da comunidade. Nelas permeiam os valores e sentimentos peculiares da vida local, os quais ganham concretude a cada acontecimento. Trazem consigo o sentido de tradição. Nos outros três acontecimentos, percebe-se a presença marcante do econômico, das “inovações”. Essas últimas vão muito além de reunir a comunidade e as vizinhas para rememorarem e homenagearem seus personagens. Em especial, exibem um campo fértil onde perpassam lutas de interesses entre diversos atores e setores - religioso, político, econômico, social, cada qual defendendo interesses e supremacia.

Com base no estudo de Valdir Morigi, as causas das mudanças manifestadas na estrutura da festa “devem-se provavelmente às transformações na estrutura produtiva da sociedade e conseqüentemente nas relações sociais no

campo”³⁵. As diferenças entre as festas e as mudanças estão expressas também, como veremos, nas relações e no sentimento que os acompanham nos trabalhos (das festas). Mas, vale lembrar, a própria continuidade das festas comunitárias, enquanto traço típico do meio rural, é uma manifestação de resistência à sociedade incentivadora de práticas individuais e homogeneizantes. José Vicente Tavares vai mais longe em seu estudo, denominando as práticas de sociabilidade entre os colonos, perpassadas também pela esfera do lazer, de “utopia comunitária”. São formas, sustenta o autor, de resistirem “à disseminação da lógica de mercadoria nas relações pessoais entre eles”³⁶.

Vale lembrar também que, assim como as festas tradicionais incorporaram traços “novos”, as festas recentes conservam traços tradicionais. O “antigo” e o “novo” articulam-se num movimento de incorporação, rejeição e conservação. Mas a valorização e a identificação acentuadas no tradicional acontecem, como mostra Heloisa Bruhns através do seu estudo, porque este “constitui-se na força para continuar existindo”³⁷. Ou, poderíamos dizer ainda, antes de ser uma atitude conservadora, auxilia Marilena Chauí, “a crítica do novo e a defesa do velho se inscreve no espaço definido pela opressão: diante da impotência presente e da falta de esperança num futuro melhor, o passado opera como referencial para o imaginário elaborar a diferença temporal, fazendo do passado um outro tempo possível.”³⁸

³⁵ Valdir José MORIGI, “Antigamente era assim”, p.03.

³⁶ José Vicente Tavares dos SANTOS, Colonos do vinho, p.175.

³⁷ Heloisa Turini BRUHNS, O corpo joga, trabalha, dança e festeja, p.151.

³⁸ Marilena CHAUI, Conformismo e resistência, p.157.

3.4- FESTAR E TRABALHAR:

O ALIMENTO COMO ELEMENTO CONGREGADOR

Acompanhei os preparativos e a programação do Festival de Inverno, Festa dos Ex-alunos, Motoqueiros (todas no ano de 1994) e Gruta (em 1995). Em geral, seguem os mesmos procedimentos quanto aos preparativos e condução do ritual: uma semana de preparativos e um dia de festa, com exceção do Festival de Inverno. A descrição a seguir relaciona-se às observações realizadas nos preparativos da Festa dos Motoqueiros.

As Festas de Corpus Christi, Gruta e Motoqueiros são organizadas pelos festeiros³⁹ e o Festival de Inverno e a Festa dos Ex-alunos pelos membros do Conselho Paroquial⁴⁰. Distribuem-se desta forma para dividir trabalhos e responsabilidades, pois, como levanta Dona Augusta, além de serem “muitas festas”, concentram-se num mesmo período do ano.

Os festeiros responsáveis elaboram uma lista de pessoas para auxiliarem nos preparativos no decorrer de cada dia da semana. Os nomes são lidos na missa e aos convocados são informados o dia a prestar auxílio e os trabalhos a eles designados: “coleta”⁴¹, fazer doces, “agnolini”, churrasco, risoto, limpar galeto, preparar o espaço da festa...

³⁹ Equipe (10 a 12 pessoas) nomeada pelo Conselho Paroquial no final de cada gestão (1 ano), responsável pela organização da festa: coleta de alimentos, compra do necessário, organização dos trabalhos, enfim, “são os que fazem a festa acontecer”. Não cobram por seu trabalho e são obrigados a aceitar a nomeação ou, pelo menos, encontrar um substituto.

⁴⁰ São eleitos a cada dois anos pela comunidade. Reúnem-se mensalmente para discutir e encaminhar questões voltadas à Paróquia: conservação e reformas das construções da Paróquia (Igreja Matriz, Casa Paroquial, Salão Paroquial), compra de material, díizimos, contabilizam gastos e lucros das festas, empregam e destinam o dinheiro da Paróquia, entre outras coisas.

⁴¹ A coleta das doações das famílias é realizada somente nas duas festas de santo - Corpus Christi e Gruta.

Fazendo parte da equipe de festeiros ou não, é próprio da comunidade algumas pessoas se consagrarem a determinadas funções, sendo em todos os acontecimentos conclamadas para desempenhá-las e, em certos casos, até mesmo nas comunidades vizinhas: Dona Amália e atualmente Dona Joana são as “cuqueiras”, Dona Augusta coordena o feitiço do pão, Dona Regina o dos doces, Seu Gino e esposa e atualmente Seu Miguel e esposa, o risoto, Seu Aldo, os tiros de canhão. Assim, a festa se realiza com o auxílio de quase todas as famílias.

Na segunda-feira de manhã vê-se fumaça na chaminé do Salão Paroquial. Iniciaram-se os trabalhos preparativos e, para muitos, a própria festa. Uma função que culmina no domingo e termina somente na segunda-feira. Enquanto as mulheres responsáveis pelos doces, pães e cucas, primeiros alimentos a serem preparados, começam a mexer, limpar e organizar as louças necessárias, alguns homens transportam, cortam e organizam a lenha a ser utilizada no forno, nas churrasqueiras, no fogão da cozinha.

Já na segunda-feira, elaboram as primeiras “fornadas de bolachas”. A confecção das roscas, dos merengues e rocamboles caracteriza-se por oferecer, a quem quiser comprar, variedade e quantidade. Assim como as colonas inovam com os docinhos de coco, primam com as rosas de polvilho, as cucas, entre outras receitas aprendidas com os antepassados. Envolvem-se nisto em torno de dez mulheres, entre mesas, panelas e gamelas, fornos e formas, fogões e pias - e poderia usar aqui o aumentativo, pois tudo tem proporções imensas - a elaborar doces, pães, cucas e “agnolini” com o cuidado e delicadeza que cada receita encerra. Da segunda à sexta-feira, cinco dias, desde cedo (manhã) até a hora possível, ou necessário ficar (nos dias que amassam pães e

cucas, madrugada adentro. Até mesmo pernoitam no “Salão” para acompanhar o “crescimento” e o ponto de cozimento.), trabalham as mulheres convocadas do dia, juntamente com as festeiras e coordenadoras, na elaboração destes.

Passei dias com aquelas mulheres, observando, trabalhando e aprendendo. Os festeiros e a coordenadora dos doces eram os primeiros a chegar e já se envolviam em preparar os vasilhames, quebrar ovos, etc. Conforme iam chegando, saudavam e recebiam saudações efusivas. Umas manifestavam-se mais, outras menos. Quando a maioria das ajudantes chegavam, Dona Regina (coordenadora dos doces) convidava a todas para voltarem-se à Nossa Senhora (no alto da parede), elegendo algumas orações e pedindo proteções: “Eu costume fazê essas oraçom - disse-me ela - pra acima de tudo pedi a proteçom, assim no sentido de que ninguém se acidente ou mesmo no sentido da união, né. Que as pessoas trabalhem unidas, que nada de desagradável aconteça. Muitas vezes eu digo que a Nossa Senhora esteja presente no meio de todas nós, e esse encontro seja um encontro mais de trabalho e de alegria e nom aproveitando a oportunidade pra muitas vezes provocá alguma coisa desagradável, no caso falá dos otros, né”.

Feita a oração, desejava bom dia, passava as coordenadas iniciais e o que seria priorizado no dia. As mulheres encarregavam-se de se articularem no que fosse necessário. Quem lavava a louça, quem mexia os ovos, quem colocava a farinha, quem untava as formas, quem preparava o forno, quem ficava responsável pelo almoço... as coisas aconteciam como se cada uma já soubesse “a priori” o caminho a seguir. Confesso que, às vezes, me perdia em meio a tantas mãos, vozes e coisas por fazer. Uma dessas vezes consolei-me ao ver algumas meninas ali pela primeira vez, substituindo a mãe, ficarem paradas olhando, sem

saber por onde iniciar, até receberem orientação. Percebi que ali todas as mulheres já haviam trabalhado em muitas festas.

As formas individuais de organizar, conduzir e preparar o alimento, adaptam-se, nessas ocasiões, compondo um coletivo, não sem conflito, tampouco sem o riso. Não se reproduz aí o ritmo e a forma de conduzir o trabalho da cozinha familiar à cozinha do “Salão”, explica Dona Augusta (49 anos): “Lá quando te botam trabalhá naquilo, é só aquilo, e aqui em casa nom, te toca fazê tudo, é mais correria. A gente vai lá trabalha, conversa com todo mundo. É um trabalho diferente, pega pessoas diferente, entom é bom, sai de casa”. Um processo de continuidade e rupturas de domínios, valores e ritmos presentes no cotidiano.

O convite, ao “meio-dia”, para almoçar era sempre recebido com alegria e agradecimentos em meio aos comentários do já feito, do que há por fazer. Confraternizam aí o sabor de receber o alimento pronto, de estarem desobrigadas da rotina que muitas vezes lhes oprimem: “Lá me botaram ajudá fazê bolachinha, fazê doce. Gostei, gostei muito, porque pelo menos vô lá, trabalho, má nom é como aqui em casa. Lá quando é meio-dia o almoço tá pronto, nom precisa eu me encomodá. Vô lá almoço, nom tenho cozinha pra lavá, nom tenho que fazê nada, só o meu serviço e a gente se enterte”(Dona Ana, 75 anos).

Mas não há muito tempo para ficar na mesa (situação reproduzida do cotidiano), logo regressando às atividades interrompidas, ou retirando e lavando as louças do almoço.

Durante a tarde continua o desenrolar das atividades com as atenções mais voltadas ao cozimento dos doces. Máquinas como a de abrir massa e dar formato às bolachas, sovar pão, auxiliam para agilizar maiores quantidades

em menos tempo e trabalho. Braços revezam-se para tocar a manivela, enquanto outros cortam, colocam nas formas untadas, carregam até o forno, cuidam do cozimento, desenformam, retiram das formas, limpam-nas e novamente são recarregadas de bolachas. A cada receita formam-se expectativas, comentários e torcidas para sair o mais saboroso possível. Comparações entre receitas, entre festas e festeiros são inevitáveis. Desalento se cria quando, por descuido, deixam queimar “fornadas” ou utilizam algum ingrediente deteriorado ou, ainda, quando por falta de prática, enrosca e gruda a massa de pão nos rolos da sovadora. Para revelar, uma das tarefas não aprendida por mim foi sovar pão. Iludi-me com a aparente simplicidade do processo cometendo o temido. Um ihhhh! sonoro anunciou o incidente.

Bules de café, de chá e chaleira com água para o chimarrão são abastecidos durante todo dia na chapa do fogão, o qual, constantemente, é alimentado com pedaços de lenha, abrindo, deste modo, possibilidades maiores de descontração e festividade. Bacias de bolachas consideradas inadequadas para vender (queimadas, quebradas) são colocadas à mesa para o horário do chá da tarde. Constituem-se momentos significativos: “Pra quem vai trabalhar a festa começa desde o primeiro dia. Lá é anedota, é fofoca, é tudo, é comê, e bebê e vai indo, né. E tem que sê assim pra í adiante, porque se tu vai lá trabalhá e ainda nom come, né. Ou vai lá fica séria num canto, começam te dizê o quê que aquela lá tem. Entom tem que participá” (Dona Vitória, 54 anos).

Antes do pôr-do-sol retornam as suas casas, buscando concretizar o pendente e inadiável; outros, são adiados. Os festeiros e coordenadores, em geral, são os últimos a saírem, encaminhando o máximo possível os serviços.

A elaboração das cucas exige dedicação, esmero e paciência. Não utilizam fermento adquirido em supermercado. Elaboram-no cuidadosamente com batatas e deixam em vidros até alcançar o ponto. A “cuqueira” leva, aproximadamente, três dias para começar a ver o resultado do seu trabalho. Primeiro o ponto do fermento, depois o ponto para sovar e, por último, para cozinhar. Tudo depende do fermento, da farinha, da temperatura e do quanto são sovadas. Conforme a festa e a estimativa de visitantes, preparam cento e cinquenta cucas ou mais e, para tal quantidade, são necessárias várias doses. Conseqüentemente, vários são os dias de trabalho e as noites em claro. Quantos dias, pela manhã, cheguei no “Salão” e vi as mesas forradas de cucas. Simples era colocá-las em sacos plásticos e levá-las às prateleiras, mas houve quem não dormiu, ou não teve sono tranqüilo para cuidar delas. Muitas são as vezes em que nos deliciamos com o sabor dos alimentos, tão poucas as que refletimos sobre o trabalho e o sacrifício contido neles⁴².

Ao lado do sacrifício do trabalho, à noite, após um dia intenso, nos momentos de espera do ponto de crescimento ou de cozimento, abre-se espaço para cantar, rezar, contar piada e jogar baralho. Dona Joana, que na “Sociedade” não se permite jogar baralho por dizer não jogar direito, nesses intervalos não se vê constrangida. Explica não existir aí o caráter de seriedade. Tudo é brincadeira. As noites, nas quais sovam cucas, auxiliadas também por homens, relatam como muito divertidas: “É bom assim trabalhá nas festa. A gente conversa, ainda mais quando é sová as cuca de noite. As mulher quanta coisa que dizem e dá risada” (Tereza, 31 anos).

⁴² Ver na obra de Ecléa BOSI, *Memória e sociedade, as lembranças e o meditar de Dona Risoleta sobre a faina de sua mãe*.

No sábado de manhã, dia anterior ao da festa, enquanto algumas mulheres limpam a cozinha, lavam o material usado na semana e fazem os últimos doces (rocambole, rapadura), outras limpam os frangos que os homens habilitam-se em matar. Tudo encaminhado, permanecem na cozinha apenas uma ou duas mulheres. Em contrapartida, no ambiente ao lado, os homens reponsáveis pelo churrasco preparam a carne. À noite resta ainda para os churrasqueiros colocar a carne no espeto. Para o casal responsável pela elaboração do risoto, compete ao homem lavar os panelões e, à mulher, preparar o tempero; para os festeiros, homens e mulheres, organizar e enfeitar o espaço onde será servido o almoço. Após concluído, é dormir esperando amanhecer um “dia bonito”.

De manhã cedo, vão chegando os festeiros e os convocados para trabalhar na realização do almoço, que inclui, no seu cardápio, sopa de “agnolini”, risoto, frango no espeto, maionese (salada de batata), salada de raditi e pão. Precisam ainda fazer fogo para o churrasco e para os panelões do risoto e “agnolini”, colher as verduras (oferecida por famílias), lavá-las, preparar a salada de batata (tirar a casca, cortar e temperar) e colocá-las em pequenas travessas, cortar os pães e dispô-los em pratos. Tudo é levado próximo ao balcão que viabiliza a passagem desses pratos dos cozinheiros aos “serventes”⁴³. Forma-se um clima de ansiedade e correria que é, a todo momento, quebrado por cenas cômicas, comentários, cumprimentos eufóricos, chegada de parentes, idas aos balcões e portas para visualizar a chegada e o movimento dos participantes. Cada qual ciente de sua função, acorrem, também, onde há necessidade ou imprevisto.

A tensão aumenta após o encerramento da missa, quando os participantes buscam comprar doces, ingressos para o almoço e acomodação

⁴³ Em geral jovens que levam, repõem e retiram os pratos de comida e as bebidas.

nas mesas. O ambiente, antes amplo, torna-se diminuto pela intensa circulação dos trabalhadores somados aos “serventes” que começam a chegar. Nesses momentos tornam-se comuns tropeços entre si, uns, motivo de riso, outros, de embaraço.

Retardam ou intensificam o cozimento dos alimentos, conforme a afluência das pessoas para, somente quando a maioria estiver acomodada, começar a servir. Primeiro a sopa de “agnolini” e o pão, depois os outros pratos. A quantidade de pessoas a almoçar define o tempo de sufoco e atropelos. Nesta festa, embora dia de sol, poucos almoçaram, bem menos do que o estimado. Depois de uma hora de trabalho intenso já começavam a empilhar louças e lavá-las. Depois de recolhida a louça nas mesas, os “serventes” almoçavam e partiam para festar ou para suas casas. Muitas mulheres permaneceram limpando o “Salão”, evitando retornar na segunda-feira.

Nessa Festa sobraram muitos alimentos e, conforme avaliaram, tudo foi tranqüilo. Em outras, em especial a do Festival de Inverno, permanecem durante quatro horas com trabalhos intensos, fazendo panelões de comida, gamelões de salada, repondo pratos e mesas às filas que se formam.

3.4.1- SENTIDOS DO TRABALHO

Em honra a santos ou não, as cinco festas realizadas na Comunidade possuem relação com a Igreja e reverterem lucros para a Paróquia. Trabalhar nas e pelas festas significa trabalhar pela Igreja. Segundo o aprendizado recebido por Tereza de sua mãe, na “festa a gente sempre tem que trabalhá porque é pra

Igreja. Depois se vai pra Igreja nom sei. Eu trabalho pra Igreja, agora se o pessoal bota no bolso a consciência é deles, né”. Realça Dona Ana “eu só faço em benefício da Igreja, apesar que a gente paga o dízimo também, a gente coopera. Depois como eu te disse eu gosto muito de ir lá, tem companhia, a gente se enterte”..

Significa também, como diz Dona Regina, um trabalho de “colaboração pro crescimento da comunidade”. A festa somente se realiza através desta cooperação comunitária. A continuidade do ser em comunidade, explica Dona Corália, exige sacrifícios e doações, nem sempre ofertados por todos: “A gente tem que colaborá pra podê saí uma festa, né. Porque se tu pensá ah! dixa lá pro otro e o otro também pensá assim, entom quê que fica? Nós precisamos trabalhá pra uma comunidade. Eu acho importante né, porque se te chamam, né. Tem algumas que são chamadas, dexam de ir várias vezes pra nom serem mais chamadas. Mas se todos pensarem assim. É importante a gente se dedicá pra comunidade, né. Faz parte da sociedade, né. É um trabalho comunitário”. Além da cooperação, da diversão, da reciprocidade trocam o trabalho pela proteção dos santos.

A ausência dos convocados não passa despercebida. De certo modo, festeiros e “coordenadores” controlam presenças e ausências. Antes essa vigilância era exercida até mesmo no confessionário pelos padres. As mulheres preocupam-se em colaborar, no mínimo, num período do dia e, quando isto não é possível, compensam no dia seguinte. Quando na família não há filhas, nona ou tia para encaminharem a lida na sua ausência, ou para cuidar os filhos pequenos, colaborar para a festa exige esforços redobrados e, por vezes, impraticável.

Compor a equipe de festeiro propicia experiências positivas e agradáveis, exemplificada na fala de Dona Catarina: “Nas festa a gente trabalhava, mas a gente se divertia. Trabalhava, chegava assim a noite com as perna bamba. De repente chegava alguém de fora, dava umas risada, até passava as cansera. Era ótimo, ótimo mesmo. Depois nós tinha uma turma boa. Lá trabalho tem, trabalho nom falta... Quando tu vê que a festa teve um bom andamento, um dia bonito, aquilo só vai. Tu vê o pessoal que chega e leva, conversa. Quando tá tudo pronto, tudo realizado, limpinho, que nom tem mais nada pra vendê, entom tá bom. É só limpá. E tem que ficá atenta, porque se tem falha tu tem que ajudá. Precisa vê onde falta, onde nom falta. Mas é ótimo apesar da cansera”. Mas há também experiências fatigantes e incômodas, feito a vivência e relato de Antônia: “ficava a noite sem dormi, sovando cuca, depois vai pra escola caindo de sono. Não há quem agüente. E depois colocaram eu e o meu irmão, em casa nom se fazia mais nada, e tinha ainda aquela função de cuca, bolacha e ir pro colégio sem preparar aula”.

Esse trabalho é, pois, um momento de encontro entre os moradores, particularmente diferente dos existentes aos sábados à noite ou das novenas. O caráter festivo e, portanto, descontraído apresenta-se, ampliando as margens para liberar o riso, o canto, o cômico, a brincadeira, o jogo. Confissões incomuns⁴⁴, contar piadas, fazer travessuras, cantar conjuntamente, ganham dimensão maior: “a gente tá aí se comunicando com as pessoas, né. No fim a gente se enterte, conversando com um, com otro e a gente sai da rotina da vida da gente”(Corália, 55 anos). Conta-nos também Dona Joana (73 anos): “das vez a gente dá risada, a gente canta, vai fazendo essas cuca, vai botando nas forma, vai

⁴⁴ Exemplo explicitado no capítulo anterior sobre o dançar no banheiro.

cantando, vai rezando também, muitas vez. Uma começa um canto, outra começa outro e assim vai indo. Até esses dia tinha aquele Bortoluzzi lá, ele tava assobiando uma melodia que a gente conhecia, né, e daí nós fomo. A Rosa começô a cantá e nós fomo indo e ele, com o assobio dele”.

Nesses momentos é possível identificar, como se refere Heloisa Bruhns⁴⁵, que jogar, trabalhar, dançar e festejar são gestos humanos e traduzem a sua essência.

Dona Regina, coordenadora dos doces, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos desde o primeiro dia de trabalho, relaciona-se com todas ou quase todas as pessoas convocadas: “é um contato que a gente tem com quase toda a comunidade, porque desde a confecção dos doces, cada dia tem uma turma de trabalhadores. Aí cada dia a gente tá em contato com pessoas, grupos diferente”.

Esses momentos oferecem uma solução para a restrição sentida pelas colonas em relação ao espaço doméstico. Apresentam-se como possibilidades permitidas e estimuladas aos olhos de todos para sair de casa. Um sair ensejando ampliação da sociabilidade, do conhecimento, mas contendo, no seu bojo, continuidade dos domínios femininos (cozinha), num espaço público, porém fechado e conjugado ao sagrado, carregando consigo os próprios limites.

Encontram nessa ocasião, especialmente, as coordenadoras, ainda que na cozinha, a possibilidade de serem reconhecidas, valorizadas e demonstrarem talentos: “Pra gente é um enriquecimento, né, porque a gente demonstra o talento que a gente tem”.

⁴⁵ Heloisa Turini BRUHNS, O corpo joga, trabalha, dança e festeja.

Solidários e irmanados, dispõem de tempo, trabalho e doações. Tomam consciência da sua unidade enquanto um “nós local” indispensável para o bom andamento das festas. Permitem o avaliarem-se enquanto equipe de festeiros em comparação com as equipes de outros anos e, enquanto grupo, em comparação com outros grupos e festas de localidades vizinhas⁴⁶. Acertar quantidades de doces para a venda, de comida para o almoço e agilizar para todos serem bem servidos, garante o sucesso da festa, o prestígio dos festeiros e, conseqüentemente, da comunidade.

Nesse contato mais direto, do mesmo modo que estreitam relações entre si e tomam conhecimento do ocorrido na comunidade, entre vizinhos e nas famílias, há possibilidade para liberar o não dito, as rusgas e discordâncias, criando tensões. Presenciei discussões hostilizantes e circulação de “fofocas”, criando, para algumas mulheres, embaraço e, a outras, divertimento. Essas são situações nem sempre referidas nas falas das entrevistadas.

Também reforçam ou renovam valores, reafirmam ou redefinem posições e prestígio de famílias, de moradores. Doar um novilho⁴⁷ e coordenar um trabalho, por exemplo, revelam méritos e demarcam relações de poder. Mostra Carlos Brandão em Cavalhadas de Pirenópolis que, “ao lado das posições e papéis de prestígio e poder dos dias comuns as festas rurais criam, desde os momentos de sua preparação mais remota, possibilidade de serem disputados, oferecidos e ocupados, cargos e posições que correm paralelos aos da sociedade, por valerem ‘para a festa’, mas que, em boa parte, são determinados pela ocupação antecipada de posições e papéis ‘na sociedade’; e que podem,

⁴⁶ Lia Freitas Garcia FUKUI, Sertão e Bairro Rural, aborda esta questão entre sitiantes tradicionais.

⁴⁷ Alimento nobre e principal na dieta alimentar dos colonos.

pelo outro lado, alterar essas próprias posições dentro dela. Afinal - arremata o autor - o ritual não é uma reprodução passiva das relações sociais”⁴⁸.

A disposição e animação dos que trabalham é visível nas festas de santo e no Festival de Inverno. Nas outras, esclarece Dona Regina, “há menos colaboração. Talvez por serem festas, além de não ter tradição, são menores. São festas parece assim que não tem muito sentido. Por exemplo, o encontro dos ex-alunos é assim um encontro deles, no caso. E também dos motoqueiros é mais jovens, coisa assim que vem pra essa passeata de moto”.

Mudaram o calendário das festas - abolindo algumas e introduzindo outras - e muitos dos conteúdos e relações que as regiam. Antigamente todo e qualquer trabalho feito nas festas não costumava ser cobrado. Conta Dona Amália (77 anos) que “uma vez o Vigário chegou a perguntar quanto é que eu queria cobrar. Eu disse ah! não é nada. Ele pegou e me deu trinta cruzeiro e eu achei que era muito, então dei de volta dez e fiquei com vinte. Nunca que nós fizemos preço, depois, ultimamente, eles davam um corte de vestido como presente no fim do ano”. De modo diferente do passado, hoje os colonos não cobram apenas nas Festas tradicionais (padroeiro e Gruta), embora seguindo alguns preceitos: nas Festas dos Ex-alunos e Motoqueiros cobraram pelo trabalho apenas os responsáveis pelo churrasco e pelo risoto, ressaltando dia chuvoso ou com pouco “movimento”; no Festival de Inverno cobrou quem trabalhou vários dias ininterruptamente. Inexistindo um valor estipulado, havia um caderno da Paróquia para ser assinado de um lado por quem cobrava constando o valor, do outro, por quem não cobrava. Diz Dona Regina serem os homens quem, com mais frequência, cobram, “talvez - aponta ela - as mulheres não sentem tanta falta de

⁴⁸ Carlos Rodrigues BRANDÃO, Cavalhadas de Pirenópolis, p. 24.

dinheiro”. Muitas mulheres, mesmo auxiliando vários dias, contínuos ou não, nunca cobraram, com exceção das coordenadoras. É possível perceber a existência de certa vigilância, por parte dos envolvidos, para saber quem cobra e quanto cobram nos trabalhos das festas.

Tornar-se especialista na elaboração de um alimento permite ser requisitado para todas as Festas e cobrar por seus préstimos. Para alguns moradores, esse trabalho passou a ter conotação de produtividade. Cabe indagar se essas alterações nas relações de trabalho-auxílio não seria uma forma de crítica e recusa ao instituído pela Igreja e ao próprio conteúdo das novas Festas.

Nos cinco dias da semana dedicados aos doces, pães e cucas, muitas foram as mulheres que aí contribuíram com seu trabalho. Homens, poucos, mais para atender os trabalhos denominados “pesados”: prover a lenha, sovar cuca, coletar doações. Afinal, “cozinha não é lugar de homem”. Quando apareciam eram requisitados para os trabalhos surgidos, envolvidos com anedotas e risos perante as situações apresentadas, sem cobrar quando desistiam ou se retiravam.

As festas são realizadas, em sua maioria, em período de trabalho agrícola não intenso. Aos homens, lhes é facultado a possibilidade de ausentarem-se durante a semana de preparativos, principalmente durante o dia. Para a Festa da Gruta, realizada em fevereiro, época de plantio e capina, as exceções tornam-se ainda mais plausíveis. Mas em qualquer período do ano, a passagem, por exemplo, de tempo chuvoso para dias com sol, impossibilita-os até mesmo de participarem da festa para encaminhar na lavoura o que ficou parado. A imprevisibilidade do tempo, muitas vezes, priva-os dos domingos e festas,

ameaçados pelo prejuízo de perder o período de plantio ou os grãos já prontos na roça.

Neste contexto, saindo das relações intra-familiares para as interfamiliares ou comunitárias, as diferenças e separações complementares entre homens e mulheres se afirmam. As tarefas são diferentes, os espaços diferentes, parecendo, no afã de concluir, dois mundos diferentes. O ambiente de domínio feminino (cozinha e forno) é separado do de domínio masculino (composto pelo depósito de lenha, pelas churrasqueiras, pelos fogões dos panelões), mas unidos por uma porta, onde a todo momento, nos dias de trabalho mais intenso, circulam homens e mulheres trocando informações, necessidades, compartilhando sufocos, mostrando haver interdependências e complementaridade entre si. A elaboração do risoto, tradicionalmente, tem sido feita por um homem e uma mulher: carnes e bebidas não são servidas aos participantes da festa pelas mulheres, do mesmo modo, os doces não são vendidos por homens, tampouco, no mesmo balcão que as bebidas. A elaboração do alimento, oscilando entre a festa e o sufoco, fala sobre a questão de gênero. Também os tipos de alimentos preparados e a forma como elaboram carregam consigo significados reveladores da identidade local. Alimentos como risoto, churrasco, cuca, doces, entre outros alimentos, marcam os momentos de exceção da rotina e do trabalho, quais sejam: domingos, festas, encontros intrafamiliares e entre vizinhanças. A comida, enfim, para além da sua materialidade, fala da família (modelo de organização familiar) e de relações sociais⁴⁹.

⁴⁹ Ver Klaas WOORTMANN, A comida, a família e a construção do gênero feminino.

As festas na vida dessas colonas, antes de marcarem ruptura com a existência diária, expressam uma continuidade entre o tempo do trabalho e o tempo da festa e, portanto, uma continuidade entre o familiar e o comunitário, entre o sagrado e o profano, entre o trabalho e a diversão, entre o “tradicional” e o “moderno”. A festa sintetiza a totalidade da vida da comunidade.

ÚLTIMAS CONVERSAS

O tempo é indivisível. Dize,
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas e fica a árvore,
Contra o vento incerto e várias.

A vida é indivisível. Mesmo
A quem se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
A mais inconsequente conversa.

“Pequeno poema didático”.
Mário Quintana.

Durante a pesquisa de campo, uma preocupação constante foi identificar as relações entre trabalho e diversão, quando no decorrer das conversas o discurso do trabalho era a marca. Onde e como apresentava-se a diversão na vida dessas mulheres?

Percebi que os conceitos incorporados por nós constituem-se como empecilhos. Eles regem nossa visão de mundo e fecham os olhos a outras possibilidades e outras formas de vida. A ação de pesquisar clama por um movimento nas vestes rígidas preconcebidas. Uma vez imbuída pelo discurso do lazer enquanto um tempo específico para o usufruto, concluiria a não existência desse na vida das colonas. Ou se o pensasse enquanto atividades determinadas afirmaria de imediato sua escassez nesse contexto.

Percebi, além disso, existir um hiato entre o discurso das colonas e o vivido por elas. A moral do trabalho fortemente introjetada e constantemente alimentada na vida dessas mulheres sucumbe o discurso do nada fazer, do descanso, da diversão. E, por último, percebi haver um hiato entre o enunciado por certos conceitos e a vida dessas personagens.

A realidade pesquisada apresenta-se pouco considerada pelos estudos do lazer. Se o lazer encontra-se relegado enquanto tema de pesquisa, ainda mais pela mediação do rural. Em geral, consta nos estudos, através de abordagem indireta ou como contraponto de outra realidade. Assim se apresenta, talvez, porque o lazer no meio rural não seja considerado um problema. Ou porque o lazer seja considerado fruto do sistema industrial instaurador da divisão entre trabalho e não-trabalho. E, desta forma, as imbricações no meio rural entre diversão e vida não são consideradas lazer.

As discussões dos autores sobre o lazer prendem-se, em sua maioria, a um tipo de sociedade e de relações sociais, desconsiderando a diversidade contida dentro dela. As palavras de Gilles Pronovost¹ aqui são oportunas, ao levantar que pensar os conceitos de lazer fora da história e das suas especificidades torna-se um tanto estreito e limitado.

Para teorizar sobre determinado aspecto da vida e do mundo, precisamos direcionar a eles nosso olhares e demais sentidos. Uma teoria não pode dar-se fora do horizonte da prática. Ensina Otaviano Pereira que a teoria não enraizada “neste pressuposto não é teoria porque permanece no horizonte da abstração, da conjectura, porque não ascendeu ao nível da ação. Por conseguinte, não permitiu ao homem avançar em direção à práxis. Práxis entendida como o coroamento da relação teoria/prática e como questão eminentemente humana”².

Cada grupo social engendra relações particulares e significativas, e estas devem ser consideradas. Pensar na questão do lazer inserida num contexto cultural é pensar na ação humana e nas inter-relações deste com a natureza e seus semelhantes.

Acompanhar e observar o cotidiano se fez imprescindível. Nele, encontrei riqueza de detalhes, o cenário onde pulsa a vida. Em torno dos afazeres da roça e da casa, das orações e das festas, gira a vida. O trabalho de semear e colher os grãos da terra movem as colunas pelos dias e anos, se não diretamente na lida da enxada, cuidando da manutenção da casa e dos membros da família. Criam e recriam formas de existência através do trabalho familiar.

¹ Gilles PRONOVOST, *Loisir, culture et société*.

² Pereira OTAVIANO, *O que é teoria*, p. 70.

Inseridos na lógica do mercado, não assimilaram no todo suas regras. O tempo que os guia continua a ser, preponderantemente, o da natureza. Produzem em conformidade com as estações do ano, com o movimento do sol, da lua e da vida local. A vida social aparece associada ao ritmo da natureza, às forças individuais e às influências da sociedade mais ampla³. Também os acontecimentos festivos são enraizados de acordo com o ritmo do ciclo agrícola e com o calendário religioso. O caráter fixo e religioso destas festas não lhes retira o caráter lúdico como fazem supor alguns estudos. As relações personificadas fazem com que os acontecimentos festivos caminhem no limiar entre o familiar e o comunitário. Não obstante, a forma como concebem o tempo e o espaço configuram formas específicas de vivenciar o trabalho e as diversões.

Se, de um lado, a interiorização da ótica produtivista produz um “corre-corre” diário, de outro, está presente o sabor do saber fazer. O divórcio entre saber e fazer, premissa básica da divisão social do trabalho na sociedade em que vivemos, não se materializa no seu todo no contexto estudado. Contudo, afirmar que a ética do trabalho não atingiu o cotidiano das colonas seria fechar os olhos à realidade vivida por elas. Os próprios corpos expressam uma vida de trabalho. Ou afirmar que relações capitalistas não estejam presentes nas diversas esferas de suas vidas, seria envolvê-las numa capa cujos poros transpiram as influências. Os depoimentos das colonas apontam para a valorização do trabalho, para as influências do tempo linear, para o tempo do mercado determinando o quê e quando produzir, para a mercantilização das festas. A interiorização da inferioridade presente na fala de Dona Corália - “eu nom tenho estudo, nom sei falá direito” - e de Dona Maria - “eu sô meia burra, me falta vocabulário, assim, pra

³ Determinando o que produzir, como produzir, os preços pagos, entre outros.

falá” - são expressões da interiorização da divisão técnica do trabalho, o qual produz a diferenciação social. Fica latente uma inquietação: Até quando continuarão se reconhecendo naquilo que fazem?

Voltando os olhos para o interior do universo dessas personagens, percebe-se o quanto ele está pontuado pela tensão que compreende viver relações não-mercantilistas no seio de uma sociedade regida predominantemente pelas relações mercantilistas. O impasse estabelecido na fronteira entre a mudança e a recusa é conflituoso e ambíguo e, nem sempre, conscientemente explicitado pelas colonas. Cobrar pelo trabalho realizado nas Festas da comunidade indica recusar o estabelecido pela Igreja, mas, de outro, indica a aceitação de relações movidas pelo dinheiro; discutir contra ou a favor da emancipação (de Vale Vêneto), conforme reuniões presenciadas, refletem o conflito do limiar entre as inovações e melhorias e a conservação de suas relações sociais. Entre as perdas e os ganhos, conscientemente ou não, eles sabem dos limites do poder que possuem e da força do poder exterior a eles.

O trabalho para além da sobrevivência é legado, ensinado por seus pais e avós, construído e reconstruído no decorrer de sua vida ensinado aos seus filhos e netos. Portanto, não é atividade estranha, mas herdada. A ação cotidiana afigura-se, de certo modo, como manifestação de seu saber e do seu querer. Ainda que organizem a lida em torno da família e que sejam dependentes do capital, não possuem, em sua maioria, horários demarcados, nem mesmo alguém a obedecer: “eu faço a minha lida com gosto, nom tenho hora marcada, ninguém me obriga” (Dona Augusta). O cotidiano toma feição de liberdade.

O trabalho, enquanto manifestação constituinte da vida, adquire conotação de auto-realização. E a diversão, amiúde de caráter religioso-católico,

apresenta-se relacionada ao todo social. Está integrada em suas vidas. Antes de ser um tempo, ou uma mercadoria a ser adquirida, é vivenciada no cotidiano, entremeada nos afazeres, na relação com a família e com a comunidade.

Parece ser necessário romper com a fundamentação do lazer na dicotomia trabalho/lazer, pois ela incapacita-nos de perceber a diversidade de relações sociais existentes, por exemplo, num país como o Brasil; incapacita-nos de perceber as diferenças e contradições existentes no interior de um grupo social e, mais especificamente, incapacita-nos de considerar as múltiplas formas de manifestação e expressão próprias do ser humano enquanto ser social.

Neste contexto, evidencia-se que o termo lazer, devido as formas como tem sido concebido, não cabe para qualquer realidade, daí as minhas reservas no uso do termo.

No âmbito do estudo, o lazer, antes de estar circunscrito a um determinado tempo, a determinadas atividades e espaços, ou ser uma questão de atitude, é parte constituinte de um todo. De outro modo, estaríamos segmentando-o e segmentando a vida dos sujeitos do estudo. Para as colonas, a sala, a cozinha, o quarto de costura, os fundos da casa, a roça, as estradas, o “povoado”, são espaços que podem se revestir de ludicidade. Não há um local e um tempo específico para sua realização, porque o lúdico, a diversão se inscrevem na ação diária. A flexibilidade na organização cotidiana das colonas, a noção de tempo natural e o fazer enquanto expressão de si mesmas e de um ser em comunidade permite aflorar o lúdico em suas vidas.

Estas relações sociais nos alertam para a artificialidade da fragmentação entre trabalho e diversão, entre saber e fazer, entre a cultura e o

vivido e para a artificialidade do tempo linear. Thompson⁴ bem traduziu sobre o tempo cronometrado enquanto mecanismo de controle, de dominação e sobre a contestação do povo às imposições de um outro ritmo, de uma outra lógica aos quais não estavam afeitos. A vida das colônias nos ensina que as necessidades humanas vão além das relações econômicas. Somos mais que seres produtivos.

Huizinga⁵, já em 1938, apontava para o desaparecimento do elemento lúdico na vida dos homens, alertando que quem perde com o seu desaparecimento é a humanidade. Com a perda do conteúdo não-material presente no jogo, da diversão ocasional, da arte, do sagrado, da estética, perdem-se qualidades essenciais da vida. Rompe-se com a totalidade e com a comunhão entre as coisas belas.

Na comunidade, resistem à individualização nas relações sociais e vivem relações mais personificadas, mostrando-nos o sabor encontrado aí. Ao permanecerem na terra, resistem para não tornarem-se “flor murcha”, como se refere Dona Ana à cidade e às pessoas que nela moram. Elas nos mostram o quanto é humano obedecer ao ritmo do mundo, da lua e do sol, o qual comporta a diversidade, o imprevisível, o inusitado e, também, o seguro retorno do que lhes é caro e estimado.

Recorrendo à narrativa de Herbert Read, ele nos lembra: “Não é a alma humana, em sua liberdade, que anseia por entretenimento e pelo fim do tédio: são as almas amontoadas nas cidades, afastadas da terra e das quatro estações, privadas da alternância natural de atividades que satisfaçam. A cidade

⁴ E. P. THOMPSON, em O tempo, a disciplina do trabalho e o sistema industrial, através do instrumento relógio, indica como se deu a generalização do controle do tempo e do ritmo na vida das pessoas.

⁵ Johan HUIZINGA, Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. A 1ª edição do original se deu em 1938.

é literalmente um complexo, e deste emerge uma vasta neurose social, da qual esse ‘problema do lazer’ é apenas um dos sintomas”⁶. O contato com as coisas simples e sensações de bem estar proporcionadas, conforme os depoimentos das colonas, pela brisa após a chuva, pelo orvalho na grama, pelos grãos colhidos, de certo modo, não fazem parte do cotidiano daqueles cuja vida realiza-se predominantemente entre bases de concreto e cujas mãos não tocam a terra.

A comunidade atua, bem expressa Henri Mendras⁷ sobre os pequenos camponeses, como “cápsula protetora” contra valores ofensivos à moral que os regem. As relações personificadas, os atos de reciprocidade, os espaços e divertimentos em comum e o exercício de vigilância à conservação de preceitos movendo o cotidiano desses colonos, atuam como forma de subsistirem aos efeitos estruturais das relações de mercadorias. Ou, nas palavras de José V. Tavares dos Santos referindo-se aos colonos da Comunidade de São Pedro, RS, “a comunidade aparece como dimensão da consciência camponesa, cuja gênese ocorre pela específica reconstrução da realidade social feita por esse personagem histórico singular”⁸.

A vida em comunidade tem como um dos vínculos de sustentação o jogo, as festas, os encontros na “Sociedade”, enfim, as manifestações lúdicas. Funcionam como elo de ligação constante entre os colonos e, entre a diversão e a discussão, alimentam laços de solidariedade e as regras que constróem e reconstróem as relações sociais. Bem nos mostrou o próprio estudo dessas manifestações que, ao lado da solidariedade, desenvolvem-se, também, desigualdades, diferenças e contradições no interior deste grupo social. Portanto,

⁶ Herbert READ, A redenção do robô, p.57.

⁷ Henri MENDRAS apud. Klaas WOORTMANN, Cum parente não se neguceia, p. 39.

⁸ José V. Tavares dos SANTOS, Colonos do vinho, p. 158.

o uso do termo comunidade não teve a intenção de conotar relações homogêneas, mas designar um agrupamento que se move em torno de um coletivo e troca identidades determinadas por essa coletividade. Diferindo, pois, dos bairros urbanos onde os indivíduos estabelecem identidades entre si, majoritariamente, por sua inserção nas relações de produção⁹.

O estudo das manifestações festivas apontaram, ainda, para as dificuldades engendradas nos moradores da colônia: distância entre as residências e o “povoado” , falta de companhia para determinados acontecimentos, isolamento, diversidade dos trabalhos diários e inadiáveis, divisão de tarefas, valores morais. Essas dificuldades restringem possibilidades e asseguram às mulheres o espaço doméstico. Mas, se geram dificuldades para a participação dos jogos, celebrações religiosas e festividades, a aspiração e a superação, por vezes, desses entraves, demonstradas pelas colonas, apontam para o quanto necessitamos do encontro, do outro e da festa na vida.

Essas mulheres, cuja formação desde a mais tenra idade se deu pelo trabalho, antes das letras, oferecem, através de suas vidas, lições que podem contribuir para a humanização das relações sociais.

Repensar os rótulos dirigidos a essas populações parece necessário. Taxar suas formas de vida e seus valores de conservadores, ultrapassados, significa, muitas vezes, consagrar como correta e moderna uma outra realidade. O repouso nos estereótipos, nos lembra Ecléa Bosi¹⁰, conduzem a um estreitamento do campo mental, pois recortamos e recolhemos o que se encaixa e enquadra e desprezamos tudo o mais. Por conseguinte, presos em suas

⁹ Ver Néstor García CANCLINI, As culturas populares no capitalismo.

¹⁰ Ecléa BOSI, Entre a opinião e o estereótipo, Novos Estudos CEBRAP, n.32, p.111- 18.

malhas, estaríamos desconsiderando o processo de continuidade de um estilo de vida aprendido ao qual também somos herdeiros. E, além disso, estaríamos virando as costas ao cotidiano, enquanto terreno multifacetado capaz de abarcar ambigüidades e contradições.

“São as gotas de passado vivas que se deve preservar zelosamente, em toda parte, em Paris ou no Taiti, indistintamente, porque não há muitas mais no globo inteiro”¹¹, chama atenção Simone Weil. E continua na sua argumentação lembrando que “não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado”¹². E sugere a necessidade de “encarar, antes de mais nada, em toda a inovação política, jurídica ou técnica suscetível de repercussões sociais, uma conciliação que permita aos seres humanos reencontrarem suas raízes”¹³.

Tais proposições, como podem parecer, não são um evocar nostálgico ou clamores de retorno ao passado. O sistema industrial é o nosso legado. Mas, se não quisermos fechar os olhos às artificialidades geradas por ele e às suas conseqüências, podemos aprender através da voz e das mãos das colonas que o trabalho e a diversão, antes de serem tempos determinados e atividades determinadas, são partes articuladas constituintes da vida.

¹¹ Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão, p. 353.

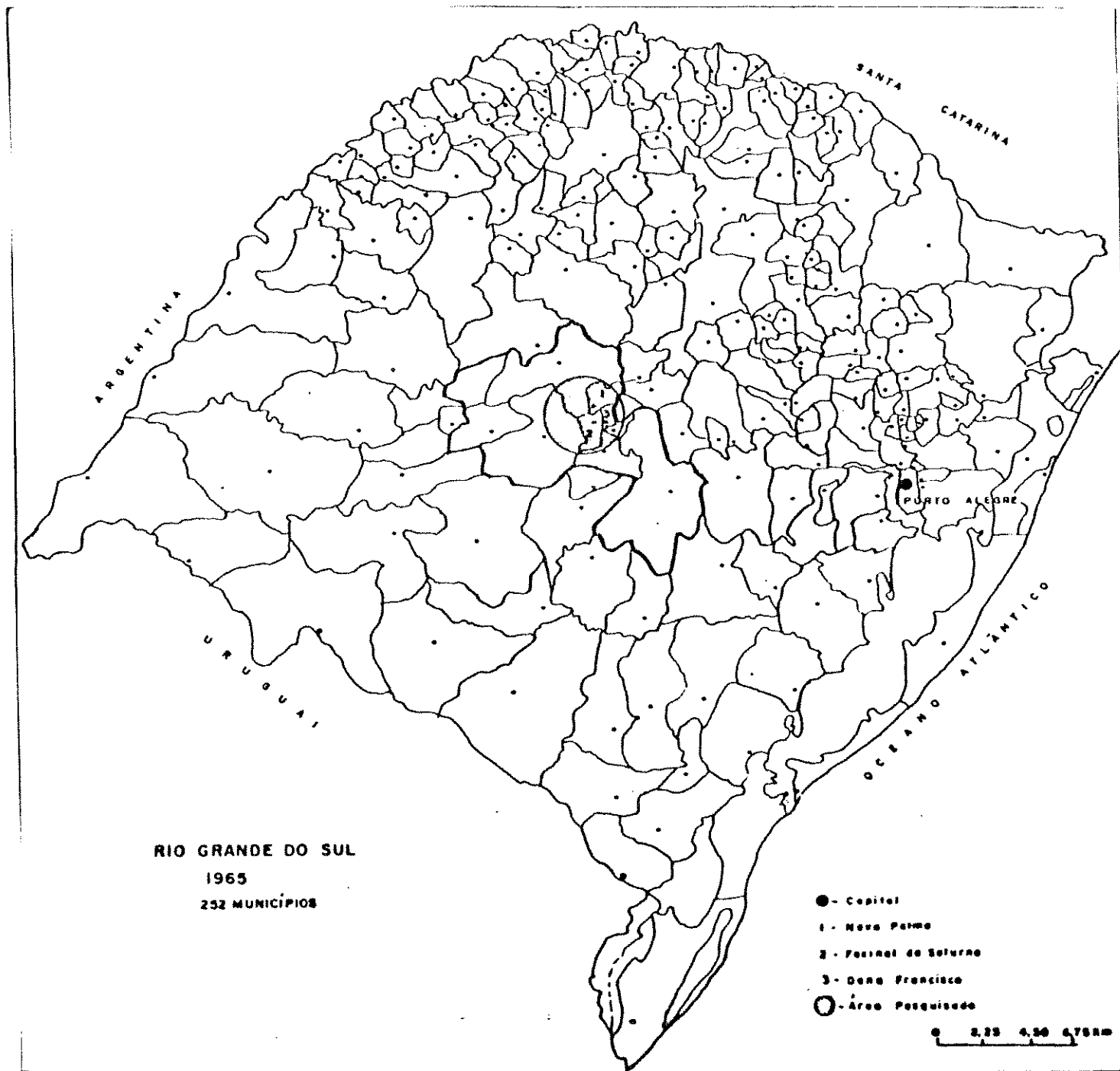
¹² Ibid., p.354.

¹³ Ibid., p.354.

V - ANEXOS

Anexo - 1

5.1- Mapa político do Rio Grande do Sul

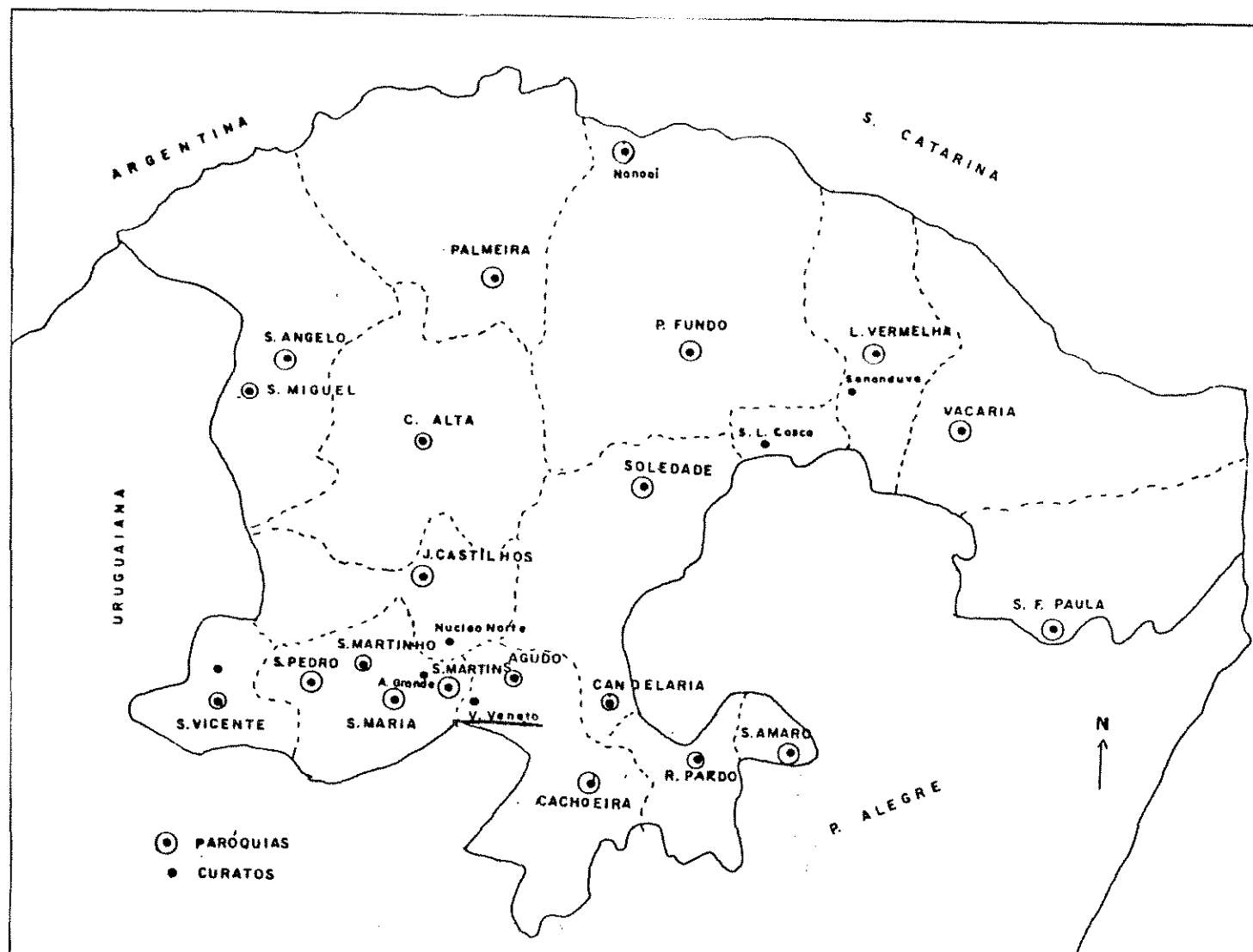


Fonte: FELIZARDO, Júlia Neto. Evolução administrativa dos Municípios. (s/d) p.90

Nota: O município de São João do Polêsine não consta no mapa pois foi criado no ano de 1992.

Anexo - 2

5.2- Mapa da diocese de Santa Maria



FONTE: RUBERT, Arlindo. A diocese de Santa Maria, 1975, p.84.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 - ARTIGOS, TESES E LIVROS

ARANTES, Antonio A. Horas furtadas. Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas, n.27, abr.1993.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. Colônia italiana : religião e costumes. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço Brindes, 1981.

BATTISTEL, A., COSTA, Rovílio. Assim vivem os italianos: vida, histórias, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Universidade de Caxias, 1982.

BETTELHEIM, Bruno. O coração informado. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo : Cultrix, 1983.

_____. Cultura com tradição. In: BORNHEIM, Gerd et al. (Org.). Cultura brasileira tradição/contradição. Rio de Janeiro : Zahar/Funarte, 1987.

BOSI, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. 5.ed. Petrópolis : Vozes, 1981

_____. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

_____. O trabalho manual. In: SMRECSANYI, Maria Irene de Q. F. (Org.). Cotidiano cultura popular e planejamento urbano. São Paulo : FAU/USP, 1985, p. 73-76 .

_____. Entre a opinião e o estereótipo. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, n. 32, p. 111-18, mar. 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural. São Paulo : FTD, 1990.

_____. A cultura na rua. Campinas : Papyrus, 1989.

_____. Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 1986.

_____. Cavalcadas de Pirenópolis. Goiânia : Oriente, 1974.

BRUSCHINI, Cristina. Mulher, casa e família. São Paulo : Vértice, 1990.

BRUHNS, Heloísa Turini. O corpo joga, trabalha, dança e festeja. Campinas, 1992, Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Filosofia e História da Educação, UNICAMP, 1992.

BRUMER, Anita, FREIRE, Nadia M.S. O trabalho da mulher na pequena produção agrícola. Revista do Instituto de filosofia e Ciências da UFRGS, Porto Alegre, p.305-21, 1983/84.

BUZANELO, Pio. A história de nossa gente. Santa Maria : Pallotti, 1952.

CALLEGARO, Iara. Estratégias de sobrevivência familiar em pequenas propriedades rurais. Santa Maria, 1990, Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Centro de Economia Rural, UFSM, 1990.

CAMARGO, Cândido P. Ferreira. In: SZMRECSÁNYI, Tamás, QUEDA, Oriowaldo, (Org.). Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural. 3. ed. São Paulo : Nacional, 1979.

CANCLINI, Néstor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo : Brasiliense, 1982.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Cultura e democracia: o discurso competente entre outras falas. 5.ed. São Paulo : Cortez, 1990.

_____. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 6. ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.

_____. Cultuar ou cultivar. Teoria e Debate, n. 8, p. 50 - 6, out./dez. 1989.

COSTA, Rovílio. Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1986.

DE BONI, Luis A., COSTA, Rovílio. Os italianos no Rio Grande do Sul. 2.ed. Porto Alegre : Vozes, 1982.

DUCCATI NETO, Antônio. A vida nas colônias italianas. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias, 1979.

DUMAZEDIER, Jofre. Lazer e Cultura popular. São Paulo : Perspectiva, 1973.

_____. Sociologia empírica do lazer. São Paulo : Perspectiva, 1979.

DURHAM, Eunice R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. In:_____. Ensaio de Opinião 2+2. Rio de Janeiro : Imíbia, p.33 - 35, 1977.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 6. ed. São Paulo : Ed. Nacional, 1971.

ECHEVERRIA, Thais M. Caipiras e samurais modernos: um estudo sobre pequenos proprietários rurais na microbacia do Rio Cachoeira. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1993.

- FELIZARDO, Júlia Netto. Evolução administrativa dos municípios: criação dos municípios. Instituto Gaúcho de Reforma Agrária. Divisão de Geografia e Cartografia - IGRA, (s/d).
- FONSECA, Cláudia. Trabalhadoras sem terra: um estudo de caso do trabalho feminino no campo. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da URG, Porto Alegre, v.7/8, p.273-283, 1979/80.
- FRIEDMANN, Georges. O trabalho em migalhas: especialização e lazers. São Paulo : Perspectiva, 1972.
- FUKUI, Lia Freitas Garcia. Sertão e bairro rural. São Paulo : Ática, 1979.
- GARCIA Jr., Afrânio R. Terra de trabalho. Rio de Janeiro : São Paulo, 1983.
- GARDELIN, Mário. Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes literárias. Rio Grande do Sul : Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Universidade de Caxias do Sul, 1988.
- GEBARA, Ademir. O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. Ponta Grossa, 1994. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., Coletânea. Ponta Grossa, 1994, p. 175 -89.
- GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José H. (Org.). RS: Imigração & colonização. 2. ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1992.
- GRAZIA, Sebastian de. Tiempo, trabajo y ocio. Madrid: Tecnos, S.A, 1966.
- HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 2. ed. São Paulo : Loyola, 1992.
- HEREDIA, Beatriz. A morada da vida. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.
- HOBSBAWN, Eric. A era dos Impérios. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HUIZINGA, Johan. Homo ludens. 4. ed. São Paulo : Perspectiva, 1993.
- IANNI, Octávio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: _____. Imigração italiana: estudos. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes / Universidade de Caxias do Sul, 1979.
- LAFARGUE, Paul. O direito à preguiça. 3. ed. São Paulo : Kairós, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. Critique de la vie quotidienne. Paris : L'Arche, 1958. t.1.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. 3.ed. Campinas : UNICAMP, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Lembranças de velhas colônias italianas: trabalho, família e educação. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez. 1990.

MAGNANI, José Guilherme C.. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo : Brasiliense, 1984.

MARCELLINO, Nelson C. Lazer e humanização. Campinas : Papirus, 1983.

_____. Pedagogia da animação. Campinas : Papirus, 1990.

_____. Lazer e educação. Campinas : Papirus, 1987.

MARCUZZO, Clementino. Cinqüentenário da Gruta de Vale Vêneto 1942 - 1992. Santa Maria : Pallotti, 1992.

MARIN, Jerri Roberto. "Ora et Labora": o projeto de restauração católica na ex-colônia Silveira Martins. Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

MARIN, Joel Orlando. O integralismo na ex-colônia italiana de Silveira Martins - RS. FÓRUM DE CULTURA ITALIANA DO RS 1., Silveira Martins, RS, 17-19 out. 1990.

MARX, Karl. Economia política e filosofia. Rio de Janeiro : Melso, 1963.

MELO, Sylvia L. de. Constância e permanência: as mulheres da periferia de um bairro de São Paulo. Travessia: revista do imigrante, p. 17-21, maio/ago. 1990.

MORIGI, Valdir J. Antigamente era assim... as mudanças sociais no campo e na festa camponesa. In: ENCONTRO NACIONAL PIPSA/SUL, 1., Curitiba, 1988.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Vidas Compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos. São Paulo, 1993. 2 v. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - USP, 1993.

PEREIRA, Otaviano. O que é teoria. São Paulo : Brasiliense, 1986.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

_____. De Marianne a lulu: as imagens da mulher. In: BERNUZZIDE, Denise. (Org.) Políticas do corpo. São Paulo: Sant'Anna/Est. Liberdade, 1995. p. 163 - 183.

PESAVENTO, Sandra J. História do Rio Grande do Sul. 6. ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1992.

PRADO, Adélia. Poesia reunida. São Paulo : Siliciano, 1991.

- PRADO, Regina de Paula S. Todo ano tem: a festa na sociedade camponesa. Rio de Janeiro, 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional, 1980.
- PRONOVOST, Gilles. Loisir, culture et société. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 5., 1993, Bertioga. Conferência. Bertioga : SESC/UNICAMP, 1993.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Do rural e do urbano no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, Tamás, QUEDA, Oriowaldo. (Org.). Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural. 3.ed. São Paulo : Nacional, 1979.
- QUINTANA, Mário. 80 anos de poesia. 3.ed. São Paulo : Globo, 1994.
- READ, Herbert. Educação nas coisas. In: _____. A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte. 2.ed. São Paulo : Summus, 1986, p. 48 - 61.
- RIBEIRO, Cleodes, TONIAZZO, Maria. O artesanto feminino na região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. In: Anais do Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, 1., 2., Imigração Italiana: estudos. p. 223- 240, 1979.
- RIESMAN, David. A multidão solitária. São Paulo : Perspectiva, 1971.
- RUSSEL, Bertrand. Elogio do lazer. São Paulo : Cia Ed. Nacional, 1957.
- SANTIM, Silvino. A imigração esquecida. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia, 1986.
- _____. Dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante italiano na ex-colônia de Silveira Martins. In: DE BONI, Luís A. (Org.). A presença italiana no Brasil. Porto Alegre : Fundacione Giovanni Aguelli, 1990.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo : Hucitec, 1978.
- SCHAFER, R. Murray. O mundo dos sons. Correio da Unesco, 1977.
- THOMPSON, Edward P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991. p. 44 - 93.
- TUAN, Y. Fu. Espaço e lugar. São Paulo: Difil, 1983.
- WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais. Campinas : UNICAMP, 1992. v.1.
- WEIL, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de janeiro : Paz e Terra, 1979.

WOLF, Eric R. Sociedades camponesas. Rio de Janeiro : Zahar, 1970.

WOORTMANN, Ellen F. Da complementariedade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” do nordeste. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.7, n. 18, p.41 - 60, fev. 1990.

_____. O sítio camponês. Anuário Antropológico/81, Fortaleza, p.164 - 203, 1983.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia”: o campesinato como ordem moral. Brasília, n. 69, [1980?].

_____. A comida, a família e a construção do gênero feminino. Brasília, n.50, 1985.

WRIGHT MILLS, C. A imaginação sociológica. 4. ed. Rio de Janeiro : Zahar, p.211 - 243, 1982.

VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento. 29. ed. São Paulo : Globo, 1994.

6.2 - DOCUMENTOS DIVERSOS

Atas das reuniões das Filhas de Maria (1924 - 1960)

Atas das reuniões do Apostolado da Oração (1921 - 1995)

Jornal Especial do IX Festival de Inverno e da IX Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto. Julho/Agosto de 1994.

Manual da Pia União das Filhas de Maria. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1946.

Manual do Coração de Jesus. 30.ed. Rio de Janeiro: Mensageiro do Coração de Jesus.

Revista “Regina Apostolorum”. Vale Vêneto (1954 - 1990)